

Dinazilda Cunha de Oliveira

***A HISTÓRIA DE TERESA: A FILHA DOS ACORDOS DE LUSAKA EM
PORTUGAL. Trajetória, experiências e subjetividades: imigração,
relações de gênero e “raça”, violência e saúde.***

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MESTRADO EM TEMAS DE PSICOLOGIA
Área de especialização:
Psicologia da Saúde
2010

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

A HISTÓRIA DE TERESA: a filha dos acordos de Lusaka em Portugal.
Trajetória, experiências e subjetividades: imigração, relações de gênero e “raça”,
violência e saúde.

Dinazilda Cunha de Oliveira

Dissertação apresentada no Mestrado Temático de
Psicologia, área de especialização Psicologia
da Saúde, Faculdade de Psicologia e de
Ciências da Educação da Universidade do
Porto, orientada pela Professora Doutora Maria
José Magalhães. (F.P.C.E.U.P.)

*Para Darlete, mamãe.
Por ter me ensinado o valor do trabalho e da
perseverança! E por esses dias distantes, mas que
jamaís separaram nosso amor.
“Ser forte é parar quieto; permanecer”
(Guimarães Rosa)*

AGRADECIMENTOS

À, Deus.

À, minha mãe agradeço por todo seu esforço e luta para que eu tivesse uma educação pública de qualidade. E pelo seu amor e dedicação.

À, tia Anézia por todo o amor e carinho que fizeram parte da minha criação e forjaram um pouco do que sou. Sua presença foi sempre especial e essencial em minha vida.

Ao papai (*in memoriam*) e avós paternos (*in memoriam*) que sempre demonstraram o amor e o orgulho que sentiam de mim.

À, família Cunha, especialmente vovó Amélia (*in memoriam*) e à querida família Ventura.

Meus eternos agradecimentos à Teresa, por ter aceitado contar a sua história. Não tenho palavras para expressar minha gratidão.

Ao David, por ter estado ao meu lado em momentos cruciais deste percurso lusitano. Sua presença trouxe luz aos dias cinzentos e frios. Seu carinho e apoio foram imprescindíveis!

Aos amigos/as brasileiros/as que, mesmo estando do outro lado do oceano, não deixaram de demonstrar seu carinho, afeto e a torcida positiva por esta minha aventura além-mar. Queridos/as Samuel, Polly, Rainer, Giovana, Rei, Aender, Candi, e todos/as.

Ao povo mineiro cuja história vive em mim. Minas Gerais é um troço que gruda na gente e nunca mais esse trem larga.

Ao povo brasileiro que tanto me orgulha por sua luta, coragem, superações e criatividade. Nossa história, cultura e alegria são um patrimônio mais que precioso.

Aos amigos/as lusitanos/as que consegui fazer e que me acolheram com seu carinho. Sofia, a primeira pessoa que me estendeu a mão e me ajudou a entender um pouco do mundo que eu acabava de conhecer. A Ana e a Maria, pelos momentos divertidos e felizes que vivemos juntas. À, Tânia e família Barbosa, pelo maravilhoso natal de 2008! Ao Cláudio, Emiliana, Joana e todos/as que me apoiaram.

Aos amigos/as brasileiros/as que fiz por aqui e que deram um gostinho de familiaridade e de “casa” a esta experiência: Adma, Vanda, Fernanda, Elisandra, Cristina, Kaká, Wal, Vitória. E Juracy Toneli, obrigada pelo carinho.

Aos colegas da residência universitária de Paranhos.

Ao povo africano minha profunda admiração e respeito!

À, minha orientadora, professora Maria José Magalhães, a Gi da UMAR. Pela recepção inicial e acolhimento das minhas idéias. E pelo apoio na elaboração da pesquisa.

À, professora Cristina Queirós, pelo apoio institucional como coordenadora do mestrado.

À, professora Conceição Nogueira, por participar na avaliação desta dissertação.

Aos colegas com quem estudei ao longo de todos esses anos escolares e que também muito me ensinaram.

À, Universidade Federal de Minas Gerais, minha universidade mãe. Pela educação gratuita e de alta qualidade que me foi oferecida! Aos meus colegas de curso e aos meus professores de psicologia da FAFICH. Especialmente: Lúcia Afonso, Sandra Azerêdo e Vanessa Barros.

Aos meus ex-alunos/as do curso de psicologia da UNIPAC-Barbacena e aos colegas professores: Alex, Gean Paula, Catarina, Renato e Serginho.

À, Providência Nossa Senhora da Conceição e aos colegas, estagiárias e famílias do Programa Criança Pequena, Agentes de Pastoral Negros e Pastoral da Criança/MG.

À, todos os clientes, grupos, famílias, alunas e alunos que tive. Por terem sido fontes inspiradoras nesta busca incessante pelo conhecimento.

À, CRH e RH mais por me proporcionarem a oportunidade de trabalhar e conseguir sustentar financeiramente este objetivo. Agradeço, especialmente, ao Zé Tó, Marco Dias, Hugo Sousa, Micaela Fernandes, Sônia Afonso, Paulo Sobral. Aos meus colegas de trabalho que, cotidianamente, compartilharam esta árdua tarefa. E aos clientes da Zon TVCabo, que além de garantirem o meu sustento, também me ensinaram muitas coisas sobre o ser humano e sobre o povo português. É realmente uma experiência inesquecível! Foi uma âncora fundamental.

Às professoras Maria José Esteves de Vasconcellos, Sônia Coelho e Juliana Aun (*in memoriam*). E aos colegas da Especialização em Atendimento Sistêmico a Famílias e Redes Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Ao Rio Douro, pela beleza, inspiração e conforto que suas águas me despertaram.

Aos que têm coragem para ousar, para quebrar as amarras do tradicionalismo e mudar.

Ao meu id, ego e super ego, por terem suportado.

Aos que acreditaram em mim e que à sua maneira, de alguma forma, contribuíram para que eu conseguisse cumprir esta meta. Muito Obrigada!

“Em volta do fogo todo mundo abrindo o jogo
Com tudo que tem pra contar
Casos e desejos coisas dessa vida e da outra
Mas nada de assustar
Quem não é sincero sai da brincadeira correndo pois pode se queimar
Queimar”
(Caxangá – Milton Nascimento/ Fernando Brant)

*“Eu tentei compreender
A costura da vida
Me enrolei pois
A linha era muito comprida
Mas como é que eu vou fazer
Para desenrolar
Para desenrolar”
(Sérgio Pererê – Tamboletê)*

*“A vida inventa! A gente
princípio as coisas, no não saber
por que, e desde aí perde o poder de
continuação - porque a vida é
mutirão de todos, remexida e
temperada. (...) Aí, narro. O senhor
me releve e suponha.” (Guimarães
Rosa)*

RESUMO

Esta pesquisa apresenta a história de vida de uma estudante africana, que imigra de Moçambique para Portugal. A história de Teresa ilustra a realidade de muitas mulheres imigrantes. A força do relato impulsiona o principal objetivo, que é a análise dos fenômenos psicossociais implícitos na imigração feminina africana, partindo de um estudo de caso. As questões da adaptação, o racismo, a violência de gênero, o sexismo, fazem parte desta histórias de vida. Este estudo nos possibilita apreender e compreender a riqueza da subjetividade inscrita na trajetória desta mulher e é o ponto de partida para adentrarmos nos meandros de um conjunto de vivências sociais. Para tanto, articulamos o conteúdo expresso no discurso às reflexões acerca das questões da imigração feminina, sob a ótica das relações de gênero e “raça”, violência e saúde. As experiências e subjetividades da narradora e o desafio que a história nos traz, no sentido de encontrar caminhos heurísticos para a construção do conhecimento, nos possibilita análises e teorizações. A pesquisa, cumpre o objetivo do método de histórias de vida, à medida que traz à tona a «subjetividade explosiva» presente na narrativa. Portanto, este estudo é um importante contributo à investigação psicossocial acerca da imigração feminina moçambicana e africana em Portugal, pois apresenta uma proposta científica ainda pouco explorada, tanto na psicologia portuguesa como na generalidade desta ciência.

ABSTRACT

This research presents the life story of an African student who immigrated from Mozambique to Portugal. Teresa's life history illustrates the reality of many migrant women. The power of this history drives to the main objective, which is the analysis of psychosocial phenomena implicit in African female immigration, from a case study. Subjects about place adaptation, racism, gender violence, sexism, are part of this life history. This study allow us to understand and comprehend the richness of subjectivity inside the case of this woman, and represents the begin of comprehension of a set of social experiences. So, we articulate the content expressed in her speech to reflections about female immigration at the perspective of gender and race relations, violence and health. The experiences and subjectivities of the narrator and her challenges in order to find ways to build heuristic knowledge allows analysing and theorizing. The research, fulfills the goal of a life history, showing the «explosive subjectivity» inside this narrative. So, this study is an important contribution to psychosocial research around Mozambican and African women immigration in Portugal, because it represents a scientific proposal still underused, both in portuguese and general psychology.

RÉSUMÉ

Cette recherche présente l'histoire de vie d'une étudiante africaine qui à immigré du Portugal au Mozambique. L'histoire de Teresa illustre la réalité de beaucoup de femmes immigrées. La force du récit de vie nous conduit au principal objectif, qui est l'analyse des phénomènes psychosociaux implicites dans l'immigration des femmes africaines, à partir de l'étude de cas. Les questions sur l'adaptation, le racisme, la violence entre les sexes, le sexisme, font partie de ces histoires de vie. Cette étude nous permet également de saisir et de comprendre la richesse de la subjectivité inscrite dans l'histoire de cette femme et constitue le point de départ pour entrer dans les subtilités d'un ensemble d'expériences sociales. Pour ce faire, nous articulons le discours de Teresa à la réflexion sur les questions de l'immigration féminine dans la perspective des relations entre les sexes et la race, la violence et la santé. L'histoire permet l'analyse et la théorisation à partir des expériences et des subjectivités du narrateur, en vue de trouver les moyens de renforcer les connaissances heuristiques. La recherche remplit l'objectif d'une histoire de vie, car elle met en évidence la «subjectivité explosive» dans ce récit. Par conséquent, cette étude constitue une contribution importante à la recherche psychosociale sur les femmes en provenance du Mozambique et de l'immigration africaine au Portugal, car elle présente une proposition scientifique qui est encore sous-explorée en psychologie au Portugal, tout comme dans psychologie en général.

ÍNDICE

Teresa, a filha dos acordos de Lusaka em Portugal	XII
<i>Ela é dos acordos de Lusaka, nasceu nesse ano</i>	XII
<i>Havia uma separação perceptível nessa história</i>	XIV
<i>Primeira coisa [com] que me deparei foi o frio. Depois comecei a engordar</i>	XVII
<i>Tem que lhe doer sempre qualquer coisa</i>	XVIII
<i>A [primeira] experiência de trabalho acabou por ser útil na minha própria vida</i>	XX
<i>O dono: «Pareces uma barata tonta!»</i>	XXII
<i>Olha o preto! Olha aquela pessoa ali!</i>	XXIII
<i>Acabamos vivendo juntos e nunca mais saiu, né?</i>	XXIV
<i>E ser mulher, aqui, significa lutar! Não é fácil ser mulher imigrante!</i>	XXV
<i>Só porque és mulher, és africana, já começam...</i>	XXV
<i>Há portugueses e portugueses!</i>	XXX
<i>E na faculdade... Formaram-se uns grupos mais escuros ali, umas ilhas escuras</i>	XXXII
<i>Estás a percorrer um bocadinho daquilo que eu sou, os meus passos!</i>	XXXIII
<i>A aproximação é feita ao inverso</i>	XXXIV
<i>Um peixinho fora d'água!</i>	XXXVI
<i>E eu fiz uma promessa</i>	XXXVII
<i>Eu agora tenho muito para contar</i>	XXXVIII
<i>Temos, claro, os nossos defeitos</i>	XL
<i>O aspecto exterior conta, a “raça” conta! O status conta!</i>	XLI
<i>A preta aqui está bem!</i>	XLII
<i>«Preta, com muito orgulho!» Eu acho que todas as “raças” têm uma cor</i>	XLIV
<i>Cá, longe, significa também perder família distante</i>	XLV
<i>Vou voltar, mas vou ter que me refazer como pessoa</i>	XLVI
<i>Todos nós somos importantes e temos uma história para contar</i>	XLVII

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO 6

1. Articulando os conceitos de gênero, “raça” e classe social.	6
2. Mulheres e imigração: africanas em Portugal	8
3. As moçambicanas na diáspora	10
4. A violência e a saúde em interface com o fenómeno migratório	12

CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO 17

1. História de vida: uma opção metodológica	17
1.1. Aspectos Iniciais	17
1.2. Quem conta esta história?	20
1.3. A elaboração de uma história de vida: coleta, registro e análise.	21
2. Análise da História de Teresa	26
2.1. Análise de conteúdo: Uma breve introdução.	26
2.2. Uma identidade forjada pela história da libertação: <i>Ela é dos acordos de Lusaka!</i>	27
2.3. A integração: <i>Ah, eu faço-me de maluca!</i>	28
2.4. Os impactos da imigração na saúde: <i>Presa num inverno maluco!</i>	36
2.5. Discutindo relações de gênero, “raça” e violências	37
2.5.1. <i>Ser mulher num contexto mais europeu.</i>	37
2.5.2. <i>Eu era a única preta e a única mulher!</i>	38
2.5.3. <i>A visão sexualizada da estrangeira: “mas quanto é que é?”</i>	39
2.5.4. <i>Na rua se me confundem...</i>	40
2.5.5. <i>A «raça» conta. O status conta.</i>	43
2.6. Projetando o retorno: <i>Começa a vir o bichinho de regressar a casa.</i>	46
3. A história de vida como reconstrução de si: <i>Todos nós temos uma história para contar.</i>	49

CONCLUSÕES	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

*“E quem garante que a História
É carroça abandonada
Numa beira de estrada
Ou numa estação inglória*

*A História é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue*

*É um trem riscando trilhos
Abrindo novos espaços
Acenando muitos braços
Balançando nossos filhos”*

(Chico Buarque)

Teresa, a filha dos acordos de Lusaka em Portugal

*“Lo que brilla con luz propia
Nadie lo puede apagar
Su brillo puede alcanzar
La oscuridad de otras costas”
(Pablo Milanés)*

Ela é dos acordos de Lusaka, nasceu nesse ano

Olha, eu chamo Teresa, sou africana. Sou africana, mas tou aqui também perdida em Portugal há dezesseis anos. Não perdida, mas pronto. Vim cá pra estudar, buscar meu décimo segundo ano. Demorei algum tempo para terminar o curso. Mas antes disso, falar de onde eu venho, não é? Eu chamo Teresinha, sou moçambicana de nacionalidade, mas não nasci lá. Isto porque, na altura da guerra colonial, nasci em 1974, os meus pais estavam na Tanzânia e conheceram-se lá. Eles foram parar lá pelo mesmo motivo, que era lutar pela independência do país e, entretanto, um ano depois do meu nascimento, Moçambique ficou independente. Foi em 1975 que a maioria dos países de língua oficial portuguesa que na altura eram colonizados pelos portugueses, colônias portuguesas, ficaram independentes. Nessa altura, 1974, 1975 já foi Moçambique e mais alguns países por aí a fora. E eu e a minha irmã mais velha nascemos na Tanzânia porque o meu pai foi pra lá ainda muito jovem, tinha 16 anos e a minha mãe também, ela tinha uns 12 anos. O meu pai foi sozinho. A minha mãe foi com a família toda, os meus avós e os irmãos dela, dez irmãos, onze com ela. Foram para lá e pronto, não era só lutar pela guerra, as pessoas continuavam a ter a sua vida normal e conheceu meu pai. Portanto, casaram e eu e minha irmã mais velha somos frutos dessa união e dessa caminhada para a independência de Moçambique. Passados seis meses, já se tinham dado os tais acordos de Lusaka, que foi o encontro entre portugueses e moçambicanos que estavam a combater pela libertação de

Moçambique. Setembro foi o tal acordo de Lusaka em que, no fundo, foi importante para Portugal conceder a independência de Moçambique. Isso em setembro de 1974. Eu já tinha nascido em junho de 1974, muitas das vezes o meu pai diz: “Ela é dos “acordos de Lusaka”, nasceu nesse ano!” E, por acaso, [ele] até participou mesmo nesse acordo, teve lá presente. Meu pai é militar e participou ativamente na luta de libertação — chamam luta de libertação. Naquela altura, havia vários grupos que lutavam pela independência de Moçambique e apareceu um grande líder que se chamava Eduardo, que morreu num atentado na altura já em... Não sei precisar bem a época, mas foi uns anos, não sei, parece que foi nos anos [19]70 ou 60. Conseguiu unir os vários grupos que lutavam pela independência de Moçambique num só, já que a união faz a força! E partiram para a Tanzânia, país onde eu nasci, para melhor se organizarem, já que [em] Moçambique era complicado, porque era dominado pelos portugueses. Então, a guerra tinha que partir de fora para dentro. Ele [pai] participou na tal guerra, era militar, general, agora na reserva, não tá a desempenhar as suas funções, mas foi a partir daí. [Ele] teve formação na China, na Argélia, em Cuba, num sentido de dar melhor preparação, não só ele como outros combatentes na altura, são chamados agora antigos combatentes em Moçambique. Daí a sua carreira militar que acabou por continuar, dar continuidade depois da independência. Voltamos pra Moçambique, [ele] desempenhou vários cargos a nível do Ministério da Defesa, como comandante provincial, como secretário de Estado, outras funções. A minha mãe, enfermeira. Enfermeira, mas ligada também à área militar, sempre trabalhou nos hospitais militares porque ela também, na altura da guerra, fazia parte do destacamento feminino, não participou diretamente na guerra mas era militar, entre aspas, mas a desempenhar outras funções no seio daquela luta que havia. Voltaram pra Moçambique, ela como enfermeira, mas a trabalhar nos hospitais, sempre nos hospitais militares moçambicanos. Cada vez que íamos para uma província, ou porque meu pai era destacado para ir pra outro sítio, claro ela pedia transferência, mas para o hospital militar daquela região onde nós estivéssemos. Eu tenho cinco irmãos, somos quatro raparigas e dois rapazes, mas já todos praticamente formados. Eu fiz engenharia de sistemas informáticos, tenho dois irmãos que são gestores de empresa e bancários, tenho uma irmã bióloga, mas que trabalha também na área da saúde, ligada a uma empresa de distribuição de alimentos, e um outro irmão que também estudou aqui em Portugal, fez negócios internacionais. Esse trabalha sozinho, preferiu criar sua própria empresa a nível da construção civil e a minha irmã mais nova que tá a estudar Direito. Está nos últimos anos agora, e pronto, a nível de núcleo familiar é isto. Temos um bocado de tudo em casa, desde militares, isto até pra falar do meu irmão, esse que estudou cá, também andou no colégio militar fruto de uma bolsa que ele ganhou pra cá pra Portugal, portanto, desde o sétimo ano até o décimo segundo ano, andou no colégio militar, só mais tarde foi a uma universidade pública portuguesa terminar os seus estudos. Estão todos em Moçambique a trabalhar e eu é que estou cá. Terminei os meus estudos cá. Fiz o meu curso de engenharia em sistemas informáticos. Entretanto, trabalhei três anos num banco, na área de informática também. E agora decidi parar pra dar continuidade à minha formação, neste momento, estou a fazer um mestrado em redes e serviços de comunicação na Universidade de Aveiro. E vou levando, vou levando a vida.

Havia uma separação perceptível nessa história

Como eu te falei, os meus pais, entretanto, voltaram para Moçambique e claro que, sobretudo o meu pai, desempenhou funções, a nível de Estado, importantes. Naquela altura, depois da independência, partimos para um regime mais socialista do que aquele chamado democrático, em que só tínhamos um único partido. Portanto, havia escolas, tínhamos escolas lá, públicas, não havia escolas privadas. Mas, não que eu concorde, nem discorde, era talvez o que acontecia naquela altura. Estou a falar da minha formação primária e secundária. É que havia escolas para filhos dos responsáveis, clínicas para os filhos dos responsáveis, havia também lojas, lojas para os responsáveis, onde, claro, do melhor que havia no país estava lá nesses sítios. Eu andei numa dessas escolas, essa escola até [se] chamava Escola da Frelimo, os estudantes dessa escola eram os filhos dos responsáveis. Mesmo dentro da escola, também separava-se um bocado. Não sei se chegávamos a duzentos alunos, não sei bem qual era o número, mas não éramos tantos. Mais tarde é que foi crescendo. Aquilo era um regime de internato para os alunos mais velhos, que também a educação era quase meio militar! Um bocado, porque éramos ensinados até táticas de defesa pessoal, foram construídas até trincheiras que era para aprendermos a nos defender do inimigo qualquer dia que a escola fosse atacada. E quando falo do inimigo, é que mesmo depois da independência, do Estado independente, passamos por outra guerra civil entre nós moçambicanos. Como aconteceu por exemplo em Angola, bem conhecida a guerra civil entre diferentes facções internas. E em Moçambique era também a mesma coisa e fora o problema que estava a existir na África do Sul, do *apartheid*. E Moçambique era um grande apoiante do ANC, o ANC do Nelson Mandela, que lutava contra o *apartheid*. E sofríamos, claro, represálias do regime sul africano, do *apartheid* naquela altura. Como recebíamos pessoal, Moçambique recebia pessoal do ANC, lá da luta, que lutava contra o *apartheid* na África do Sul e muitas das vezes as sedes que eram secretas, eram atacadas. Aviões sul africanos entravam em Moçambique e atacavam esses locais, diretamente onde viviam esses apoiantes vindos da África do Sul em Moçambique. Nós, no fundo, éramos preparados pra isso, para a realidade que estava a acontecer em Moçambique. E continuando... Regime de internato para os mais velhos. Passávamos os dias todos na escola, a minha irmã já foi do regime do internato e passava lá a semana toda, de segunda a sexta-feira, na tal escola pra filhos dos responsáveis. Mesmo dentro da escola, também havia divisões em que existiam várias categorias de responsáveis, aqueles de nível mais alto, os filhos do próprio presidente de Moçambique na altura, o Samora Machel também estudavam nessa escola. Os filhos dos ministros estudavam todos nessa escola. Havia uma separação perceptível nessa história que eu falei, de escola, de lojas. Enquanto na escola tínhamos um autocarro enorme, daqueles ônibus enorme, parecia um comboio até, para o resto dos estudantes, havia uma outra carrinha de quarenta, cinquenta lugares para os filhos dos mais altos responsáveis do país. Enquanto os filhos dos responsáveis mais baixos saíam de casa, iam todos para determinados pontos, onde chamavam paragens, por lá passava o autocarro, nós tínhamos aquele pequeno autocarro que passava por nossas casas durante a manhã ou então na hora de irmos para casa que nos ia buscar e nos ia deixar a casa. Os outros não, tinham que sair para as paragens quando o

autocarro passava. Se se atrasassem por algum motivo o autocarro não ficava à espera. Enquanto que, no nosso caso, como o autocarro, o ônibus, né? O pequeno, ia pra porta de casa. Se tivéssemos atrasados dois minutos, lá esperava. E outra coisa, chegávamos a escola à hora certa todos, o que acontecia, tínhamos que formar as classes todas no pátio da escola pra cantarmos o hino nacional e marcharmos. A entrada era em marcha, cantávamos o hino nacional e claro que recebíamos pelo menos um aconselhamento pra aquele dia do país, do próprio diretor da escola, que também era um militar. Claro, fora esta questão dos autocarros e tudo. Havia outros filhos dos ministros e do presidente por acaso, que, às vezes, iam de carro. Mesmo eu, às vezes, ia com motorista dos pais à escola e com guarda-costas. Era o que acontecia e foi esta a minha realidade. Venho de classe alta, digamos. Para aquela altura, era. E pronto, tinha direito a loja dos responsáveis. Havia roupas que vendia nas cooperativas, como vivíamos naquele regime socialista, o povo tinha que fazer filas. Não [é] como hoje, o mercado está aberto, ninguém tem que fazer filas pra nada. Filas para fazerem as compras e nós tínhamos umas lojas especiais onde tínhamos do melhor, tanto a nível de escolas como de hospitais. Por exemplo, por ano tínhamos que fazer a inspeção médica. Tínhamos a clínica onde a própria clínica convocava os filhos dos responsáveis para fazer um *check up*, no fundo, era um *check up* dentário e tudo aquilo que os outros não tinham. Enquanto os outros tinham que fazer filas nos hospitais pra isto e mais aquilo, nós tínhamos tudo, tudo. Médicos dos melhores que trabalhavam só para os responsáveis, só para os ministros, só para os filhos. Casas também, havia uma zona, chamada zona de ministros. Havia lá só ministros. Havia também a zona militar onde viviam outros militares de uma classe mais baixa. E havia casas boas para os militares. Por exemplo, eu na minha casa, naquela altura, tinha mais militares que nós mesmos membros da família. Para sair, tinha motorista e tinha um guarda-costas para ir nos deixar nos sítios, para nos buscar. Foi uma época de aprendizagem, até a minha vinda para cá para Portugal quase, foi assim até 1993, digamos. Porque depois o país termina a guerra, houve mais outro acordo de paz entre nós, entre a Renamo que lutava contra aquele nosso regime mais socialista. Criamos um regime mais democrático onde se podiam abrir as portas para que outros países, outros partidos e o próprio regime se abrisse, fugíssemos mais ao socialismo e assim foi. A guerra termina e, antes disso, penso mesmo em 1991, essas escolas foram encerradas e eu fui do último grupo que terminou o secundário naquela escola. Antes de partir para o ensino pré-universitário do décimo ano em diante. Mas a escola foi encerrada. Hoje, a escola é uma universidade pedagógica, dá formação a professores de qualquer estrato social. Hoje, o país tá aberto a tudo e mais alguma coisa. Até tivemos eleições a 28 de outubro, quartas eleições democráticas. Temos muitos partidos e estamos abertos a tudo.

Eu vim cá parar porque me candidatei a uma bolsa, porque eu queria mesmo. Eu queria ter uma experiência fora, porque lá em Moçambique já tinha tido, mas candidatei-me. Candidatei-me mas também acho que acabei por ter a bolsa talvez fruto... Não posso deixar isso com clareza, né... Mas também fruto da influência, o nome também conta. Ai, Teresinha... Teresinha quem? Teresinha Alberto! Ok, o Alberto é uma pessoa conhecida. Então, fora as notas, que eu penso que a nível de prestação como aluna, nunca fui má. Ganhei prêmios de excelência, de olimpíadas de matemática, a

nível nacional era a melhor aluna. E como eu disse, hoje sou engenheira informática, mas de pequena não sonhava. Sonhava em ser médica, já que a minha mãe é enfermeira eu contava ser médica. Mas que é que aconteceu? Apareceu um senhor que estava a fazer uma pesquisa de mestrado na Alemanha, mas ele naquele momento estava a fazer a recolha de dados em Moçambique e quis fazer uma experiência em Moçambique, a nível de informática. Para ver até onde é que iam os estudantes Moçambicanos, de um país de terceiro mundo, [se] podiam se dar bem com o computador e olhar e não sei que. E é quando ele vai a minha escola, ainda a antiga escola da Frelimo, aquela escola para os filhos dos responsáveis, em Maputo, na capital de Moçambique, é onde ele chega e fala com o nosso professor. O diretor de turma do nono ano, na altura, diz assim:

— Para fazer o estudo, eu preciso de quatro melhores alunos desta turma.

Eu fui uma das escolhidas mais três, pronto. Depois comecei a gostar, depois dessa pequena formação que tive a nível de informática e programação, mas o básico. E era boa aluna a matemática, mesmo. Comecei a gostar da informática e fui deixando um bocado o sonho da medicina à parte. Entretanto, candidato-me, e é claro que as notas, as médias contam. Se não tivesse média, talvez a parte da influência do nome dos pais e isso tudo podia até contar para a minha aceitação a bolsa pra cá, como vi vários casos, porque a média mínima era de doze para que fosse admitida pelo menos como candidata. Mas houve casos, conheço alguns, que vieram cá parar, filhos de responsáveis. Mas acaba por ser talvez, não sei bem se influência, uma gratidão pelo papel que aqueles responsáveis tiveram na independência do país. Entretanto, vamos dar uma oportunidade também aos filhos como gratidão ao que os pais fizeram, não é?! E acho que o pensamento do tal apoio passava por aí. E pronto, eu candidatei-me e vim pra Portugal. As bolsas são frutos da cooperação entre ambas as partes, os dois Estados. Então houve um acordo entre aqui a cooperação portuguesa, a nível de educação, mas que já existia há uns anos como para outros países. Por exemplo, a minha irmã foi estudar para a Espanha dois anos antes mim. Ela fez parte da formação dela em Espanha.

Eu candidatei-me para Portugal e consegui. Mas claro, cá, quem tem responsabilidade por nós é o tal organismo. No caso a cooperação portuguesa [é] que se responsabiliza porque eles lá têm um departamento de bolsas que é responsável por encaminhar os estudantes para os diferentes estabelecimentos de ensino público. E eu venho pra cá, consigo a bolsa, mesmo na altura para escolher o curso que eu queria e diz a minha mãe: “Ah, faça informática e tal”. Mas antes disso, antes de conseguir a bolsa, eu candidato-me para a universidade em Moçambique. O nosso ensino ia até o décimo primeiro ano, o ensino português ia até o décimo segundo. O que acontece? Eu candidato-me lá em Moçambique para informática, por acaso fui a primeira admitida, com a melhor nota. Andei de agosto até novembro, quando ganho então a bolsa. Em novembro tive que interromper. Estudei quatro meses na universidade moçambicana e interrompi porque consegui a bolsa pra cá. Mas aí, já não vou direto a universidade, tinha que fazer o décimo segundo ano.

Primeira coisa [com] que me deparei foi o frio. Depois comecei a engordar

Fui pra Viseu, colocaram-me lá a fazer o décimo segundo ano. No meu grupo, éramos onze. Fui pra lá, mas temporariamente, podia até ter sido colocada em Viseu para fazer o ensino superior. Mas normalmente eles colocavam os estudantes em sítios pequenos, para irmos nos integrando à Europa gradualmente. Uns foram pra Chaves, outros pra Viseu, outros pra Coimbra, ficamos por aqui espalhados. Eu, em Viseu, andei lá um ano letivo, até terminar o décimo segundo ano. – Frio em Viseu! Viseu é uma cidade que fica perto da Serra da Estrela, perto da Covilhã. Esses sítios todos, ali, são talvez dos locais mais frios de Portugal. Trás-os-Montes também, sítios muito frios mesmo. Primeira coisa [com] que me deparei foi o frio. Depois comecei a engordar! Já não estava com a família, comia “porcaria” na rua. Bolos, comia cinco bolos por dia, adorava!

Aluguei um quarto mesmo num apartamento pra estudantes e não fui lá eu sozinha. Fui eu e as outras minhas colegas, tinham duas que eram mais velhas. Os mais velhos estudavam durante a noite e eu, como era a mais nova do meu grupo, era a única que estudava durante o dia. Portanto, era o frio da manhã, enquanto os outros aturavam o frio da noite. E o que eu fazia à noite? À noite, ia pra biblioteca da escola estudar, quando não queria ficar em casa sozinha. Enquanto meus colegas estavam na escola, eu ficava na biblioteca e voltava com eles pra casa. Jantávamos na escola, deixavam um jantar só pra nós, como não tínhamos família. A própria cantina da escola deixava o jantar pronto e almoçávamos na própria escola. O pessoal onde nós estávamos eram só mulheres. Eram todas portuguesas e nós moçambicanas. Por acaso, era uma casa velhinha, mas tínhamos bom ambiente porque a dona da casa ia lá. Ela era costureira e passava o tempo lá a fazer costura e isso.

Minha trajetória em Portugal começa em Viseu e depois vou de férias para Moçambique no primeiro ano, mas já gorda! Muito gorda mesmo! Quando eu cheguei pesava 53 kg, em novembro, chegamos dia 07 de novembro, em dezembro pesava 75 kg, mais 20 kg, imagina?! Todo aquele conceito de estarmos com os pais, há aquela regra, a mãe controla o que é que a pessoa come. Há almoço, jantar, lanche, tudo direitinho. E eu sozinha, pequeno-almoço: bolo, ovos estrelados, salsicha frita e não sei quê, foi o fim! Comia! E também acho que teve umas influências que antes de vir para cá, a minha mãe deu-me umas vitaminas. Preocupada: - Ah, a minha filhinha vai pra fora então deixe-me injetar umas vitaminas pra [quando ela] chegar lá estar bem. E acho que também deve ter influenciado o frio. E pronto, engordei assim. Mas depois, quando entrei pra universidade tudo isso passou, devo ter praí... Cheguei com 53 kg e agora estou com 55 kg, só. Mas pronto. Isso falando de uma primeira fase daquilo que nos pode afetar mesmo a nível de alimentação. Sairmos da casa dos pais tudo isso influencia muito.

Eu cheguei em 1993, em novembro, fui fazer meu décimo segundo ano. Em dezembro já estava eu gorda. Tinha 19 anos... Faço meu décimo segundo ano, vou de férias. Estávamos ainda à espera da aceitação dos alunos, pra onde é que seríamos colocados ou não. Ok, fui colocada, venho já em setembro. A minha colocação foi no Instituto Superior de Engenharia do Porto. Começo, mas não para fazer a licenciatura, mas para fazer o bacharelato. E pronto, eu fiquei um pouco revoltada com isto

porque as coisas, claro, não dependiam de nós. Dependiam do próprio departamento de bolsas do Ministério de Negócios Estrangeiros de Portugal. Eu queria vir pra Aveiro logo de início, o que fez com que me atrasasse no meu percurso estudantil. Eu disse: “Bem, se tivesse ficado em Moçambique, às tantas, até a coisa tinha corrido melhor, tinha a licenciatura. Mas pronto, sempre aprendemos mais um pouco”. A nível das tecnologias também é bom tirar aqui. Fui de Viseu pro Porto. Chego no Porto, fiquei lá e eu: “Bem enquanto eu tiver a bolsa, enquanto as coisas me correrem bem por aqui, eu vou fazer o bacharelato. Por acaso, correu bem. Terminei isto já em 1998, fiquei 4 anos. Daí, a desvantagem, porque quando eu me mudo, vou pra Universidade de Aveiro, eu já sozinha, porque a bolsa já não tinha mais direito. Com bacharelato, eu disse, bacharel não dá pra voltar com um curso de três anos, eu quero ser licenciada. Sozinha candidatei-me pra Universidade de Aveiro, pra o curso de engenharia de sistema de informáticos, conforme eu queria inicialmente. Vim pra cá, mas já sem bolsa. E claro, novamente nós crescemos e não queremos ficar dependentes de papás e de mamás. Já expliquei as minhas origens. Mas chega uma altura da nossa vida que não queremos viver só às custas dos nossos pais, não é? Uma coisa é pedirmos um apoio quando estamos realmente aflitos, mas se a gente puder evitar, trabalhando, tudo bem. Venho pra aqui pra Aveiro pra dar continuidade aos estudos. E há uma questão. Normalmente quando mudas de estabelecimento de ensino, existe o processo de equivalências, não é? Então o que acontece? Eu fiquei com... Quase que não tive equivalências nenhuma. De um curso com quase cinquenta, quarenta e tal disciplinas, que é o curso de engenharia informática, aqui em Aveiro, vinha lá com as minhas cadeiras do Porto, me deram equivalência a onze, só. Pronto, foi quase começar do zero o curso. Segundo ano igual, portanto, fiquei com as equivalências quase espalhadas pelos anos todos. Mas pronto, não foi esse o problema.

Tem que lhe doer sempre qualquer coisa

Minha primeira reação com a imigração foi a parte física. Mas no fundo afeta tudo. Fiquei gorda. No fundo, eu estava quase que desamparada porque os meus colegas tinham aulas à noite. (...) Como eu durante o dia estava ali perdida na escola o que fazia durante o dia: “comia bolos”. (...) À noite, ficava eu sozinha e atacava tudo que tinha para comer, porque não tinha ninguém para conversar. Estava perdida num país completamente diferente. Minha família é numerosa. A minha irmã mais velha já estava na Espanha. Mas em Moçambique, tinha meus irmãos, comigo, éramos cinco para brincar e conviver. Pai e mãe, amigos, vizinhos e tudo. E vi-me presa, num inverno maluco! Chovia. Não tens como sair. Deprime. Num mês, engordei de 52 kg a 53 kg já estava com 75 kg, praí. Engordei mais 2 kg em janeiro, assustei-me comigo mesma, por causa das fotografias. Comparando o que tinha há um mês com o que tinha naquele momento. Isto põe uma pessoa um bocado alterada. Afetou-me e depois comecei a ter preocupações. Fora acompanhar as aulas e tentar estar no ponto em que meus colegas já estavam, já tinha a preocupação também do corpo que não me estava nada a agradar. Só consegui voltar ao normal quando entrei para a universidade. Já mudei para uma cidade como o Porto, mais agitada e fui perdendo assim aos poucos. Fui voltando ao meu normal. No Porto, já estás numa cidade

mais agitada, com mais africanos, tinha mais colegas lá, aquela convívio, as festas. Já morava com duas colegas também africanas, mais outras portuguesas e tudo isso foi facilitando. Foi um ano que fiquei em Viseu. Ir para o Porto foi mesmo bom. Talvez o fato de ter vivido no Porto antes influenciou a minha personalidade porque quando estás numa cidade grande como Lisboa e Porto tens que dar a volta a tudo. É autocarros, tens várias linhas, depois chegas e tás na universidade. Levantas cedo. É uma vida muito mais agitada. Isso também vai fazendo a personalidade de uma pessoa. Depois, quando venho para Aveiro, de uma cidade grande para uma cidade pequena, ficou mais fácil. Mas quando estava em Viseu, era estar ali num cantinho. E eu vivia na rua principal da cidade, a rua das lojas, na rua Direita. E tem ali as lojinhas, não havia centros comerciais. Não tinha nada de jeito aquilo. Era uma coisa pequena e pronto. Não acontecia nada. Só tinha tempo para engordar. A primeira gripe que apanhei, chorei tanto! Mas fiquei mesmo em baixo. A minha mãe é enfermeira e sempre fui acompanhada por ela. Sempre! Eu e meus irmãos. E tive doente, cai. Tive aquela febre e foi: “Quero a minha mãe!” E só chorava e havia momentos em que entrava em depressão porque achava que precisava dela naqueles momentos. Mas acho que até hoje. Os piores momentos são quando eu adoço e sinto dores e isso altera-me porque eu quero a minha mãe. Eu quero a minha mãe porque ela é que sabe cuidar de mim. E tanto que quando eu fico doente, evito ligar para ela. Porque são os momentos que eu estou em baixo e evito ligar para a minha família porque talvez é dos momentos que mais falta me fazem. Tirando a época do natal, das festas e isso, também sinto-me deprimida. Nessa altura, sim, sinto alterações. Agora, alterações existem como em qualquer lado, quando estamos em época de exames e exigem um pouco mais de nós. Ficamos assim, com algumas alterações emocionais. O próprio tempo cá, a chuva, o frio! Eu não me habituo! Os meus piores resultados normalmente costumam ser nessa altura de inverno. Não costumo ter aproveitamentos que eu gostava. No segundo semestre, eu tenho mais rendimento.

Agora, neste momento, o fato de ter imigrado, noto que fiquei uma pessoa sem medo. Não é bem conseguir dar a volta, mas é conseguir enfrentar as situações. Eu acho que tornei-me uma pessoa muito mais forte do que se tivesse ficado só com os meus pais e tudo. O único momento é quando me sinto doente, aí fraquejo completamente. Eu tive uma colega, mas a questão dela foi outra, ela tinha problemas de tensão alta, porque ela tinha filhos e tinha deixado os filhos lá e acho que isso influenciou. A minha primeira colega de quarto no Porto, acho que teve mesmo depressão. E não sei se até hoje ela conseguiu se safar. Acho que ela passou a ser “hipocondríaca”. Mais concretamente, isso. Todas as semanas, ela cheia de dor de cabeça, por isso e por aquilo. Fazia análises e os médicos não descobriam nada. Essa foi uma das experiências que eu assisti. O fato dela ter vindo para cá, acho que alterou muito. Ela lá era uma pessoa saudável e desde que eu a conheci e acho que até hoje é assim. Tem que lhe doer sempre qualquer coisa.

A [primeira] experiência de trabalho acabou por ser útil na minha própria vida

Fora a parte académica aqui em Portugal, também já fiz outras coisas, como qualquer estudante, de qualquer país, não só europeus, mas penso que, no Brasil e em África, os estudantes universitários também procuram trabalhar, ganhar sua própria autonomia ou porque não têm bolsa, ou mesmo com bolsa querem ter outra experiência. Porque acaba por facilitar no crescimento intelectual, a própria experiência da vida. O trabalhar ajuda. Eu também trabalhei, como qualquer estudante: *McDonalds*, em casas particulares de pessoas, fiz muita coisa, *telemarketing*, é... Faço rádio também, no fundo que é para dar uma informação sobre o quê que se está a passar em África. Mais concretamente, divulgar a nossa cultura africana, do que está a passar a nível de notícias da atualidade, do que se está a passar sobretudo nos países africanos de língua oficial portuguesa. Divulgo a cultura, [a] música e outros eventos que têm sido realizados não só em Portugal, pela comunidade africana na diáspora. E por aí. Trabalho, também, com a nossa associação dos estudantes moçambicanos aqui em Portugal. É uma vasta experiência que tenho tido e acabou por influenciar também no meu crescimento pessoal. Da forma como eu vejo a vida, da forma como eu encaro o trabalho, não só na minha profissão como engenheira informática, mas essa toda experiência de trabalho acabou por ser útil na minha própria vida, como pessoa. E continuo, dessa vez na fase final do meu mestrado, já tou no segundo ano, na fase da dissertação, não é, da escrita da tese e pra já tenho algumas cadeiras nesse semestre. Mas a partir de fevereiro é só trabalho dedicada mesmo à tese do meu mestrado, que vou trabalhar nas redes sem fios, nas *wireless lans*, que é analisar a rede sem fios da universidade e comparar com, a nível de desempenho da própria estrutura das comunicações *wireless*, de uma outra universidade, mas não portuguesa, da Universidade de Vigo. Para [eles] depois poderem guiar estratégias de controlo do melhor serviço a nível de redes sem fios. Não só para a universidade, mas para qualquer empresa, qualquer pessoa, qualquer gestor de rede que queira implementar um sistema, uma arquitetura, uma infra-estrutura de comunicações sem fios. E vamos ver, pra já tou na fase inicial. E tem que ir pra frente e vamos tendo outras experiências, não é?! Esta também, de poder estar aqui a falar um bocado de mim, também é uma delas no fundo!

Entro cá no letivo 1998-1999, dou continuidade à minha licenciatura, e faço. Com dificuldades, o primeiro ano [em Aveiro] foi complicado, eu venho pra cá e também tinha que trabalhar. Tive que ir a fábrica, trabalhei numa fábrica aqui, que acabou por ser uma outra experiência. Montagem de peças, aqueles botõezinhos. Mas tinha um horário complicado. Entrava às seis horas da manhã, saía às quatorze e trinta. Quer dizer, ia só assistir as aulas das quinze horas até as vinte. Foi um período de quase três meses assim. Às oito da noite, já estava cheia de sono porque às cinco horas da manhã tinha que estar acordada. Pronto, passou essa fase enquanto eu estudava e o primeiro ano não correu grande coisa. Fiz algumas disciplinas, mas poucas. Quando eu cheguei até nem foi o primeiro sítio [de trabalho], fui fazer *telemarketing*, mas era pouco que se ganhava, mas também era adequado pra minha vida de estudante. Fazia quatro horas por dia em *telemarketing*, depois deixo o *telemarketing* e vou trabalhar para casa de uma senhora algumas horas, mas pronto. As necessidades falavam mais

alto, depois surgiu-me essa oportunidade de ir a tal fábrica. Andei lá uns três meses na fabrica e entretanto, decidi parar. Consegui um outro *part-time* muito melhor, perto da faculdade, numa hamburgaria. Fazia a hora do almoço, umas três horas todos os dias e ao fim de semana também trabalhava. Era melhor assim, foi muito melhor. A partir do segundo ano, depois que vim pra cá, as coisas começaram a correr muito melhor pra mim. E pronto, foi mais ou menos assim. Andei, fiz o curso, terminei depois em 2005. Faltava-me um estágio, fui fazer o estágio para um banco. Consegui! Eu até pensava que estas oportunidades cá, por ser africana e isto e mais aquilo, que seriam melhores até para os portugueses, que talvez não conseguisse. Foi um dos melhores estágios que ofereceram ao nosso curso naquele ano. Candidato-me para oito vagas, éramos cinquenta candidatos e fui admitida. Gostei, foram três anos de trabalho até que começa a vir o bichinho de regressar a casa. Quero regressar para casa, já sou licenciada, tenho minha experiência de trabalho, mas hoje em dia já não basta a licenciatura. As empresas começam a ser exigentes e nós também temos a nossa própria ambição e nossa própria vaidade, né? Foi assim que acabei metendo pé no mestrado ano passado. E agora estou nesta etapa, na área de redes, e tudo começou do nada, da época que eu estava no nono ano e que aprendi um bocadinho de informática. Estamos a falar de muita coisa. Isso vai me fazer voltar um bocadinho pra Moçambique. Na minha vida, sempre gostei de trabalhar. Trabalhar e como eu contei, fora a formação que eu tive em Moçambique, a tal informática, acabei por ensinar os mais novos. Esse senhor que estava a fazer o seu trabalho de mestrado acabou por formar uma espécie de academia quase grátis. Onde íamos divulgando a informática, o mínimo, para as outras crianças. Mas fora isso, antes eu tinha umas trançinhas. Eu era muito curiosa, gostava de aprender sempre, aprendi a fazer as tranças. E claro, trançava os amigos, trançava as amigas, trançava estes mais aqueles. As pessoas viam e gostavam. Comecei nos fins de semana, nos meus tempos livres, as pessoas já me pagavam pra fazer as tranças e os meus pais viam lá pessoas e eu a trançar. E souberam que eu andava a cobrar e chateavam-se comigo, diziam: “Que brincadeira é essa, não te falta nada, parece que és uma menina que passa fome. Nesta casa, não te falta nada, o que é isto?” Eu com uns dezesseis/dezessete anos já fazia isto. E o pior foi quando começaram a ser as mulheres dos amigos deles a pedirem para trançar! Eu até gostava mais, a minha irmã mais velha também fazia as tranças. E isso foi uma experiência de trabalho. Outra experiência foi na escola, fazem-me um convite do nada. Daquilo que eu te expliquei, das minhas origens, os pais terem cargos políticos, naquela altura, meu pai era deputado. Fora os outros cargos que ele tinha. Às vezes, estava lá, íamos à Assembléia da República. E o que me acontece, eu já com os meus dezessete anos, fazem-me um convite. Convite que era não só a mim como a mais alguns jovens que andavam por aí, que era pra irmos transcrever as atas diretas das reuniões, das sessões extraordinárias da Assembléia da República. Mas uma vez, eu digo [que sim], ele depara-se comigo lá. Quando somos jovens, quando somos adolescentes, uma coisa é começarmos a trabalhar por obrigação, porque somos obrigados, outra é quando já está dentro de nós, sem darmos conta, quando nos apercebemos, já estamos a trabalhar. Pra mim, aquilo era uma diversão. Mas, quando eu olho pra trás, eu estava a trabalhar, mas sem consciência de que estava a trabalhar. Naquela altura não era um regime multipartidário, só era um único [partido], mas já caminhávamos [para isso]

porque foi mais ou menos na altura em que... Depois passou essa coisa e passamos a ser democráticos. Eu ia lá depois das aulas, consoante o tempo ou, às vezes, à noite ficávamos lá. Passávamos as cassetes para irmos ouvindo e transcrevendo as reuniões da Assembléia. Acabavam aquelas sessões, davam-nos algum dinheirinho! E o meu pai chateava-se, sabia que eu estava lá. E uma das vezes eu até cruzei-me com ele lá. Eu fazia questão de fugir para ele não se chatear, porque depois, quando chegasse em casa, voltava outra vez a questão: “Que brincadeira é essa?” Uma vez, eu tava atrasada para ir para ao mesmo sítio, pra Assembléia da Republica, e eu: “Oh papá, peço boleia que vou lá pra Assembléia?”. Só que esse dia trazia uma mini-saia, não era muito curtinha era um bocadinho acima do joelho, tas a perceber? Ele diz-me que tá tudo bem. Mas quando olha pra mim diz-me: “Assim não! Não vou contigo, vai a tua maneira porque eu não me quero envergonhar! Quer dizer, chego com a minha filha pra dizer que está aqui para fazer as atas das reuniões, contigo assim, não.” E fora depois o que eu ouvia, não é? Como sempre, continuava com as trancinhas e surgiam-me essas oportunidades e meia volta estou a ensinar os outros meninos a informática. Fui fazendo isso, comecei com esse espírito. Acho que depois, pra mim, acabou por ser fácil. Ajudou sem eu dar conta, ajudou-me a perceber melhor e a integrar-me quando foi necessário trabalhar. E também no fundo, o meu primeiro trabalho aqui, fora as trancinhas, cá, quando cheguei, toda gente, quando soube, fui fazer as trancinhas e, claro, cobrava. Já era livre pra fazer o que eu queria. Mas trabalhar a sentir-me a trabalhar a sério foi quando me meti num *McDonalds*. Já com outros jovens a trabalhar, fazias um contrato de serviço, isso já no Porto. Foi boa a experiência. Pronto, daí com a experiência que eu tive em Moçambique, sem dar conta, facilitou-me muito.

O dono: «Pareces uma barata tonta!»

Uma das vezes, eu trabalhei no Porto, naquela zona da Torre dos Clérigos, e aqui tem que ser tudo rápido: “Trabalha rápido! Rápido! Pega nisto e não sei quê.” Sabes mais ou menos como é?! E não sei em que eu falhei que o senhor, o dono: “Epa, pareces uma barata tonta!”. Aquilo eu fiquei assim um bocadinho magoada! A minha irmã foi de férias e contou: “Ai, a Teresinha foi chamada «barata tonta» [risos]. Para ele, eu estava ali muito parada, devia ter outra atitude, não sei. Outra das coisas que eu achava que era violência foi quando eu estava a trabalhar no Porto. Porque aqui, sabes?! Trabalhar com homens não é fácil. Uma coisa é na universidade, estamos ali, vamos trabalhar todos. Mas, às vezes, no banco, sobretudo, eu via. Fazia o meu trabalho, ao mesmo tempo, olhavam para o aspecto sexual, não é bem sexual, mas os homens a olhar para a mulher como se ela não estivesse ali a trabalhar. Eu via isso por parte de alguns. Mas olhar num sentido mais de alguém que nos dá prazer ou que nos pode... Tipo estar sendo “tentado”. Ai vêm aqueles comentariozinhos: “Ai a preta «gostosa»!” Aqueles piropinhos. Eu para mim acho isso um bocado... Não gostava! Gostava quando me olhavam pelo lado profissional. Quando isso acontecia, gostava. Mas quando já virava e: “Olha, ela hoje! Já viram como está a preta hoje?! Tá toda sexy e não sei quê!”. Mas pronto.

“Olha o preto! Olha aquela pessoa ali!”

Eu, a nível de adaptação, sou uma pessoa muito aberta e também facilito a vida nesse aspecto. Daí talvez esse todo percurso que eu contei. Não foi fácil, mas quando se é imigrante num sítio, nós também temos que facilitar as coisas, o próprio estrangeiro tem que facilitar as coisas porque nós é que precisamos. Claro que esperamos que seja o cidadão local a ser muito aberto, mas, às vezes, não é isso que acontece. No meu caso, posso dizer que não tive assim grandes problemas. Na escola, quando cheguei no décimo segundo ano, tive logo colegas que se prontificaram a dar todo apoio. Para o décimo segundo ano, cheguei em novembro e as aulas já tinham começado em setembro, estávamos dois meses atrasados. Na escola, recebi aulas de apoio para compensar aquele período que eu tinha perdido. Isso também ajudou um pouco no meu relacionamento com colegas e com outras pessoas estranhas. Tudo isso nós vamos aprendendo. Claro que sentíamos um pouco de racismo, o pessoal que vinha para fazer o décimo segundo ano era encaminhado para cidades pequenas onde não estavam habituados a ver africanos: “Olha o preto! Olha aquela pessoa ali!”. Olham sempre com... Querem perceber melhor: “Mas o que aquela pessoa está ali a fazer?”. E os portugueses são assim até, são um bocado curiosos. Podem não demonstrar, mas nós sentimos que ali há qualquer coisa, há uns que são mais racistas, não querem saber do imigrante, mas há muitos que facilitam a vida. Isso a nível do décimo segundo, eu percebi que as pessoas conheciam pouco a comunidade africana. Mas quando eu já vou para o Porto, o Porto é uma cidade grande, não é? Tu sabes melhor até do que eu, tá lá! Mas eu vivi no portal, como tu! E entretanto, no Porto já senti mais abertura, as pessoas já estavam mais habituadas a lidar com isto do que é o africano e tal. E pronto, fui ganhando amigos portugueses. Porque muitas vezes fui [e sou] eu mesma que encaro as pessoas e que me dirijo a elas e converso e crio uma certa amizade e começo a transmitir o nosso lado, o que é o africano. Eu não me importo, por exemplo, se me chamam preta, eu não me chateio, mas depende do tom. Tenho uma amiga que disse assim: “Ai, eu antes de te conhecer era uma pessoa racista. Mas eu era uma pessoa racista porque nunca tinha passado por uma experiência de amizade, de conhecer uma pessoa africana e conviver até onde vá chegar à conclusão que somos iguais”. E essa minha amiga Joana foi direta quando me diz isto: “Oh Teresa, eu não imaginava que as coisas pra ti... e que o relacionamento com... “ Depois ela traduz: “Ah, não sei, talvez no teu caso, como és universitária! E isso...” Começa já a tentar empurrar a coisa para outro lado. E eu: “Não, não tem nada haver”. É e isto. Tanto o branco, como o preto, o africano, o europeu, as mentalidades, no fundo, são um pouco parecidas. Há pessoas boas de um lado e do outro. E eu lembro-me que foi das coisas que eu acabei fazendo foi que elas não queriam estudar. No ano passado, uma dessas minhas amigas, e elas chamam-me «nossa pretinha da sorte», eu ligo e digo: “Oh, Fernanda [e uma outra amiga dela]. Há um sítio pra vocês, chega de levarem vossa vida só a trabalhar nos restaurantes, a lavar pratos, vocês não têm ambição?” [elas]: “Temos”. “Ok, tá ali aberto um curso pra desempregados, por coincidência a nível de informática, vocês vão aprender mais alguma coisa nas vossas vidas e o Estado paga.” O governo, o Estado português, tem esses cursos e são financiados. “O que tu ganhas para lavar pratos, quatrocentos e tal euros, lá vais ganhar pra

aprender. Já vais pensar de outra maneira.” Elas foram selecionadas e, neste momento, já vão ter o décimo segundo ano, que elas tinham o nono ano! Quer dizer, fui eu que venho de Moçambique e que, no fundo, também vou transmitindo um outro tipo de conhecimento para as pessoas daqui, que também muitas não tem oportunidades ou por... Isso pra dizer que a nível de integração tou bem.

Acabamos vivendo juntos e nunca mais saiu, né?

Estamos agora na rádio, é outro tipo de relacionamento que tenho com outras pessoas aqui. Tenho vários colegas, a nível da própria rádio universitária, da qual também faço parte já desde 2002. Já estou há sete anos aqui. Numa outra perspectiva, num outro grupo de pessoas que eu conheço, completamente diferente. Quando estive no banco, foi também uma outra experiência. Convivi, tenho muitos amigos que eu deixei lá, muitos mesmo. Tenho ido de férias visitar minha família e eles têm vindo pra cá, os meus irmãos quando estão de férias. Namoro. Vivo com meu namorado. É uma relação boa. Boa como qualquer uma, tem altos e baixos. Conhecemo-nos, ele também é moçambicano. Já nos conhecíamos lá, porque os primos eram meus vizinhos a nível de zona onde nós morávamos. Quando viemos pra cá, éramos conhecidos. Conversávamos um pouco, mas sem nenhuma intimidade. Quando eu vim pra cá, eu descubro que ele também tava cá, mas ele tava em Coimbra. A minha irmã que estava a estudar em Espanha, uma das vezes que ela veio pra cá me visitar, conheceu um antigo namorado dela, um namorado que ela tinha na altura. Esse moço, por acaso, veio no mesmo grupo que eu, quando vim pra cá pra Portugal. Só que, entretanto, eles conheceram-se através de mim, porque eu já o conhecia e esse moço já estava a estudar em Coimbra. E a minha irmã, pra além de me visitar ao Porto, também ia a Coimbra estar com o namorado. Em uma das férias do natal decidimos nos reunir em Coimbra. Isto já em 1995, estávamos cá há pouco tempo, há dois anos, por aí, e foi quando começamos a namorar. Porque o meu namorado estava em Coimbra e eu vou pra passar o natal com a minha irmã e com o namorado e outro meu irmão que estava cá. Juntamo-nos todos em Coimbra, foi assim. Começamos a namorar! Eu no Porto e ele em Coimbra. Entretanto, ele mudou-se para o Porto mais tarde, e a minha irmã terminou o curso dela em Espanha e vai continuar os estudos no Porto. Entretanto, no Porto, como já tinha [lá] a minha irmã, saímos dos quartos alugados. Vamos para um apartamento morar juntas. E claro, ele ia passando os fins de semana, mas quando ele vai para o Porto, numa das vezes, combinamos. Tava a passar por algumas dificuldades, não conseguia conciliar os estudos e o trabalho. Trabalho também não tinha e ele precisava trabalhar. Quando eu faço a proposta: “Vens morar no Porto, tens onde ficar, numa primeira fase, tens uma casa onde ficar enquanto arranjas trabalho”. [Ele]: “Tudo bem”. Acabamos vivendo juntos e nunca mais saiu, né? Ficamos juntos e a minha irmã também optou que fossemos viver os três para um apartamento maior e foi assim que começamos a viver juntos. Entretanto, quando eu venho pra cá pra universidade de Aveiro, já estávamos juntos, ele optou por vir pra cá comigo e pronto. Digamos que há quatorze anos que estamos juntos, vivemos juntos desde essa altura. Ainda não temos filhos, não nos casamos ainda. É, talvez daqui a nada quem sabe qualquer dia desses?!

“E ser mulher, aqui, significa lutar! Não é fácil ser mulher imigrante!”

É assim, ser mulher em Portugal, num contexto mais europeu, digamos, que até é bom. É bom numa perspectiva europeia, se bem que até agora em África já começamos a caminhar pra isso. Há muitos aspectos, imaginemos, talvez em África eu ser a única mulher, por exemplo, num curso e ter que sair para ir fazer trabalhos só com homens e, às vezes, implicavam fazer noitadas, não é? Isto não sei se em África seria bem encarado. Aqui na Europa, também já se passou por isso, eu mal comecei a aprender, e aprendi mesmo. Tou a falar nessa perspectiva de relacionamento profissional, qualquer área, seja na cozinha ou a fazer qualquer coisa, mas desta responsabilidade e olharem pra ti não como mulher, olharem para ti como colega igual a mim, com as mesmas capacidades e vamos trabalhar! Eu sou exemplo disso, trabalho muito tempo com homens e eu sinto que existe uma certa igualdade nisso. Em África eu não sei... Eu nunca vi meu pai a fritar um ovo, pela própria vida, pelas vantagens que ele teve. Mas se olhar para isso, vou falando de uma família simples sem empregados em casa só apenas o pai, a mãe e os filhos, eu não sei se ele fritaria um ovo?! Olhando nesta perspectiva. E ser mulher aqui significa lutar! Não é fácil ser mulher imigrante! A minha experiência pessoal foi boa, falando mais concretamente dessa experiência de trabalho e pessoalmente achei enriquecedora. Eu antes até era muito mais reservada a nível mesmo da defesa dos nossos direitos como mulheres eu não olhava para as coisas assim. Podia já ter essa tendência e tudo mais. Hoje, dentro da minha experiência, essa talvez do relacionamento direto com homens no meu dia a dia, foi o aspecto mais importante que me fez alterar muito daquilo que eu também sou hoje. Muitas vezes nós, as mulheres, também encaramos os homens com diferença: “Ai, é homem!”. Mas é homem, até que ponto? Será que temos ou não os mesmos direitos? Temos que lutar da mesma maneira, com as mesmas armas, não é?! Isso acabou por ter influencia na forma como eu desempenhei e continuo a fazer o que eu posso por outras mulheres e não só por mulheres como pelos homens também. Os homens, agora estou a falar dos colegas imigrantes, dos nossos colegas cá! Existem... Vários conflitos! Aprender a olhar e a liderar conflitos sem ter medo pelo fato de ser mulher. Não, chegar e dizer: “Isto tem que ser assim.”

Só porque és mulher, és africana, já começam

Claro que me chateio com as pessoas, já me chateei ! Na rua se me confundem! Ou se chamam nomes! Dependendo dos dias, eu paro e tento pôr aquela pessoa na linha e educar, sinceramente! Quando nos faltam ao respeito. É uma atitude racista. Às vezes, não ligo, mas, às vezes temos que reagir, não é?! Talvez por eu encarar esse fato de uma forma tão leve, não me chateio tanto. Não ficam traumas. Agora, pensando em algumas situações. Ser encarada, acontece nas ruas. Sim, acontece. Ou és confundida, pensam que és uma prostituta. Só porque és mulher, és africana, já começam. Pára um carro, ou porque alguém vem, pede-te um favor, faz de conta que está procurando um sítio. A pessoa conversa com ela e, mais tarde já, está a abordar outro assunto encaminhado para a prostituição, o que me leva muitas vezes a ficar chateada. Quer dizer, aquela pessoa vem, aborda-me pergunta onde é um

sítio não sei onde, tento explicar e depois fala mais um bocadinho, eu, claro, demonstro sempre alguma simpatia, sorrio, para depois daí virem então: “Quanto é?”. Quanto é o quê? Chateia-me! Chateia-me mesmo!

Agora que estou a falar já me recordei de duas histórias! Duas muito... A gente como não guarda essas situações como traumas, às vezes esquecemo-nos. Duas vezes. Em uma delas veio um moço português, eu distraída do nada, agarra-me as mamas! Eu comecei a gritar, gritar ali mesmo. Era um jovem dos seus vinte e poucos anos. Isso foi em Aveiro, na altura eu devia estar no segundo ano já na universidade de Aveiro. Foi na rua perto da universidade. Ele agarrou-me as mamas e foi-se embora. E eu gritei: “Estúpido!” Mandeí lá palavrões, e pronto. A segunda, nem tem muito tempo, um outro jovem. Eu a caminho, dentro da universidade. Aqueles caminhos rápidos que nós muitas das vezes usamos para chegarmos mais cedo. Eu estava a andar num belo dia de verão, trazia uma saia, não era curta. Até podia ser! Tou a andar e vejo uma pessoa atrás de mim. Ando um bocado, sinto um vulto, mas não me dei conta. Um moço “raça” branca, tamos aqui! Português, penso eu. Levantou-me a saia e agarrou-me o rabo! O bumbum! E eu apanhei um susto e gritei! Ele correu, fugiu! Quer dizer, casos que me marcaram assim, de olhar e de ver. Como é que essa gente nos encara! Como é que essa gente é assim?! E outros casos... Já tive várias discussões por aí. Discussões no sentido de olhar para as pessoas e dizer assim... Se estou numa loja ou estou num centro comercial e vem alguém “manda uma boca”, um piropo, como dizem aqui. E eu apercebo-me que aquilo ele não faria a outra mulher ou aquele olhar não teria. Eu, às vezes, paro, não quero saber quem está ao lado da tal pessoa, se estiver a mulher, às vezes são homens casados e fazem isso. Se tiver a mulher muitas vezes eu chego e digo: “Tu pensas que todas nós somos prostitutas? Mesmo que se fosse uma prostituta pensas que as pessoas têm que ser tratadas assim?”. Há casos em que eu digo mesmo isso. Já cheguei a envergonhar pessoas. E tipo, tá um carro e eu tou a andar a pé e um carro pára. Eu olho pra ver se conheço a pessoa, não conheço, continuo a andar. Pára a segunda vez. Eu paro, olho, se tiver naqueles dias em que estou mesmo revoltada com essas situações, já me aconteceu várias vezes e houve muitas colegas minhas que aprenderam isso comigo e safaram-se de muitas. Pára o carro, porque eles não querem ser reconhecidos, fazem discretamente. Param, param pra ver: “se ela for... entra logo no carro”. Não, eu paro e grito! Grito mesmo na rua: “Olha, pensas que toda gente é prostituta, sai já daqui, sai já daqui!” Sou eu a ter essas atitudes. Como não querem ser reconhecidos eu faço de propósito, desperto a atenção e ele vai-se embora. Eu cada vez que tou a falar até vou me recordando!

O caso mais gritante de todos, acreditas que isto parou a cerca de dois anos?! O que é que me aconteceu? Isso pra dizer o cúmulo, até que ponto em que nós chegamos! Uma das férias, eu saio, vou a um banco, vou à Caixa Geral [de Depósitos], chego lá, era pra comprar um televisor que a minha família pediu. Mas eu ia ver se dava para pagar a prestações, cheques. Meto lá o pedido, por acaso, até deu pra fazer isso. Precisavam dos meus dados. Ok, passo lá os dados. Afinal de contas isso vai parar à mão de um senhor, funcionário do banco. Já não é jovem, tinha os seus cinquenta anos. Eu trato e pronto, esqueço-me. Passa um dia, no segundo dia estou a receber uma chamada no meu telemóvel e alguém a gozar com uma voz “nhenhe” de criança: “Olá, princesinha... não sei quê”. Eu

ligo pro meu namorado e digo: “Ouve lá, tu tás a fazer alguma palhaçada comigo? Tás a mandar alguém ligar para mim? Tenho aqui o número.” Ele disse: “Não”. Eu disse: “Então, olha, alguma coisa tá-se a passar. Porque há uma pessoa estranha que está a ligar para o meu telemóvel e parece que estou a ser seguida não sei por quem?!” O senhor continua a ligar e eu, sem dar conta, estava a ser espiada, sem eu me aperceber. Ele diz-me assim... [o senhor]: “Ligo outra vez?”. E o meu namorado diz: “Olha, faz o seguinte, faz assim, combina um encontro com ele. Explicas e combinas para apanhar-te no sítio tal. Já que ele diz que te conhece bem.” [Teresa diz, recordando a fala do senhor]: “Olha eu conheço, eu também nasci na Tanzânia, conheço a Tanzânia por isso é que eu... eu conheço a Tanzânia e não se quê...” Eu, [pensei]: “Epa, esse caso já está a ser complicado!”. Eu antes de saber quem era a pessoa, [pensei] como é que [ele] conseguiu essa informação sobre mim e tudo: “Epa, isso não é normal”. Entretanto, eu sigo o conselho do meu namorado e ligo:

- Ok, já que conheces onde eu vivo?

- Tu vives não sei onde? Eu conheço, conheço a tua casa.

- Ah é? Ok, então. Olha, faz o seguinte então, vem cá.

Começamos a ver, nós morávamos no quarto andar, vimos o carro a estacionar e liga a dizer: “Olha, já estou aqui”. Só para podermos identificar bem o carro, para termos a certeza eu digo: “Olha, sai e pára no sítio tal.” O senhor quase se apercebe, quem está a descer era o meu namorado, foge! Vai se embora! Depois à noite volta a acontecer a mesma coisa. Eu digo: “Ah, vem para o sitio tal”. Só que esse dia ele aparece já a pé e foge. O meu namorado vai atrás dele a pé, para o sítio onde ele se meteu. Apanhou-lhe e disse:

- Faz favor, o que o senhor quer? O que tu queres com a minha namorada? Diz-me o que se está a passar agora?! Os dados que tu tens, como conseguiste?

- Ah, não... É que eu vi que ela nasceu na Tanzânia e eu já lá estive...

Tudo mentira! Quando ele diz [o namorado]:

- Quem é o senhor? Diz a verdade senão eu vou lhe espancar!

- Ah, eu trabalho na Caixa Geral de Depósitos. Eu vi o processo dela, vi a moça e, portanto, comecei a seguir. Desculpa que não vai acontecer mais.

Mentira! Eu era seguida todos os dias! O senhor mesmo depois disso... Tive para ir dar queixa à polícia. Eu já sabia qual era o carro e tudo. Estou a andar e via, era o carro do tal senhor que estava a perseguir-me. À noite, em casa, o carro ficava lá parado em baixo. Quase dei queixa na polícia, mas depois descobrimos que o tal senhor que era... Em frente à casa, nós tínhamos um café. O pessoal do café era amigo, éramos todos amigos e, um dia, do nada, em conversa, começamos a comentar sobre o tal senhor que trabalhava num banco e o moço disse: “Esse aí é marido da minha irmã! Mas eles já não estão juntos, estão separados, esse senhor já tem muitos processos contra ele, já foi transferido de vários sítios. Mas ele continua a ter a mesma atitude. E Eu: “Ah, meu Deus!”. Continuou, nós saímos daquela casa há dois anos. Só assim! Mas mesmo assim, claro, se ele é funcionário, cada vez que eu atualizo a minha morada o banco continua sempre com os meus dados atualizados e eu cheia de medo. Por pouco, até fiquei feliz, já temos uma testemunha aqui, foi o que me deixou mais calma, temos

uma testemunha que conhece. E se acontecer alguma coisa pelo menos alguém... Foi quando eu comecei a desabafar e a contar a história. Às vezes, eu pegava uma batata de casa e lançava para o carro. O meu namorado se visse fazia uma coisa assim que era aproximar-se e ele fugia. Mudei de casa, depois senti que a coisa melhorou. Foi o caso mais grave, mais complicado. Enquanto os outros são comuns, de uma pessoa andar na rua e pararem, confundirem-nos com prostitutas. Aquilo [a perseguição] continuou quatro anos, uma média de quatro anos. Havia uns momentos que acalmava, parecia que não acontecia nada, depois vinha o bichinho outra vez. O senhor depois aparecia. Acho que ele era maníaco. Não sei até que ponto ele cismou com aquela pessoa que era eu. Nunca cheguei a dirigir-me ao senhor, nunca pessoalmente. E claro, no início ele insistia com os telefonemas. Depois, pronto, fui aprendendo a conviver com a situação. A única coisa que eu não queria [era] que me fizesse algum mal, e evitava. Evitava andar em sítios sozinha e isso assim. Esta perseguição que sofri durante anos encarei com naturalidade porque tinha a proteção do meu namorado e também de pessoal vizinho que já sabia da história e as pessoas estavam a par. Viam o senhor, já era conhecido e só faltava mesmo ir meter o caso na polícia. Eu não sei como é que o mecanismo da conquista, como é que funciona a tal conquista entre uma prostituta e alguém que está de carro, mas eu penso mesmo assim. Não sei como as prostitutas andam. Mas acontece, sempre, sempre! O fato de sermos estrangeiras interfere porque temos que arranjar justificação pra tudo. A probabilidade da mulher portuguesa ser abordada é menor. Nós sabemos que há muita imigração e há muita prostituição. Não sei como está o Porto neste sentido, mas aqui em Aveiro todas as zonas são minadas. Minadas no sentido de se estás num prédio, numa das casas tem que haver prostitutas estrangeiras. Não que aquelas prostitutas façam o seu serviço ali. Naquela casa ou naquele apartamento. Conheço até pessoas que andam nisso, nessa vida. Mas chega uma carrinha e leva as moças lá para o sítio. E claro que algumas até recebem na sua casa. Mas não sei como funciona nas ruas. Com é que alguém está a andar na rua... Pára! Será que somos assim tão sem princípios? Sem ética? Quem somos nós? Como é que eles olham pra nós?!

Agora outra coisa. Se é fácil de confundir, de olhar para nós por sermos estrangeiras... É assim, eu nunca fui para um sítio e até gostaria de ir para ver, para um estudo, para ver quais são as funcionárias do tal sítio, se a maioria são estrangeiras. Mas há que haver um mínimo de respeito! Tu tás a andar na rua, tens a tua profissão. Imaginas que estas a andar. Quer dizer, o fato de tu seres brasileira, e imagina que ele pára?! E eu no meu caso sou moçambicana e estou com uma colega, eu sou preta, ok? Gosto de dizer assim: “Africana, negra!”. Estou a andar com uma colega portuguesa. Até esse exemplo é o melhor porque ali nota-se perfeitamente a diferença. Porque uma é mais escura, outra é mais clara e a outra que está ali é... No teu caso enquanto tu não abrires a boca... Ou também se apercebem porque temos umas formas completamente diferentes. O próprio corpo, a forma de andar, tudo. Existe algo e eles sabem reconhecer isso. Os homens sabem reconhecer e olhando: “Aquela ali não é portuguesa”. Por causa do, como é que é... [risos] O balanço do próprio corpo. Agora no meu caso, se estou eu com uma portuguesa, qualquer um não tem que fazer esforço. Tá ali patente: A negra e a branca! Ok, aquela é portuguesa porque ele já sabe reconhecer, mas pára o carro. E diz: “Olá,vamos?”. Quer dizer,

eu fico mal. Perante aquela colega que está comigo ou perante alguém que me conhece na rua e vê um carro a parar porque achou que eu era da vida. A prostituta é a profissão delas, não tenho nada contra, tenho respeito por qualquer uma. Agora que me confundam?! Põe em causa até o meu nome! Porque a outra que estiver ao lado de mim vai dizer: “Epa! Pronto, acho que a Teresa nos seus tempos livre ou aquela moça a Teresa, ou a Maria... Será que?” É o primeiro dia, a moça que está contigo ainda não tem a certeza. No segundo dia, saem e acontece a mesma coisa. A outra vai se convencendo ainda mais: “Ontem parou um carro assim azul e hoje pára outro amarelo. Não tou a ver bem?! Acho que a Teresa tem alguma coisa aí, não é?!” E é isto. Essas coisas é que nos põem mais revoltadas e eu acho que não aconteceu só a mim. Eu tenho colegas, principalmente estrangeiras, a quem já aconteceu isso. Há muitas a quem acontece! E depois isso é assim, aqui! Uma coisa são uns piropos, outras porque eles mesmos... Vou te dar um exemplo de um sítio. Tenho também amigos portugueses. Foi até com uma amiga brasileira que acabava de chegar. Ela está em Coimbra a fazer o mestrado. Entretanto, ela não tinha ainda uma semana aqui. Ainda assustada, não sabia como encarar os portugueses: “Que eles são uns frios...”. Ok! Saímos e eu dizia, vamos tomar um café. Um que freqüentamos muito, há muitos anos. Chagamos lá e pronto, viram logo que a moça era brasileira, [uma] estranha, nunca tinham visto! Os homens todos quase que... “Ah, quem é, quem é?!” Pensaram logo que a moça era uma menina da vida! Isso foi agora, em setembro por aí! Agora! É recente! É a história mais recente que eu conheço. E a moça só queria sair daquele sítio! Ela lá parada e a ver aqueles olhares. Alguns como eu conhecia chegaram a mim: “Olha, Teresa quem é aquela moça?” Uns até conseguiram se aproximar da mesa, que era para tentarem ver se a moça era... se fazia isso. Eu, mais tarde, tive que ir lá ter com eles: “Se faz favor, ô meus senhores! Eu já vos conheço há tanto tempo! Por favor, quietos que ela não é dessa vida! Vocês, se quiserem, sabem onde estão os sítios e vão. A moça está conosco, chegou há pouco tempo do Brasil, nem sabe como é que isto é!”. Quer dizer, isto é um susto para alguém que acaba de chegar! Há alguns anos era menos, agora é mais, muito mais. A estrangeira é facilmente abordada nesse sentido. E algumas mulheres são vulneráveis, deixam-se levar, passam dificuldades. Até entram nisso [prostituição]. Fazem nem que seja por alguns dias ou por algum tempo que entram naquilo e sei de alguns casos disso. A própria sociedade tem uma visão sexualizada da estrangeira. E já dizem: “Mas quanto é que é?”. Há umas que se deixam levar e está a haver um problema sério de aproveitamento das mulheres nesse sentido. Tou a falar da comunidade cabo-verdiana. As moças vêm com bolsa pra cá, só que uma coisa é terem a vaga para estudar numa universidade católica aqui. Pagam-lhes a renda e o básico, mas depois não têm a bolsa, não lhes dão bolsa. Elas mesmas é que tem que pagar as propinas e os pais muitas vezes não têm condições de mandar dinheiro de lá pra cá. Também têm necessidades. E acabam forçadas a irem [para] a vida da prostituição. Mas por quê? Porque se elas não fossem abordadas também não iriam! Se não fossem abordadas, porque às vezes são abordadas e pensam: “Ai, será que eu sou assim tão linda?”. E começam e entram nessa história sem fim. Os carros que param [para] as moças é um assédio, tentativa de aproveitamento sexual! E acaba por levar, às vezes, muitas a aceitarem situações destas e é complicado!

Há portugueses e portugueses!

A integração da mulher moçambicana... A integração até acaba por ser... É mínima! Tou a dizer da integração perante a comunidade portuguesa cá. Daquilo que eu vejo, acho que a maioria é um bocado diferente de mim. Não tem muitas amizades com o pessoal português. Não sei se é receio ou é a tal disponibilidade dos outros. Dentre as que eu conheci, conheci várias moças que estiveram cá a estudar, cinco, seis anos ou dez ou algumas que ainda estão cá. Não só estudantes como trabalhadores, mesmo a nível do pessoal trabalhador que vem cá pra fazer outras coisas eu vejo que não têm muitos amigos portugueses.

Há portugueses e portugueses! Os portugueses também têm essa cultura de emigração, de viagem. E quando eles chegam nos outros países têm que se abrir. Não ficam à espera que seja o francês a abrir lhes a porta, não. Mas é um problema sério! Apesar de ter muitos amigos. Contam-se aqueles que eu digo: “Ah, vem a minha casa!” Por quê? Porque eu também não conheço a casa delas e não fazem questão. Não fazem! Enquanto nós, olha: “Há uma festa africana, pessoal, vamos lá!”. Mas tenho amigos, por exemplo, um amigo, um senhor que é pai de um dos membros de um casal amigo que nós temos, que tiveram filhas gêmeas, e que já nos conhecemos há muito tempo. O senhor António diz: “Oh Teresa, qualquer coisa, você passa em frente ao sítio...” Ele faz a restauração daquelas coisas da igreja, dos cálices, põe aquilo a brilhar. Às vezes, eu passo pela loja dele e ele diz: “Oh, Teresa, tás aí. Vamos tomar um copo?” Um senhor, praí com sessenta anos! Simpático! [ele] “O quê, vais a pé? Não vais a pé nada, vou-te dar boleia”. Deixa os empregados para me levar a casa. [ele]: “Oh, Teresa, precisas de alguma coisa? Isso, eu trato. O que tu precisares, tu já sabes.” Esse tal relacionamento de abertura que nós também temos que facilitar. Mas é difícil entrar na intimidade deles. É muito complicado. As relações são muito superficiais. Imigração existe em todo lado. Os portugueses são, talvez, o povo mais migrante que existe na face da Terra. Portugal é um país pequeno, não sei quantos milhões são. Se chegam a dez milhões de habitantes, mas estão milhares espalhados. A cultura dos portugueses já vem da própria migração. E quando eu venho pra cá, cruzei-me com tantos portugueses. Um que tem um pai não sei aonde a trabalhar ou que já esteve em Moçambique ou: “O meu tio já esteve em Angola” ou, “neste momento os meus pais estão a trabalhar em França”. Há portugueses em todo lado. A partir de um momento em que eu estou num país que vive essa cultura da própria migração, eu não me sinto tampouco envergonhada por ser imigrante. Da mesma maneira que eu estou cá, estão muitos em Moçambique, estão muitos no Brasil. Agora, não vejo até que ponto um português tem o direito de olhar para alguém e dizer: “Esta gente o que é que está a fazer aqui no meu país?” Ao ponto de eu ficar envergonhada por ter imigrado, ok? Isso da imigração é complicado porque depende da personalidade das pessoas e como é que elas se integram no meio em que estão. No meu caso, não tive problema. Primeiro, porque tenho uma maneira de ser completamente aberta. Não me considero uma pessoa antipática, pelo contrário. Acho que sou uma pessoa que gosta até de conviver e conhecer novas culturas e pessoas. Sou muito à vontade onde quer que esteja. E isso da vergonha de ser mulher, as mulheres muitas das vezes têm um certo receio. Mas algo que me ajuda

muito [é] o fato de ter convivido sempre com homens por força do curso que eu fiz. Informática é uma área onde estão muitos homens e, portanto, adaptei-me muito bem. E muitas das vezes sendo também a única negra, tive que dar a volta à situação. Estar num anfiteatro com duzentos alunos, sermos poucas mulheres e eu a única negra. Mas, se fosse para fazer uma pergunta, levantava o braço sem receio e fazia normalmente a pergunta. Esquecendo o fato de eu ser negra ou ser imigrante, até podia ser branca, mas de um outro país e com outro sotaque, francês que fosse ou angolano. Neste caso, sou moçambicana, mas estou à vontade. Mas conheço casos de pessoas que têm receio de falar, que não se sentem à vontade: “Ai, eu sou diferente. Então, toda a gente vai ficar a olhar para mim.” Na turma, se estão na aula, estão ali quietinhos no cantinho, à espera de outros virem ter por que: “Sou imigrante e então não sei como vou me dirigir”. É um bocado essa vergonha. Ou então dizer: “Ai, meu Deus, como é que eu faço? Venho de um país pobre e será que me vou enquadrar, me vou integrar bem nessa sociedade?”. No fundo, até acaba por ser encarado como vergonha ou receio, aquelas pessoas que não se esforçam e vivem em grupinhos. Não só o exemplo que eu dei dos africanos, mas também os chineses, que já há muitos aqui. Os chineses não fazem questão de falar a língua portuguesa. Tentam falar o essencial, mas não vemos chineses para além do negócio. Eles saem, vão trabalhar. Têm suas lojas, seu trabalho, mas depois... Daí não me lembro de algum dia ter visto convívio. Por exemplo, um casal chinês parado na rua ou num café a conversar com a gente da terra. Até podem ser portugueses ou africanos. Eu só os vejo a trabalhar e mais nada. Não os vejo misturados a conversar com pessoas e isso também acontece muito conosco. Há muitos imigrantes assim. Uma coisa sou eu que tento dar a volta a esta situação. Porque também eu podia passar por uma menina coitadinha, envergonhadinha ou com complexos de inferioridade pelo fato de ser africana e de ser mulher e estar aqui perdida num país completamente diferente do meu. Mas temos a sorte de falarmos a mesma língua, que também ajuda. Temos a sorte de termos história da África com os portugueses que lá estiveram. E estiveram muitos em Angola, em Moçambique e há sempre esta nova geração dos portugueses que até integram-se bem. Convivem bem, melhor dizendo, convivem bem com imigrantes. Estes mais jovens, não só pela abertura das fronteiras, existem esses programas *Erasmus* onde os estudantes saem e vão para outros países, vão adquirir novas experiências. E a música africana que já está a ficar na moda. Existe o *kuduro* e tantos outros cantores africanos que têm espalhado a música deles por todos os cantos e os jovens também vão aderindo a isso. Isto facilita também esta nossa integração cá. Já se conseguem identificar os portugueses com a música, com o estilo. Sobretudo em Lisboa, já ninguém se sente perdido lá. Porque já há muitos africanos lá e vês casais africanos e de portugueses por todos os lados. E agora só temos é que nós e os recém chegados tirarmos partido disso, desse novo mundo globalizado. Na nossa época, quando chegamos, era muito mais complicado. Porque havia poucos africanos. Nós tínhamos que dar a volta e saber conviver. Tínhamos que ser nós a aproximarmos. Porque para eles, nós africanos, os pretos é... Para os jovens: “Está aí mais um africano. Coitadinho, vem de um país pobre, que não sabe nada.” Nós também temos que demonstrar que queremos ser ajudados e acho que aqueles que se fecharam, perderam um pouco e perdem, vão perdendo enquanto não forem pessoas abertas. E é o que acontece, por exemplo, mesmo havendo uma certa estranheza

com os brasileiros mas eles já se identificam com o Brasil. Por causa da música, os portugueses gostam da música brasileira, gostam das novelas brasileiras e com África também acontece um bocado isto. E vão passar férias aqui perto a Cabo Verde. E temos [que], nós também, não nos fechamos. Temos que ser nós a exprimir a nossa própria identidade. O que tem acontecido com a música. Olhamos nos carros e vemos que não há poucos portugueses que têm música africana agora e pronto.

E na faculdade... “formaram-se uns grupos mais escuros ali, umas ilhas escuras”

No mestrado os colegas são simpáticos. Sou a única mulher, no curso de informática é assim, há muitos homens. Eu sou mulher, mas até pareço a “chefa” ali dos colegas. Acontece alguma coisa ali e vêm eles: “Oh Teresinha, sabes disso, sabes daquilo, se puderes falar com os professores pra isto...” Tento unir. Não somos muitos, nos mestrados até costumam ser poucos alunos. É muito mais fácil haver essa aproximação. Eu sou crítica e sempre fui em relação a isso [grupos fechados]. O que acontece é eu vejo que muitos acabam por fazer grupinhos. Grupinhos africanos. É claro que, muitas vezes, eles não são culpados. Até houve um caso concreto, havia numa sala d’aulas ou num anfiteatro, onde estavam cento e tal alunos, formaram-se uns grupos mais escuros ali, umas ilhas escuras. Só isso já é revelador daquilo que acontece. Se o professor der um trabalho para fazer em grupo, se tiverem a sorte de ter colegas africanos por ali ou moçambicanos não optam por fazer grupo com um português. Até a própria mulher no relacionamento, dia a dia, convivem mais entre elas [africanas], não convivem com outras, com pessoas de outras nacionalidades. Acho que também é a sociedade que provoca isso. Se houvesse uma abertura e dissessem: “Oh Teresa, deixa estar, vou fazer um grupo contigo.” Eu percebo, se eu sou portuguesa e me apercebo que até aquelas pessoas são simpáticas ou até aquela mulher é simpática, deixe-me tentar uma maior aproximação. Mas [são] poucas que fazem isso! São poucas que têm essa sorte. Como eu digo, no meu caso eu como moçambicana e dentro do curso e dentro da minha área é mais homens. Eu era obrigada a me relacionar. E mesmo que eu não fosse obrigada tem a ver comigo. Eu falo muito, gosto de me relacionar com as pessoas, gosto de conversar e de trocar idéias e tudo mais. Esse é um aspecto também que facilita. Mesmo até quando eu me apercebo que existe a tendência da outra parte de se fechar. Seja com mulheres ou com homens. Tenho colegas com diferentes formas de pensar, maneiras de ser e tudo. Mas eu é que me aproximava, via que se fechavam e dizia assim:

- Então, vamos fazer grupo? Já tens grupo? Não vai dizer que não tenho!

- Espera aí, ainda não sei bem, deixa ver depois eu vou dizer se já tenho ou não.

- Ah, deixa estar, vamos já fazer? Querias fazer com quem?

Sou eu a dar a volta àquela situação da pessoa querer se fechar. Muitas vezes digo a um colega que tenho agora: “Olha, eu faço-me de maluca!” Fazer-me de maluca significa desligar a ficha e fazer de contas que não estou a perceber. Não levar a sério esse fechamento e tentar perceber o que está a passar. Mas eu não sou culpada disso. Eu vou fazer a minha parte. Acho que se fizermos cada um de nós um pouquinho, conseguimos viver num mundo melhor. Eu estou a ler um livro do Dalai Lama que

ele explica perfeitamente. Porque somos todos seres humanos. Discriminam-nos por sermos mulheres, discriminam-nos como eu falava, pela classe social ou pelo elitismo. Porque somos responsáveis de altas patentes, vamos criar uma escolhinha [só] para os filhos dos responsáveis? Vamos também separar, criar lojinhas, pra quê?! É o que pode acontecer também na cultura cá, dos próprios portugueses. Apesar do que eu te expliquei dessa minha abertura e tudo mais. Por exemplo, agora que estou me a perceber, agora que eu voltei à escola outra vez, com os colegas. Não há contato telefônico! Contam-se dois ou três, o resto email! Qualquer coisa, contato via mail. Onde vivem, o que fazem, quem é quem, não sei. Não sei nada. Sei que tenho colegas, dou-me bem com eles enquanto estamos ali, mas não passa disso. É um problema complicado.

Estás a percorrer um bocadinho daquilo que eu sou, os meus passos!

Cá estamos nós, falei da minha vida e, no fundo, estás a percorrer um bocadinho daquilo que eu sou, os meus passos! A primeira vez, estivemos sentadas num café onde eu gosto de ir para comer. É uma padaria de um amigo nosso português que nasceu lá em Moçambique. Ele é dono de várias padarias, de um grupo de padarias aqui de Aveiro. E eu gosto de ir lá de vez em quando, comer uma fatia de pizza, lanchar, basicamente. Ele faz um bom pão! A outra vez, estivemos na rádio. Onde eu também faço um programa. É um programa mais direcionado à comunidade imigrante, sobretudo os países africanos de língua oficial portuguesa. Pela música! A música até varia! Acaba por não ser música dos países africanos de língua oficial portuguesa, mas é música africana. E algumas partes música brasileira, normalmente na altura do carnaval, eu faço praí duas edições do programa com música brasileira, dedicada ao Brasil, pela história do carnaval, que o Brasil representa muito bem, é o país do carnaval, e é a sua cultura! O carnaval faz parte da cultura brasileira. Isso para dizer que o programa na rádio, faço rádio já há sete anos. Isto é só um pequeno *briefing*, vou falar desses três locais onde nós estivemos para poder chegar a este onde nós estamos agora. Eu não sabia o que era rádio. Nunca imaginei que fosse fazer rádio. Quem fazia o programa era um colega nosso, também moçambicano, que fez cá na universidade de Aveiro o curso de relações internacionais. Acho que ele fez a rádio durante uns quatro anos, mas já tinha substituído um outro africano que se tinha ido embora. Ele pediu a um amigo nosso, também moçambicano, que o substituísse duas semanas e esse amigo tinha que se safar e que desse continuidade ao programa. Entretanto, esse nosso colega/amigo, como já estava cá e já era engenheiro civil, trabalhava e tinha sua própria vida. O programa era ao fim de semana, ele também não tinha experiência de rádio, mas estava interessado em estar lá a pôr música. Mas, talvez não sentisse mais à vontade em estar ali a falar, ele sozinho a levar o programa de duas horas. Agora praí há três anos é que fazemos só uma hora, até para dar oportunidade a outros programas na própria grelha de programação. Dar oportunidade a outros colegas novos, finalistas [formandos] portugueses, não estou só a falar dos programas africanos. E esse colega, que é engenheiro civil e hoje já está em Moçambique, disse que ele não podia fazer o programa sozinho. Ele achou que tinha que convidar alguém para estar com ele no programa. Eu fazia um pouco de animadora e locutora ao mesmo tempo.

Estava ali a falar e a dar as notícias, a animar um bocado o programa. Mas ele nem sequer pensou em mim! Eu não fui a primeira opção! Ele chama-me madrinha, no gozo, porque somos quase da mesma idade. Ele fez vários convites a vários colegas daqui, africanos. Nenhum deles teve a coragem: “Ah, nunca fiz rádio. Não vale a pena. Não posso”. E uma vez, na conversa, ele diz: “Oh Teresinha, tu não gostarias de fazer rádio?” Eu disse: “Oh amigo, eu por mim não tem problema nenhum. Esta vida é uma aprendizagem. Eu não perco nada por tentar. É para fazermos rádio, eu vou me esforçar e vou aprender.” Aquilo foi num espaço de três dias, já estava eu a falar. E no primeiro dia, não imaginas o que aconteceu?! Eu não tinha nada preparado, não fazia a mínima idéia de como é que era aquilo e ainda por cima em direto! Aí arranjei umas notícias. Não passei nada para o papel, não preparei nada. Peguei no jornal e era eu a dar uma notícia da seleção angolana que tinha perdido e que o Mantorras também não ajudou, Mantorras acho que já foi jogador do Benfica. Ele é de nacionalidade angolana, mas jogou para o Benfica e era muito querido. Eu estava lá a falar e cada vez que eu abria o jornal ouvia-se o ruído no microfone. Quem estava do outro lado apercebia-se que aquela rapariga estava ali a abrir o jornal. E eu desde os primeiros minutos estava nervosa e tal. E o outro colega do outro lado a pôr música. Parecia uma brincadeira! As pessoas do outro lado acharam que foi natural. Apesar da pouca experiência que tínhamos, mas fomos evoluindo. Depois, passado um tempo, ele foi-se embora. Um ano e meio trabalhamos juntos. Ele foi-se embora porque já não fazia sentido e ele quis regressar para Moçambique. E eu continuei a fazer o programa sozinha. Era eu na mesa. O que fazíamos os dois aprendi logo e fazia sozinha. Falava, tinha o teclado, o micro, conseguia pôr o programa no ar. Saímos da rádio na última semana e agora onde estamos?! No fundo é uma viagem a esse meu mundo cá em Aveiro! Agora estamos cá na universidade de Aveiro, calhou bem! Eu, neste momento, já estou indo direto ao assunto. Estávamos a falar da minha vida académica. Parei de trabalhar para me dedicar apenas ao mestrado, porque penso regressar para a minha terra, Moçambique, brevemente. Assim que terminar o meu mestrado aqui na universidade de Aveiro. Estamos numa sala de aulas, vazia, a esta hora. Isto deve ser praí umas dezoito horas, seis horas da tarde. Já escuro! Aqui, na Europa, escuro mesmo! Muito frio! Mas aqui está quentinho! Estamos exatamente numa das salas d’aulas que eu fiz um exame qualquer. Não me lembro bem de qual, mas já fiz vários exames aqui na altura em que eu fiz a licenciatura e de certeza que em algum desses exames que andei a fazer aqui, chumbei! [risos]. Porque o curso não era fácil. E marca-me! Sobre tudo este edifício. Quando tiveres oportunidade vais conhecer o edifício do departamento de informática, que é aqui perto, onde eu estou a fazer o meu mestrado em redes.

A aproximação é feita ao inverso

Agora da última vez estava eu a falar-te a nível da integração, relacionamento com os colegas e falei um bocado do problema que existe do comportamento dos portugueses em se aproximarem do estudante estrangeiro. Estou habituada a ser a única mulher pelo curso. Pela área muito favorita dos homens. Espero que, qualquer dia, surjam muito mais mulheres do que são hoje a seguir a área das

novas tecnologias. O curso, agora, pelo currículo de Bologna são três anos, na altura eram cinco. Mas nessa sala eu era a única preta e a única mulher! Por cada ano eles abriam vagas para duzentos alunos. Este curso e Direito entravam mesmo montes de pessoas, todos os anos. Nós enchíamos esta sala! Sobretudo nos primeiros anos [a integração] é difícil porque os colegas ainda não estão habituados. Então, o maior esforço tem que ser de quem chega, de quem é de fora, do estrangeiro. Para eles, não sei... Talvez por nunca terem tido essa experiência ou por serem mesmo um povo mais fechado. A aproximação é feita ao inverso. Nós africanos, normalmente, somos um povo bastante aberto, sobretudo para os que chegam. Acho que acontece o mesmo [no Brasil] talvez pelas influências que o Brasil tem dos países africanos. E não só, pelo clima. Há várias influências que estão lá misturadas. Nós africanos somos um povo muito afável, aberto, temos um espírito aberto. Sobretudo para quem chega. Se vem um estrangeiro procuramos sempre saber se está bem, se precisam de alguma coisa. São colegas. Seja no trabalho ou em qualquer área da vida, aproximamos sempre das pessoas que chegam e não o inverso. Aqui acontece o inverso, quem chega é que tem que se aproximar às pessoas da terra. O estrangeiro é que tem que se esforçar. E é um problema sério. Eu nunca tive problemas em relação a isso. Porque já sou uma pessoa com espírito aberto. Procuro não interpretar mal o fato... Claro que há vezes que ficamos assim, com receio, será que vou chatear ou se aquele colega tem um ar mais simpático: Será que eu me aproximo dele? Será que ele será assim tão frio? Vai me responder mal? Com ar frio? Até pode me dar a resposta, mas com aquele ar de quem não queria: “Essa tipa só vem aqui pra me incomodar”. E então eu, muitas vezes, esqueço esse lado e procuro... Eu às vezes costumo dizer a alguns colegas africanos: “Ah, eu faço-me de maluca! Faço-me de maluquinha e me aproximo e sorrio e está tudo bem!” Acho que sou uma pessoa simpática, com ar todo simples mesmo, que é o que eu sou e isso ajuda muito. Aproximo-me, sobretudo nos anos da licenciatura eu é que fazia os grupos. Depois de algum tempo, passado um mês já estou mais à vontade e os colegas também já estão mais à vontade comigo: “Epa, vamos fazer o trabalho tal. Vem fazer conosco? Quantos somos? Somos três e é grupo de três e tal? Onde é que nos vamos reunir? Temos que fazer isso e aquilo”. E sempre fui assim, e vi que depois de algum tempo fui ganhando amigos. De colegas passaram a ser amigos, mas depois de algum tempo! Mas é muito difícil termos contatos [com colegas], ainda mais contatos diretos. Nós africanos gostamos de um contato direto, de olhar para a pessoa, de falar. Se é pra rir, se é pra chorar, se é para nos chatearmos. Agora não, com os *emails*... Novas tecnologias: “Ah, dê-me o seu contato?”. “Ok, toma aí, já está. É esse o meu *mail*. Qualquer coisa falamos no *messenger*”. Se estiver num *chat* qualquer para poderem interagir está tudo bem, senão... No meu caso, eu fui me apercebendo de alguma evolução a nível de relacionamento com os colegas. Agora a pouco aconteceu a mesma coisa. Tínhamos um trabalho a poucas semanas e tínhamos que entregar. Tínhamos um prazo curtíssimo e sabe como é que é o pessoal aqui?! Deixam tudo para o fim! E no fundo o que aconteceu? Eu é que estava a adiantar o trabalho sozinha. Tinha mais dois colegas portugueses e eu digo: “Ah, deixa estar que eu vou adiantando” e digo: “Olha essa rede já está a funcionar”. Era para simular uma rede. Mas depois tínhamos outras partes complicadas que é ligado à segurança. Tínhamos que cumprir com o que estava ali no enunciado e as coisas não funcionaram

bem. E comecei a sentir mais necessidade de apoio da parte dos meus colegas. Ok, eu: “Olha pessoal temos que nos reunir para por isso a funcionar, faz favor, qualquer coisa preciso do vosso contato. Meu número é esse. Faz favor mandem os vossos números de telefone. Fui curta e grossa!” Todos eles responderam com contatos. Entretanto, outros colegas me viam *online* e perguntavam: “Teresinha, já conseguiste resolver aquela questão?” Eu me apercebi que estava a ser um ponto de união entre os colegas. Há uns tempos eu via, na licenciatura, as pessoas mais egoístas, não querendo trocas idéias, escondendo o material. Eu não, eu publicava, por mim está tudo bem. Eu chegava e dizia: “Para resolver isso tem esses *pdf*’s [arquivos/ficheiros] que saquei da net. Esses documentos que apanhei na internet, qualquer coisa eu tenho e posso passar-vos”. E passei para vários colegas e um deles aparece: “Olha pessoal vamos fazer uma coisa, vamos trocar todos os *mails* e *messengers* assim já temos o contatos uns dos outros para tirar dúvidas e esclarecer coisas da tese e trocarmos idéias e pode ser interessante.” Eu [pensei]: “Ah que bom! As coisas estão a melhorar.” Mas conforme eu digo, a experiência já na maioria dos casos, com os nossos colegas africanos, mesmo mulheres e homens, fecham-se um bocado.

Um peixinho fora d`água!

Eu tenho um exemplo concreto que é um colega meu que veio agora, nesses acordos de cooperação. Ele teve uma bolsa de mestrado e está cá há um ano. Quando ele chegou acredito que eu pensei que ele fosse alguém que tivesse ido [trabalhar] para aquele laboratório onde tivemos aula? Eu vejo ele encostadinho num canto, sozinho, a trabalhar com o seu portátil e pensei: “Certeza que deve ser alguém conhecido do professor. É um angolano?” Isso no primeiro dia, mas saí a correr e [pensei]: “Vou falar com ele mais tarde”. Na semana a seguir eu o vejo, de manhã, e vou ter com ele. Estava ali sozinho o moço, num cantinho, e era um problema sério! As aulas começaram em outubro e ele chegou em novembro. E um atraso de uma semana, ou duas, é crítico para quem vai começar como caloiro. Até tu apanhares aquele fio, e perceberes como as coisas funcionam, é complicado! Numa matéria se apanhas no meio não percebes e tem que recuar. O moço chegou de Moçambique, isso para dizer que não era angolano como eu pensei, e está ali no cantinho desde nove horas. Estávamos a espera do professor, e eu vejo e digo:

- Olá, está tudo bem? Tas cá a estudar?

- Vim agora, vim fazer o mestrado.

- Agora este, de redes?

- Sim, vim agora.

- És de onde?

-Ah, sou moçambicano.

- Ai que bom, és de Moçambique. Eu já estou cá há algum tempo. Já te explicaram como isso funciona? Temos os trabalhos...

Ele ali sentou-se, o professor sabia que tínhamos um aluno novo. Os grupos já estavam formados. E o

“tipo” completamente fora desse contexto, de como é que se trabalha aqui, de como é que as pessoas são. Ele estava simplesmente abandonado! E eu, espera aí! Vamos tratar deste assunto:

- Temos este trabalho desta cadeira e tal, qualquer coisa fala. E veja uma coisa, já tens grupo de trabalho?

- Ah, o professor disse-me que é para falar com os colegas.

Que colegas se ele não conhece, se nunca viu?! Toda vez que ele procura olham-no com estranheza! Eu é que já sei como lidar, chego e digo: “Olá, sabes, já tens grupo?” Eles ficam parvos! “Que rapariga é essa?” Eles olham uns para os outros e eu: “Posso fazer grupo convosco?” E assim começa, tento conversar e meto conversa. E naquele caso o moço não sabia, não sabia mesmo. E eu apercebi-me logo e disse: “Epa, esse moço vai fazer o mesmo que os outros. E pior, ele não tem com quem fazer grupinhos”. Porque os africanos se apanharem vêem que existem grupos, por exemplo, os cabo-verdianos juntam-se e ficam sozinhos no seu cantinho. Eu costumo dizer: “Formam uma nuvem escura num cantinho”. Só os africanos ali. Pelo menos conseguem ter um grupo! Sozinho ali, eu era a única preta, e no caso, que veio de Moçambique, e ele estava ali: “Um peixinho fora d’água!” Então, aproximei-me a ele, fui dando dicas. Eu via que ele tinha receio de se aproximar e eu dizia assim: “Olha, temos aqui nosso colega que chegou agora e não tem grupo. Tá aí alguém que esteja sozinho?” Ele teve grandes dificuldades, mesmo. Em todos os níveis, a tal integração/aproximação. Agora está mais ou menos à vontade. Eu olho para ele e ele já sabe o que tem que fazer. Já não precisa ter que ser eu a ajudar. E depois, os portugueses falam rápido! Para nós é complicado, para quem acaba de chegar perceber o que se está a falar. E conhecer a própria universidade, o moço não sabia de nada! Da licenciatura para o mestrado nós lá estamos um pouquinho mais atrasados. Isto aqui estamos num mundo mais desenvolvido, tudo chega em primeira mão. Ele não [sabia] como mexer nas coisas, como configurar a *wireless*, como tratar dos assuntos nos serviços académicos, isso tudo [ele veio] do zero. Nós, por exemplo, em Moçambique não temos multibanco para pagar as propinas e até carregar o telemóvel. Aqui vais ao multibanco carregas [o telemóvel], e já está. E depois é um tanto de problemas que [a pessoa] precisa de acompanhamento. Depois tens a questão da saúde, tens que ir ao centro de saúde para se cadastrar para poderes ter atendimento quase gratuito, com aquela taxa moderadora. É muita coisa! E ainda por cima essas questões todas. Agora, no meu caso, eu estou à vontade. Falo, converso! Indo para outro ponto... Vida académica já está, já falamos.

E eu fiz uma promessa

Ai, vida! Estou aqui a pensar. São tantos momentos que eu achei importantes. Marcou-me foi no dia que fiz a última cadeira da licenciatura. Eu sou devota da Nossa Senhora de Fátima e não era fácil fazer o curso, era complicado, foi muito trabalho. Exigia muito. E eu fiz uma promessa. No dia que fizesse a última cadeira, independentemente da hora que fosse, que me dessem o resultado, eu sairia aquela mesma hora e ia para Fátima. Eu não disse a ninguém. Entretanto, nesse dia, saí e estava muito ansiosa. E fui para a universidade para ligar para a professora para que ela me dissesse aquele dia, uma

quarta-feira, lembro-me. Fui para a universidade e falei com a professora: “Professora, já tens as notas?”. Era uma cadeira complicada. Ela: “Ah, estás preocupada? Passaste!”. Eu fiquei toda feliz da vida! Neste dia, nem tinha dinheiro e como cumprir? Mas eu pensei logo. Liguei para o meu namorado e disse:

- Oh Zé, tens dinheiro aí?

- Ah, por quê?

- Não lhe posso dizer agora!

Ele já sabia que eu tinha saído de casa para a universidade para tentar ser a primeira a saber os resultados. Antes que saísse oficialmente a pauta. Ele:

- Humm, sim. Diz-me primeiro o que queres fazer com o dinheiro?

- Não, preciso de viajar. Hoje mesmo, agora!

E pronto, e ele disse:

- Acabaste o curso?!

E eu estava toda emocionada:

- Não lhe posso dizer!

Ele emprestou-me [o dinheiro]. Disse:

- Anda almoçar. Vens almoçar comigo primeiro, depois viajas.

Almocei, e às duas horas apanhei o autocarro para Fátima. Já tinha informado a minha família e então foram-me ligando. Uma das vezes, meu pai liga-me:

- Então! Hoje há festa por aí?

- Não, estou em Fátima. Estou a meditar aqui e sozinha.

Ai, mas foi tão giro! Gostei mesmo! E pronto, foi um dos grandes momentos! Quando voltei de Fátima, os amigos do café em frente a minha casa e outros amigos moçambicanos, fizeram uma surpresa. Eram dez da noite. Champanhe para toda a gente! Brinde! E eu fiquei toda contente! E não foi aquela coisa, foi sem exageros. Fui para casa descansar. Foi dos momentos altos que eu achei. Também quando fui admitida para o banco. Concorri com muita gente, consegui. Isso para mim foi uma demonstração de que as coisas não são impossíveis, pelo fato de sermos imigrantes, de termos outra cor, outra “raça”. Concorri e fui admitida por mérito.

Eu agora tenho muito para contar

Eu, a bebezinha de seis meses que imigrou para Moçambique, para a terra dos seus pais, no fundo, nunca fui imigrante, nunca me senti, sou moçambicana por opção e por me considerar moçambicana mesmo. Eu sei que nasci na Tanzânia porque me disseram. Se não fossem os meus documentos, o meu registro de nascimento, se os meus pais não tivessem contado essas histórias minhas lá fora, eu não saberia nada. Só sei que eu conheço Moçambique, o meu país é Moçambique! Tenho orgulho também de ter nascido na Tanzânia pela história, por fazer parte, no fundo, da história de Moçambique e isso deixa-me bastante orgulhosa e orgulhosa pelos meus pais. A minha primeira experiência [como

imigrante] foi cá. Se tudo correr bem, em princípio, devo ir em fevereiro fazer a primeira parte da minha investigação em Espanha. Já está tudo acordado, e eu vou para o centro de investigação na universidade de Vigo, para terminar a parte da investigação da minha tese lá. No meu caso, eu agora tenho muito para contar. Já tenho muitos anos cá e também, no fundo, o meu estudo a nível da personalidade dos portugueses, pela minha experiência de vida que tive com eles cá. Acho que já os estudei até ao ponto mais crítico e ao ponto mais fraco. E, eu digo-te que, já convivi com todo o tipo de portugueses, já convivi com tudo e mais alguma coisa. Tenho amigos de todos os quadrantes sociais, políticos. Outro dia, fui fazer campanha política para um amigo nosso, que também tem raízes com Moçambique. Ele candidatou-se para ser presidente daqui da câmara de Aveiro. E ele convidou-me, na altura de campanha, para fazer o fecho de campanha. Fui lá ao jantar e ele convidou-me para discursar. Aquilo só contando! [risos]. Penso que ficou gravado. E falei bem! Falei da personalidade dele, que é uma pessoa que ajuda muito os africanos e as comunidades. E que os portugueses também deviam olhar para as comunidades de uma maneira diferente. Falei e eram praí duzentas pessoas. Estive uns cinco minutos a fazer o meu discurso no sentido de alertar para o que os imigrantes no fundo fazem. Porque os estrangeiros que estão cá dão seu contributo. Nós não estamos cá só para fazer os nossos cursos, trabalhamos. Como eles dizem: “Roubam-nos os empregos!” E não é isso! Nós lutamos e ganhamos os nossos empregos porque merecemos! Porque lutamos e damos nossa contribuição! Eu, no meu caso eu digo, estou cá e pretendo voltar para o meu país, mas com uma certeza absoluta que eu já dei a minha contribuição para Portugal. E gostava de dar mais, mas pronto, acho que já fiz a minha parte. Vejo algumas situações cá de imigrantes, principalmente de Lisboa. Na segunda-feira vi uma reportagem sobre um bairro social em Lisboa, com vários confrontos entre várias etnias lá, nomeadamente caboverdianos e ciganos. Penso eu que foi há uns dois anos que houve um tirotório entre esses dois grupos. Isto porque a tal situação: [falta de] Oportunidade! Esses já nem são considerados imigrantes, já são portugueses. Vivem cá desde crianças, não conhecem outro sítio. Se eu tivesse nascido cá e nunca tivesse ido a Moçambique de onde é que eu seria? São os tais luso-africanos, não são portugueses, são luso-africanos! A sociedade olha para eles como imigrantes, como estrangeiros e não são dadas oportunidades para eles crescerem, para se formarem. Muitas vezes, os pais nem têm condições para se sustentar e para pagar os estudos dos filhos e eles metem-se em drogas. Mesmo aqui em Aveiro há essas situações. Menos que em Lisboa, mas há. E é o que digo, muitas vezes, os problemas são as tais oportunidades: “Ai, roubaram-nos os empregos! Eu tenho que disputar uma vaga na universidade com um africano que vem de não sei onde e eu também luto para entrar para uma universidade”. Não! Nós concorremos e entramos com o mesmo pé de igualdade, mais nada! Vamos lutar e quem sabe, sabe!

Isso são histórias que acontecem em quase todos os países. A Alemanha tem a sua história de imigração, a França e até em África. O ano passado houve um problema sério na África do Sul. E há muitos imigrantes moçambicanos que estão na África do Sul a trabalhar e aquilo foi quase um ato xenófobo. Queimavam as pessoas vivas. Os imigrantes eram queimados vivos! Eu por acaso estava lá de férias em Moçambique e havia um regresso maciço de moçambicanos a fugirem. Muitos trabalham

nas minas de diamantes, naquelas riquezas todas que sabemos que eles têm lá em África do Sul. Isso acontece, até em África!

Temos, claro, os nossos defeitos

Os angolanos também têm a nossa riqueza cultural. Eles têm vários dialetos e tinha que haver uma língua de unidade nacional e foi uma das vantagens da colonização. E mesmo a nível de relacionamento tu te apercebes que, acho eu, existe muito mais afinidade e aproximação dos moçambicanos e angolanos com os portugueses do que com os cabo-verdianos e com os guineenses. Estou a falar dos países africanos de língua oficial portuguesa. Os de São Tomé e Príncipe são simpáticos, apesar de terem eles o seu próprio dialeto que é um crioulo mais forte. Não é crioulo, mas é parecido com o crioulo de Cabo Verde e da Guiné, mas com palavras mais africanas. Não existe português lá no meio. Só que eles têm um cuidado, eles já têm esse cuidado, não falam crioulo. Eles são mais simpáticos e acho que a integração deles é mais parecida com a nossa. Eles são mais fechados, são calmos, são pessoas serenas. Os angolanos querem aparecer muito! O cabo-verdiano, há uns anos, quando eu cheguei, nós até tínhamos medo dos cabo-verdianos! [risos]. Porque falavam que eles metiam-se em muitas brigas. E na altura eu tinha medo, e diziam: “Ah, vão a uma festa de cabo-verdianos, vocês? Vai haver confusão. Vai haver facada! Canivete. Porque eles sempre andam com um canivete no pé, no sapato”. Houve uma altura que havia mesmo muita confusão em Lisboa, mas isso tinha a ver com aspectos culturais, porque não são todos os cabo-verdianos, havia uns que diziam: “São os da Ilha do Fogo, são terríveis”. Os angolanos já não, os angolanos querem aparecer. Para eles é boa música e gostam de aparecer! Por mais que seja o mais pobre dos pobres, ele tem que estar bem vestido, tem que aparentar aquilo que não é e muitas das vezes até diz aquilo que não é. Um bocado de mentira para poder se sobressair, mas também acaba por ser até simpático. Eles são muito simpáticos, têm muita piada! Os moçambicanos gostam de um bom convívio também, são parecidos e dão-se muito bem os moçambicanos e os angolanos. Têm os mesmos hábitos, são mais parecidos com os brasileiros. Um bom copo e uma boa festa, pronto já está, é alegria! [risos]. O angolano é mais vaidoso. É o que eu digo, o moçambicano sai-se melhor no conjunto. Vaidade tem, mas é mais humilde. E acaba por se dar bem. Mas isso para defender a minha etnia. Temos, claro, os nossos defeitos. Não me estou a basear em estudos, mas do meu ponto de vista, nós os moçambicanos, temos facilidade [na integração]. Fora esses problemas de aproximação que eu falei agora, dos portugueses serem um bocado fechados. Mas eu não digo que não existem portugueses que sejam pessoas, logo à primeira, abertas. Aqueles que já estiveram em África, basta verem um africano que logo emocionam-se, querem saber de onde é. Neste caso da etnia somos nós, e penso que os angolanos também [que mais facilmente se integram]. Mas, a nível de Moçambique, temos sorte porque somos pessoas muito humildes. Podemos comparar com duas outras [etnias] que são os caboverdianos e os guineenses. Mas isto também tem uma justificação, na minha opinião, que eu já te conto. Isto porque nós temos uma língua de unidade nacional que é o português. Nós em Moçambique não sei dizer quantas são. Não

quero mentir pra já, mas deve ser praí uns cinqüenta dialetos. Se não chegarem a cem! Dialetos mesmo, línguas cada uma mais estranha. Se estás no sul de Moçambique e andas, viajas uns mil quilômetros, tu já não percebes nada do que estão a falar do outro lado. Se viajares mesmo cem a duzentos quilômetros de Maputo para Inhambane. Ainda na zona sul, viajas umas três horas já não percebes o que os outros estão a falar. Porque no sul tens o *ronga* que é o que se fala em Maputo. Chegas a Inhambane tens o *bitonga* que não tem nada a ver com a língua do sul. Mas existe o *changana* que é de Gaza, são três províncias que no fundo fazem fronteira. E que não tem nada haver, cada uma tem sua própria língua lá. E os pequenos dialetos aparecem, fruto das misturas dessas línguas originais básicas da zona e tudo vai se alterando. E eu digo: “Ainda bem que temos uma língua que nos une!” Porque eu e o meu namorado se fossemos a falar [os dialetos originais] nenhum de nós havia de perceber, seria como estar a falar inglês e o outro francês. Agora, isto também ajuda muito aqui, porque nós não temos o hábito de... aquele grupinho, põem-se a falar o seu dialeto, sem que os outros percebam, os que estejam à volta. Por exemplos, os cabo-verdianos, não é defeito, por ser o hábito! Eles encontram-se e começam a falar o crioulo. Não sei se já te apercebeste ou nunca reparaste? É imediato! Eu acho que eles nem sequer se apercebem. Encontram-se e esquecem-se completamente do português. Seja no autocarro, se nós estivéssemos aqui com mais duas moças cabo-verdianas elas esqueceriam que nós estávamos aqui presentes e continuavam a falar crioulo entre elas. Punham-se a falar em crioulo e depois tentavam falar em português conosco. Isto acaba por separar. E há um sítio [na universidade] que costumamos chamar de “zona jota”. Porque “zona jota” foi um filme português que passou aqui no cinema há uns seis, sete anos e era um filme africano. Conta a história de um africano que se apaixonou por uma portuguesa e... Esqueci-me a história. E há uma zona das escadarias aqui que bate muito sol. Na primavera, começa a bater sol e os pretos todos lá sentam. Mas os cabo-verdianos, na sua maioria, estão só entre eles, formam aqueles grupos a falar em crioulo. Passam os colegas e não percebem, como é que vão se aproximar mais? No nosso caso, é muito mais fácil e com os angolanos também. Os guineenses falam entre eles crioulo e têm um dialeto único. Claro que varia o crioulo de Cabo Verde, pelo que eles dizem o crioulo da Ilha do Fogo pode ser um bocadinho diferente, alguns termos, do crioulo da Praia¹ e os guineenses também. Acho que isso acontece também no Brasil. É mais a nível de calão², mas não tem nada a ver, entre eles se comunicam. E tu vês que têm mesmo problemas para se expressar em português, é muito mais difícil para eles. Eu percebo isto no convívio com eles. Mas com o tempo acabam por melhorar.

O aspecto exterior conta, a “raça” conta! O status conta!

Eu tenho tido algumas conversas com algumas amigas minhas. Até já formadas, mas que por razões óbvias de desemprego e essas coisas acabam por fazer trabalhos que não são da sua área. Umas são

¹ Cidade da Praia, capital de Cabo Verde.

² No Brasil, a palavra correspondente é: gíria.

empregadas domésticas. Mas dentro daquilo que eu me apercebi, é facilitada a integração normalmente para quem estuda. Não só para quem estuda, mas para quem revela que tem conhecimento, que é culta. Uma coisa é o aspecto exterior, olham para ti e: “Ah, está ali uma moçambicana”. Negra ou preta, como quer que chamem eu não me chateio, sinceramente, desde que não seja a ofender! É tá ali uma africana, negra, olham e: “Está ali mais uma burra!”. Falando no verdadeiro sentido da palavra. Porque ela deve ser uma ajudante de cozinha ou uma empregada doméstica. Uma vez, vínhamos no comboio eu e uma amiga minha portuguesa, com quem eu trabalhava lá no banco, e conversávamos esse assunto alto. Mesmo para chatear os outros que andavam lá no comboio: “Oh, Teresa. Sabes, outro dia, estava a ver uma reportagem num canal lá na TVCabo e puseram assim uma preta, uma branca toda loira e uma morena bem vestida. Diziam assim: “Ah, aquela preta é a empregada de limpeza [Teresa ri e diz: Nada disso!], a loira deve ser jornalista ou qualquer coisa assim, a morena deve ser uma doutora ou médica”. Quando foram revelar, a preta era engenheira de não sei onde. Isso para falar da imagem, quer dizer: “A cabeça das pessoas funciona assim! A loira era a empregada de limpeza. E a morena era uma coisa qualquer.” E dentro daquelas três, a que estava bem posicionada era a tal preta. Essa história é para dizer como as pessoas olham umas para as outras! O aspecto exterior conta, a “raça” conta! E vamos a outro ponto.

Não implica só estudar, implica também o que a gente fala. A nossa própria maneira de pensar talvez ajude muito na integração. E no meu caso eu acho que quando nós começamos a falar com alguém ela vai se apercebendo que aquela pessoa parece ser uma pessoa com algum estudo, uma pessoa estudada, uma pessoa culta. Bem, mas não se pode definir o que é uma pessoa estudada e o que é uma pessoa culta, mas acho que as pessoas apercebem-se um bocado. Deixamos sempre alguns rastros para os outros se aperceberem. E quando começam a se aperceber ainda mais: “Ai, aquela pessoa é universitária”. Isso eu vivi e posso te apresentar amigos que, onde eu chego, dizem: “Ah, vem ali a engenheira”. Os próprios portugueses já com, um certo, respeito. Nem que fosse médica ou alguma outra profissão, não era uma preta comum! Mas se eu fosse ajudante de cozinha... Eu já seria tratada de outra forma! O status conta!

A preta aqui está bem!

Dizem: “Ah, tu não devias ter aquele namorado, porque tu és uma mulher estudada, és uma engenheira.” Podem dizer isso, as pessoas vão por aí. Isso é complicado! E pior: “Aquela preta é bancária!”. Não é normal, mesmo no sítio onde eu trabalhava quando estava no banco, não é normal aparecer uma preta. Eu acho que naquele edifício todo, de nove andares, só no meu departamento éramos praí oitenta, eu era a única preta, nunca apareceu nenhuma preta lá! Ainda por cima, vai para que área? Redes! Não a subestimar outras, mas na área de desenvolvimento, como sabes, está muita gente. Nós na área de redes éramos eu, o meu chefe e mais um outro colega. Três engenheiros e uma secretária. A secretária que era a única mulher do nosso lado. Era a única mulher que não tinha formação superior. Tu não imaginas a guerra! Eu sentia que ela olhava para a “preta” e, ao mesmo

tempo, fazia-se de amiga e pensava: “Fogo, o que essa preta vem me fazer aqui? Agora vem essa preta mandar em mim.” Às vezes ao telefone ela dizia: “Esse assunto não posso resolver, vou passar.” E dizia assim [com ar desdenhoso]. Eu ensinava algumas coisas [para a secretária]: “Se for um assunto assim, resolva dessa maneira....” E ela atendia. Podia ser um balcão no norte ou no sul. E na altura, ela não sabia como manejar as configurações. Ela era secretária, mas gostava de aprender, mas tinha as suas limitações. Quando chegava na altura em que não sabia, atendia a chamada e dizia: “Olha, desculpe que eu não vou poder resolver esse problema, porque eu não tenho formação.” Era tipo uma “boca” [provocação] mesmo. Era para nos ferir, a mim e ao meu colega. O meu chefe tinha o gabinete dele, mas tinha o vidro [entre eles]. [A secretária] Dizia: “Vou passar aqui à engenheira porque ela que tem conhecimento para isto.” Eu resolvia algum assunto e, às vezes, chegava e via a senhora mal disposta, e eu não fazia nada. Comecei a pensar: “Eu não tenho que me preocupar, eu estou aqui a fazer o meu papel.” Quando entrei, passado um ano, subi logo de nível, foram seis meses de estágio, seis meses de contrato. Normalíssimo! Mas, depois disso, um ano depois, nessa altura de dezembro, o meu chefe estava de férias e liga de casa para o trabalho, e pede para falar comigo: “Oh, Teresa. Eu ligo que é para não apanhares um susto quando fores à tua conta este mês. Já recebeste o subsídio de natal. Daqui a nada vais receber o teu ordenado e eu estou de férias, e o que vai acontecer? Tu foste agraciada! Subiste dois níveis.” Tudo que um técnico pode querer. Tudo que um bancário pode querer! [O chefe diz] “E tens isenção total de horário”. Isto significa que são quase horas extras, mas sobretudo, a gente gosta. O horário bancário são sete horas, isenção total significa tu fazeres mais duas horas e não te estão a pagar pela hora que tu ficas. Aí já recebes como se fosse um outro ordenado à parte. Não chega a ser um ordenado, mas é uma boa fatia que faz diferença. Ele disse: “Não comentes nada, não fales nada”. Porque ele já sabia, já se tinha apercebido do que se estava a passar. E pronto, nem acreditei! Vim para casa toda feliz da vida. Mas depois já surgiram rumores. Então, a secretária vem a saber pelos outros. E tem um colega que disse, mesmo: “Eu vou provocar Teresinha, eu vou provocar a fulana, que é para ela sentir”. E vou te dizer assim, na mesma linguagem portuguesa, como eles gostam de falar: “Eu vou foder a gaja, a gaja vai se espernear toda! Vai ficar bem fula, porque ela já está cá há oito anos e tu mal entraste já subiste duas vezes e ela, pela formação que tem, já não sobe mais.” A preta aqui está bem! Isto é que interessa! Dito e feito! Enquanto [a secretária] não soubesse estava tudo bem. No dia a seguir, comecei a ouvir e era só ela a “mandar bocas”! Mas isso eu não ligava. Os colegas de outras seções diziam: “Ah, não ligues é dor de cotovelo.” Isso para dizer que até no trabalho mostrei que eu era capaz! Lutei! Mostrei e lembro-me [de] outras coisas que os deixaram ficar chateados, enciumados. Foi na altura que aconteceu um dia que tive um chefe, um diretor com problemas informáticos, e eu fui lá até ao gabinete dele resolver. Mas era uma coisa simples. daquelas coisas básicas. Aquele senhor era o diretor da área da bolsa, e então tinha que ter o serviço dele disponível, e mesmo que fosse outra pessoa. Eu chego lá embaixo e ligo para ele, pergunto se está a funcionar tudo bem, e ele: “Ah, obrigada pela gentileza.” Uma coisa mínima, mas que para eles aqui é um problemão, porque eles são sempre stressados! Eu esqueci-me e passados uns dois meses encontro-me com o diretor que vem de Lisboa e ele diz: “Você tem uma técnica e é muito competente.

Nós precisamos de gente assim, que resolva-nos os problemas, mas com simpatia”. Recebo esses elogios e veio o meu chefe, o tal diretor encontrou-se primeiro com meu chefe, e ele diz: “Pessoal eu venho para dizer que é assim que eu quero que vocês trabalhem. Porque a Teresinha hoje recebeu grandes elogios por parte lá do presidente da negociação, do diretor da parte da negociação do banco! Porque resolveu assim.” E o chefe a dizer a nós todos: “Muitas vezes os problemas nem são nossos é só dizer à distância: “Olha, liga o cabo!” Mas às vezes, cinco minutos ou dois minutos que tivermos para sermos amigáveis... Nós somos muito técnicos e esquecemos que estamos a lidar com seres humanos do outro lado.” Sobretudo aqui na Europa o pessoal estressa! Eu não, como tu vês estou aqui a falar e perco muito tempo assim, eu não tenho cura! [risos]. Olha, depois disso, a manhã toda ninguém falou para mim! Lembro-me bem. Todos com um ar estranho. Aquele ciúminho, aquela dorzinha que fica, talvez queriam ser eles... Eles tinham recebido outros elogios, e eu nunca senti. E sempre procurei também imitar e seguir os passos bons, as boas práticas que eles tivessem. À tarde vem o diretor e o meu chefe disse: “Não precisas falar. Estão todos contentes com ela. Eu já chamei a atenção a eles.” Isso para dizer, mesmo se houvesse algum problema gravíssimo e eu resolvesse. No dia seguinte, o chefe elogiar era um problema, eu sentia! Mas era a preta também! Eu sentia: “Essa tipa, onde é que foram buscar?” Para dizer que são essas oportunidades que não podemos ter medo pela cor e isto já contém um bocado do que é ser imigrante e trabalhar. Pensam que nestes sítios os imigrantes, o africano, não tem direito de lá estar! Por exemplo, tenho um amigo que voltou. Esteve cá, era um grande chefe num banco. Depois foi para Moçambique para o mesmo banco lá e, passado um tempo, como estava casado com uma portuguesa, voltou para cá com os filhos, portuguesa médica, só que ele não se sentiu à vontade. Nunca conseguiu se sentir respeitado! Nunca! Eu acho que foi por isso, chegou um tempo, ele voltou. A mulher dele é portuguesa, ficou cá. Ele está lá a trabalhar e só vem cá quando está de férias. Isto assim para dizer que, mesmo assim, eu não me sentia feliz! Profissionalmente, sentia-me realizada, fazia o que eu gostava. Mas feliz por estar aqui faltava um bocado! Nós africanos, e os brasileiros que sejam, somos muito amigos uns dos outros. Tudo para nós fica fácil, por mais que o problema seja grave. E sentimos aqui um bocado abandonados! Eu não me vejo... Agora já sinto necessidade mesmo de voltar, depois dessas experiências de vida.

«Preta, com muito orgulho!» Eu acho que todas as raças têm uma cor

Sentir vergonha acho que não tem nada a ver comigo. Vou sentir vergonha de quê? Daquilo que eu sou? A não ser que tivesse feito algo de mal a alguém, agora, alguém chamar-me preta não vou sentir vergonha. Eu digo: “Preta, com muito orgulho!” Se alguém me discrimina pela raça, direta ou indiretamente, eu mostro que a pessoa não está no caminho certo. Não sei se tem a ver com a formação. Acho que uma pessoa para ser racista, não precisa... Ou até a pessoa pode não ser racista, mas ter atitudes um pouco estranhas: “Ai, porque esta pessoa vem d’África, de um país em vias de desenvolvimento, para não dizer subdesenvolvido. Mas subdesenvolvido, até que ponto? Será que aquela pessoa não é capaz? Todos somos seres humanos. Conseguimos evoluir e aprender da mesma

maneira que um americano ou que um europeu.” Quando me tentam discriminar pelo fato de eu ser africana, eu tento mostrar que a formação daquela pessoa é um bocado... Não só acadêmica, como... Ou não está bem a nível mental. Diretamente ou indiretamente, tento mostrar que se passa... E em algumas situações, dizem: “Ai, porque vocês africanos isso ou assado ou cozido.” Exemplos concretos agora não me estão a aparecer, mas talvez, durante a conversa [entrevista] possa ter. Mesmo na rua, já me aconteceu estar um pai com um filho e a criança apontar o dedo e dizer: “Olha a preta!”. Aquela criança não sonhou! Primeiro, as crianças sabem que somos todos diferentes, mas também todos iguais. Uma criança é capaz de perceber que aquela pessoa é mais escura até, não é? Mas ao ponto de saber discriminar e dizer: “Olha a preta!”. Eu páro e olho. Eu disse: “Olá”. Houve uma vez que eu estava no hipermercado. A menina chamou-me preta e eu disse: “Olá, menina!”. O pai ficou todo envergonhado: “Olha cá, não falas assim com a senhora”. Já queria educar naquele momento ou mostrar que dá uma educação completamente diferente e muitas das vezes não, não é isso que acontece. São os próprios pais que vão fazendo alguns comentários ou então vão mostrando à criança: “Olha tás a ver aquela ali, aquela ali é preta.” Mas, quando se vêem numa situação como a que eu passei, ficam envergonhados. Eu disse: “Não menina, eu sou preta sim e tu o que és? Tu és branca! Tu és branca, não é? Mas quem ensinou, foi o papá?” Os pais ficam envergonhados. Dependendo do dia e do meu estado de espírito, houve um dia que eu disse mesmo: “Olhem, meus senhores, isso aqui é culpa vossa. O senhor é o pai da criança e ensina assim. Agora tá-se a envergonhar?” Eu ainda disse: “No meu caso, eu não ligo se é preto, se é branco.” Eu acho que todas as “raças” têm uma cor! Mas quando foi para dar o nome à “raça” negra, poderiam ter posto [outra] como existem os brancos, os amarelos. Quando foi para dar a cor negra aos africanos, os negros. Pronto, surgiu. O que é negro? Negro é algo escuro, tudo bem. Mas quando foi para dar o nome à “raça” branca podiam ter dado: “Os cremes, ou os beges, ou os clarinhos”. Podia ser a “raça” clara. Eu não me importava se, por exemplo, tivessem dito: “Existe uma raça que é preta, pronto. Os escuros são pretos, acabou. Não haveria chatice.” Mas a maior confusão foi o não deixarem claro. E essas coisas dependem da interpretação dos próprios seres humanos. Mas eu não ligo muito. A não ser que me ofendam, que seja feito com intenção mesmo de me magoar.

Cá, longe, significa também perder família distante

Pelo fato de estarmos cá, longe, significa também perder família distante. Os meus avós faleceram enquanto eu estava cá. Por exemplo, o pai da minha mãe faleceu e eu ia lá passar o natal. No dia seguinte, íamos para a casa de uma tia nossa passar as festas. O almoço já no dia vinte e cinco. Entretanto, ligam a dizer que meu avô tinha falecido. Dois dias antes de eu viajara para o ver. Mas pronto, consegui assistir ao enterro. São aquelas coisas que acontecem. Um dos piores momentos mesmo que eu vivi cá tendo família longe foi quando meu pai sofreu um acidente. Teve um problema na bacia. Ele teve muito mal e eu, cá longe, só chorava. Queria saber. Uma situação que demorou praí quase uns dois meses até se resolver. Porque, depois, ele teve que ir à África do Sul fazer uns

tratamentos. E ficou tudo bem, graças a Deus! Depois disso, passado dois anos, um irmão sofreu um acidente grave, estava mesmo às portas da morte. Eu a acompanhar isso tudo à distância. Depois, nem me contavam direito as coisas. Meu irmão estava em estado de coma, ficou praí onze dias até ir à África do Sul. Teve que voltar a aprender tudo: a andar, a falar. E conseguiu dar a volta. Estava no último ano da universidade. E recuperou e conseguiu acabar o curso. Mas isso são situações que nós vivemos que nos põem muito tristes. Esses dois foram os piores momentos que eu vivi cá. O fato de tu saberes que as pessoas mais próximas, mais queridas, [estão] a passar por um momento complicado de estar entre a vida e a morte. Isto no lado mais pessoal. Tenho uma relação estável, simpática [com o namorado]. Ele tem sido um grande apoio. Tem sido um amigo. O meu melhor amigo aqui. E vamos nos encorajando. Dá-me forças para as decisões que eu tomo. E não tem aquela atitude mais egoísta, imagina: “Ai, ela agora vai para a Espanha. Por que não fica aqui comigo?” Se é para dar força, dá-me força. Foi um momento ótimo. O ter conhecido também foi bom. E eu acho que não tenho, assim, mais que eu possa falar. O resto acontece na vida de qualquer um.

Vou voltar, mas vou ter que me refazer como pessoa

Planos para o futuro? Acabar o mestrado. Mas tu tás pior que eu. Ter que aturar a minha voz durante não sei quantas horas depois da entrevista. Agora tenho que apresentar a pré-tese. O “estado da arte”, daquilo que já foi feito na área. E como é que vou fazer, e isso. Como será direcionada a tese. Em finais de fevereiro, já irei para a Espanha, para Vigo, começar a trabalhar a sério. E as coisas vão se atrasar um mês. Acabar o mestrado com sucesso. Apresentar a tese. E espero que não me apareça nenhuma oportunidade boa para eu dizer: “Vou agüentando mais um tempo aqui na Europa.” Se surgir, claro, eu não perdô! Aproveito sempre as oportunidades que me surgem. Mas meu plano é mesmo regressar. Acho que o meu contributo cá, tanto a nível profissional, acho que já dei. Cresci cá. A nível de boas e más experiências, passei-as cá. Mas já é altura também de estar junto dos meus. E também dar o meu contributo para o meu país. Eu contei-te um bocado da história, de que eu sou fruto da guerra. Fruto da luta de libertação, aquela história toda e acho que mais do que ninguém eu tenho esse dever para com o meu país, para com Moçambique. Mas, claro que tenho também alguns receios. São muitos anos fora. São dezesseis anos fora, que implica recomençar tudo de novo. Eu sinto que quando vou para lá, já sou tida como estrangeira. Quando tu vives muito tempo fora... “Está aqui mais uma tuguinha, uma portuguesinha”. Apesar de ter lá a minha família, vou passar por um outro momento de integração. É assim, nós não perdemos a nossa cultura africana. Mas também temos que voltar a entrar no ritmo. Porque nós não vivemos a cultura africana no dia a dia, cá. É diferente. Preparamos os nossos pratos típicos e saímos, mas há alguns aspectos que, no meu caso, já estou um bocado desligada. Vou precisar de me integrar, de lidar com aquelas situações todas que nós vivemos, da pobreza. Em olhar para as ruas e conviver com os meninos que estão na rua a pedir. E claro, os olhos depois habitua-se e aquilo passa a ser “normal”. Porque, no início, quando vamos lá de férias e vemos aquelas desgraças todas achamos muito triste, e é sempre um choque. Mas o que eu me

apercebi é que, depois de algum tempo, os olhos habituam-se. Por isso, a maioria dos problemas não se resolvem. Porque nós habituamo-nos a olhar e a conviver com a desgraça e depois não muda nada. Vamos ver se os meus olhos se vão habituar a conviver com estes problemas que o país encara. E claro, nós não temos grandes auto-estradas, estas linhas de comboio todas evoluídas. Não temos muita coisa. Grandes centros comerciais... Temos problema também de violência, como acontece em outros países. Há também assaltos. As casas lá têm grades por todos os cantos. Estás dentro de casa como se estivesses presa. Isto já é a tal situação. Vou voltar, mas vou ter que me refazer como pessoa. E claro, vou me preparando desde já para encarar. Só assim vou poder dar um melhor contributo. Porque senão voltaremos a falar da nova depressão. Daqueles estados de espírito que nos fazem entrar em depressão porque não nos habituamos às situações. E mesmo no trabalho. Nós somos mais *softs*! Não sofremos de stress. Eu por exemplo, no fundo, já adaptei-me um bocado a este ritmo. Mas lá as pessoas não trabalham a duzentos [quilómetros] a hora, trabalham a metade. A cem [quilómetros] a hora, sem stress! E eu vou ter que chegar lá e desacelerar-me um bocadinho. Eu não vou chegar lá e dizer: “Toda a gente vamos a duzentos [quilómetros]!” Eu é que vou ter que adaptar ao ritmo. Acho que é isso e espero que tudo corra bem. Isso faz me pensar. Imagina que eu vou enfrentar uma nova situação por seis meses em Espanha. É outro ambiente. Eu já estive lá de férias, mas acho que é um povo completamente diferente dos portugueses. São mais abertos, mas não sei. Isto é a primeira impressão. E a parte errada? Não sei. Vou ter que enfrentar uma nova integração. Mas pronto, para quem já foi imigrante, já não tem medo. Neste caso, já passei por Portugal, já não vai ser complicado enfrentar esta nova guerra. Nem o regresso para Moçambique. Já estamos vacinados!

Todos nós somos importantes e temos uma história para contar

A experiência de contar a minha história foi ótima! Ótima, porque nós estamos habituados a contar uma determinada história e não quase ela toda. Aqui, falamos de alguns aspectos. Uma coisa é chegar e contar por força das circunstâncias. Estamos num determinado contexto, falamos, mas são conversas que demoram dez minutos, ou estamos num jantar e falamos um bocadinho. Depois daquilo, acabou. Nós não fazemos uma reflexão realmente daquilo que foi a nossa vida. Esta entrevista foi ótima no sentido de que ajudou-me também a parar e a pensar um pouco naquilo que eu fiz e que todos nós somos importantes e temos uma história para contar! Nós estamos habituados a ver só figuras públicas na televisão, no *biography channel*, como se nós não tivéssemos histórias. Como se nós não pudéssemos contribuir. Vemos reportagens que fazem nos países africanos, naquela pobreza, mas só preocupando com aquela pessoa naquele momento que está a passar fome ali e mais nada. As coisas não funcionam assim. E isto para mim ajudou-me a repensar um pouco aquilo que eu sou realmente. Esta entrevista foi também um dos momentos altos, marcantes. E é isto. E mesmo assim vou sair daqui... Aliás, sempre que eu saía da entrevista contigo eu demoro praí um ou dois dias a pensar naquilo que eu não falei. Porque eu gostava de ter contribuído com muito mais, porque a nossa vida tem tantas histórias! É o que muitas vezes dizem: “Enquanto tu andares, está tudo bem”. Mas no dia

que perdermos um dedo vamos nos dar conta que aquele dedinho fazia-nos falta. Isto para dizer que são tantas histórias e algumas nós nem damos importância. Mas, que depois garanto que amanhã vou recordar de uma história tão bonita que não te contei ou uma tão triste. Falamos aqui da violência e andei à procura de algumas para contar e algumas que testemunhei e fico triste quando sinto que podia ter dado mais também. Porque não é todos os dias que fazemos uma retrospectiva daquilo que foi e que tem sido a nossa vida. Espero que tenha sido útil e que daqui para frente eu realmente repense. Para mim, contar a minha história contribuiu para eu repensar aquilo que eu sou. Será que realmente vale a pena abdicar da família e da nossa terra para irmos para um sítio diferente por causa dessa nossa ambição de formação e não sei quê? Isso faz-me pensar muito. Repenso sempre: “Será que adiantou? O que é que eu ganhei com isto? Será que alguém me vai reconhecer por isto?” Claro que nós não estamos preocupados com o reconhecimento dos outros, mas o nosso próprio reconhecimento de olhar e dizer que não me envergonho dos passos que eu dei, de tudo que eu fiz. Eu agora contei boas histórias da minha passagem por esse país, mas também são dezesseis anos que eu perdi sem a minha família. Depois, tive cá o outro meu irmão que estudou cá e eu também fui muito útil para ele na integração dele na universidade e ele foi muito bem sucedido. Acabou por ser presidente da Associação dos Estudantes Moçambicanos. Sempre que precisou eu estava lá para o ajudar. E adorei mesmo! Se fosse para passar por esta experiência de novo eu aceitaria. Aceitaria sem dúvida, eu não tenho medo. Mesmo porque eu acho que ajuda-nos um bocado a olhar para aquilo que nós somos realmente. Acho que qualquer um de nós, mesmo que seja uma entrevista anónima, para quem quer que seja. Independentemente, ajuda-nos sempre a refletir. A não ser que a pessoa saia com invenções, disposta a contar uma história da Alice no País das Maravilhas. Ninguém tem só coisas boas para contar, mas pronto. Adorei!

INTRODUÇÃO

*É próprio de uma pesquisa ser indefinida.
Nomeá-la e defini-la é fechar o ciclo: o que resta?
Um modo finito e já perempto da cultura,
alguma coisa como uma marca de sabão,
noutros termos, uma idéia.
(Sartre)*

O estudo dos fenômenos migratórios é um campo complexo. As migrações podem ser estudadas a partir de diferentes prismas e são várias as condições que as mulheres ocupam nas questões relativas aos vários tipos de deslocamento.

A escolha pelo estudo da migração feminina africana para Portugal configura o núcleo central deste projeto, e nos direciona a uma vastidão de possibilidades. As mulheres são muitas e diferentes entre si. Elas têm origens diversas, provêm de várias classes sociais, etnias, idades, famílias e se movimentam por motivos distintos.

A mulher africana traz na pele uma marca: É “preta”? É negra? “Pretas” ou negras? Elas trazem uma marca étnica que as distingue. Não existe esconderijo, a pele está lá! Suas curvas, suas tranças, ela se destaca e seu corpo vagueia pelas ruas em meio a outros corpos. Como será a experiência de migração de uma mulher africana?

E a mulher moçambicana? Quem é ela? A moçambicana está à margem inclusive dos próprios estudos africanos desenvolvidos em Portugal. A invisibilidade dessas mulheres é algo que nos incomoda e que buscamos romper.

Como essa migrante moçambicana vive as questões relativas à sua integração social e acadêmica? E as questões de gênero, “raça” e classe, qual será a sua experiência? Será que a migração trouxe algum impacto para a sua saúde? Será que ela vivenciou algum tipo de violência? Estas e outras perguntas impulsionaram o arranque inicial para que pudéssemos desenvolver esta investigação científica.

Além destas indagações, outras tantas antecederam a idéia da elaboração desta pesquisa. Esta dissertação é fruto de uma trajetória acadêmica e profissional dedicada aos estudos e à *práxis* em psicologia social. Durante a graduação em Psicologia, na Universidade Federal de Minas Gerais, realizei estágios em comunidades, com mulheres, crianças, adolescentes, idosos, etc. A iniciação na pesquisa científica aconteceu com minha inserção no LabGrupo do Mestrado em Psicologia da UFMG. Participei como bolsista de iniciação científica pelo CNPq em um projeto de alfabetização, articulando as propostas de Paulo Freire e Enrique Pichon-Rivière.

O estágio com mulheres vítimas de violência, na Delegacia Especializada em Crimes Contra a Mulher, em Belo Horizonte, foi a fonte inicial de inspiração que marcou a escolha pelos estudos de gênero. Não posso deixar de citar também os Colóquios de Psicossociologia que

aconteceram na UFMG. Além dos memoráveis encontros da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social).

No início da vida profissional, participei como psicóloga social no Projeto Criança Pequena, pela Providência Nossa Senhora da Conceição e Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em parceria com os Agentes de Pastoral Negros e com a Pastoral da Criança. O trabalho com as famílias possibilitou discussões, construções e desconstruções acerca de temas que sempre perpassaram o cotidiano das minhas práticas: gênero, “raça”, etnia, violência, comunidade, sexualidade, etc.

Na Especialização em Atendimento Sistêmico às Famílias e Redes Sociais, realizada na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, desenvolvi como trabalho de conclusão a temática da violência de gênero no contexto familiar. Posteriormente, aceitei o desafio da docência no curso de psicologia da UNIPAC-Barbacena e as experiências e trocas com minhas alunas e alunos fizeram com que eu amadurecesse idéias e escolhesse dar continuidade à árdua e prazerosa vida acadêmica.

Em julho de 2007, uma viagem turística à Europa despertou meu interesse pelas questões da imigração. No decorrer da minha estadia no mestrado em Temas de Psicologia da Universidade do Porto, o intercâmbio de informações e trocas com as/os colegas estrangeiras/os, especialmente africanas/os e brasileiras/os, foi fundamental para a inspiração que deu origem a esta pesquisa. Além da minha incessante curiosidade científica e o desejo de aprender mais.

As questões de gênero, que sempre estiveram presentes na minha trajetória acadêmica e profissional, novamente ressoaram em mim. Entretanto, a interface com as questões de “raça” e classe vieram pelo impacto que sofri ao chegar a Portugal. Comecei a observar que os negros aqui são “pretos”. Senti um incômodo que não passou, e na convivência diária as situações de preconceito, de estigmatização e racismo, que pude observar, foram cruciais na escolha por desenvolver esta pesquisa com uma mulher africana. Eu fui em busca de alguém que aceitasse contar a sua história e, como boa mineira, garimpei uma pedra preciosa, que através de seu relato mostra seu brilho próprio e nos leva pelos caminhos do conhecimento através da sua subjetividade.

No meio estudantil, conheci colegas africanos/as que me fizeram chegar até Teresa, a narradora da história de vida na qual esta pesquisa se baseia. De acordo com Maria do Céu Esteves et. al. (1991, p.20), em relação à imigração africana, os/as estudantes africanos/as que se instalam em Portugal para freqüentar a universidade, “apesar de constituírem uma população estatisticamente insignificante, ocupam um lugar social que irá ser fundamental na configuração das relações com os PALOP (países de língua oficial portuguesa) após a independência, em todos os domínios (incluindo o dos movimentos da população)”. Deste modo, a escolha por realizar uma

história de vida de uma estudante moçambicana perpassa a observação em relação a este perfil de imigração.

Os dados acerca da imigração africana para Portugal ressaltam que, em número populacional, a maior comunidade é a cabo-verdiana. E que as populações imigrantes africanas ocuparam essencialmente a periferia de Lisboa e Setúbal e vivem em condições de pobreza. A alta taxa de analfabetismo e a ocupação em postos de trabalho que exigem uma baixa qualificação profissional são características marcantes destas populações. A imigração oriunda de Cabo Verde possui um perfil voltado para famílias e crianças. Enquanto que a de Moçambique e Angola caracteriza-se pelo elevado número de indivíduos solteiros e com um menor número médio de filhos dependentes em cada família, além de apresentarem o maior contingente de estudantes³, ou seja, são populações demograficamente jovens⁴. (Esteves et. al., 1991 e Reis, et al. 1994).

Apresentar a história de vida desta moçambicana é uma experiência *suis generis*. E neste sentido, minha formação em psicologia social e na compreensão sistêmica dos fenômenos, amplia meu olhar sobre a história de Teresa. No sentido de um entendimento a partir de um ponto de vista alargado sobre o estudo de caso⁵. As palavras de nossa narradora não são apenas a sua voz, mas o reflexo de várias vozes, haja vista, que as pessoas estão inseridas na sociedade e na teia da vida.

Em relação à imigração moçambicana, Sheila Kahn (2006) afirma que os/as imigrantes moçambicanos/as são silenciosos/as face ao contexto da imigração dos PALOP⁶ (países de língua oficial portuguesa).

Trazer à tona a história de vida de Teresa é retirar do silenciamento e tornar audível não apenas a história e a identidade de uma mulher, mas de várias mulheres moçambicanas, africanas, imigrantes, que têm suas vidas no anonimato e diversas experiências comuns em suas distintas

³ Evidencia-se ainda o baixo peso de estudantes entre os cabo-verdianos (12%), sobretudo quando comparado com o das outras populações como Angola (25%) e Moçambique (26%). (Esteves et al. 1991, p.41)

Ainda relativamente à população estudantil, a autora afirma que eles/as são o maior número, seguidos das domésticas (principalmente na população cabo-verdiana), no que se refere à população africana considerada inativa. Isto porque Portugal continua a ter um papel relevante na formação de quadros dos PALOP, em especial através dos mecanismos formais no plano da política de cooperação universitária (Esteves et al., 1991).

⁴ De acordo com Esteves et al. (1991, p. 39), em relação à indivíduos de 20 a 40 anos (em idade ativa) estão 22 e 23% dos imigrantes angolanos e moçambicanos, respectivamente e a proporção de indivíduos com menos de 20 anos apresenta valores próximos dos 70% para os nacionais de Angola e Moçambique.

⁵ Para Robert Sévigny (2001, p. 25) e, no que condiz à postura psicossociológica: “Um caso pode ser tanto um indivíduo, como uma organização formal, um grupo de atores que vivem uma experiência em comum, uma profissão, uma região e – por que não? – uma sociedade em sua globalidade”.

⁶ Para Kahn (2006, p.9): “Não é tarefa fácil examinar as vidas, sonhos, emoções e esperanças mais íntimas daqueles, homens e mulheres, que as circunstâncias sociais, económicas e históricas de determinados momentos tornaram silenciosos, inexistentes à luz de qualquer observação mais atenta. Quis o destino destes imigrantes que as trajetórias destes se regessem, apenas, por um mesmo princípio: sobrevivência. Ao iniciar, durante a realização do projecto doutoral, o trabalho de entrevistas a imigrantes moçambicanos, observou-se que para muitos, este mesmo intento constituía uma espécie de perigo, particularmente, porque este representava um momento em que trechos vivenciais das suas trajetórias, teriam de ser exumados de um silêncio imposto e de um esquecimento estratégico, e transformados em narrativas de vida e de identidade audíveis.”

trajetórias de imigração. Teresa é um sujeito social ou uma atriz social. O bojo de sua história de vida contém e reflete os contextos histórico-político-sociais vividos por ela.

Apesar dos trabalhos com histórias de vida não serem pioneiros em Portugal (Maria José Magalhães, 2005, Helena Araújo; 1995, 1991), esta abordagem é ainda muito pouco explorada na psicologia, pois as influências da psicologia americana e do quantitativismo marcam o saber psicológico produzido neste país. Neste sentido, este estudo pretende ser um contributo para elucidar a pesquisa com uma única história de vida, como sugerido por Ferrarotti (1983).

No que concerne às questões de gênero, gostaria de ressaltar a relevância e a atualidade desta investigação científica. Ela surge no ano em que é comemorado os quinze anos da Conferência de Beijing, que foi fundamental como fomento para as atuais discussões de gênero e “raça” nos movimentos feministas. E no Brasil, o tema principal do Fazendo Gênero 9⁷, que acontecerá em agosto de 2010 é: “Diásporas, Diversidades, Deslocamentos”. Estes são indicativos de que esta pesquisa acompanha o *zeitgeist* do movimento feminista que vivemos neste momento.

Deste modo, a dissertação que aqui se apresenta é composta por dois grandes capítulos. O primeiro capítulo é dedicado a uma reflexão teórica acerca das questões de gênero, “raça”, classe. Assim como, as questões referentes à imigração feminina e às mulheres moçambicanas. Além de uma articulação teórica em relação às questões da violência e da saúde, em interface com a imigração.

No segundo capítulo, iniciamos com uma exposição teórica sobre a metodologia da história de vida. Fizemos uma breve introdução ao método e uma reflexão sobre sua utilização. Em seguida, partimos para a análise da história de vida. Nossa intenção foi começar a trilhar este caminho, no intuito de compreender a produção de sentido, através de categorias que surgem a partir do relato oral.

As conclusões, sem pretender que sejam generalizações empíricas, correspondem às compreensões, discussões e reflexões sobre a pesquisa. Além de abrir, novas e futuras, possibilidades para pensarmos e lançarmos outras questões relativas ao tema proposto, pois a ciência também é feita a partir da complementariedade e do aprofundamento de idéias, além das novas inspirações. O campo científico será sempre profícuo e inesgotável.

Realizar uma pesquisa com a abordagem da história de vida é trabalhar com a imprevisibilidade. O conteúdo que aparece no relato é amplo e cheio de meandros, tornando ilusória alguma sensação de controle por parte do/a pesquisador/a.

Trabalhamos com um ser humano, com alguém que fala⁸ e a tarefa do/a pesquisador/a na psicologia, nas ciências sociais e em todas as ciências humanas é saber lidar com a riqueza, com

⁷ O “Fazendo Gênero” é um importante congresso feminista organizado no meio acadêmico brasileiro.

⁸ Para Vincent de Gaulejac (2001, pp. 43-44): “Constata-se uma evolução similar em Pierre Bourdieu, que na obra *A profissão do sociólogo*, considerava uma «maldição» do sociólogo ter que lidar «com objetos que falam». Sua

os desafios e, por vezes, com a angústia que o material humano nos traz. Como nos diz Pierre Bourdieu et al. (2001, p.9): “Como, de fato, não experimentar um sentimento de inquietação no momento de tornar *públicas* conversas *privadas*, confidências recolhidas numa relação de confiança que só se pode estabelecer na relação entre duas pessoas?”.

Entregar um texto nas mãos do público leitor é perder definitivamente a ilusão de posse que o/a escritor/a acalenta enquanto deixa fruir o pensamento e o transporta para o papel. A sensação do inacabado, da falta, é inevitável. E resta a nós acolhermos este fato. E assim, deixar nascer as idéias, tão cuidadosamente gestadas, para que outras também possam ter lugar. Travessia...

preocupação com a cientificidade conduzia-o igualmente a denunciar a ilusão biográfica e a suspeitar de todos os métodos que privilegiavam a palavra do sujeito. Nos seus trabalhos mais recentes, as coisas mudaram. A palavra tornou-se um elemento central da matéria sociológica. Em *A miséria do mundo*, ele começa com a seguinte frase: «Apresentamos aqui os testemunhos que homens e mulheres nos confiaram a propósito de sua dificuldade de existir» (Bourdieu, 1993). São oitocentas páginas de testemunhos para uma centena de páginas de comentários. Há aí uma guinada surpreendente. A palavra, que era uma maldição, torna-se essencial.”

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Como mulher, não tenho pátria, como mulher, não quero pátria, como mulher, a minha pátria é o mundo inteiro. (Virgínia Woolf)

1. Articulando os conceitos de gênero, “raça” e classe social

Os estudos de gênero, como consequência do paradigma positivista, possuem uma história ainda recente na psicologia. Sendo que as idéias feministas não foram facilmente aceitas e integradas nesta disciplina (Nogueira, 2001). A psicologia começa a sofrer abalos apenas a partir da segunda vaga do feminismo, que corresponde ao período entre 1960-1980. As críticas feministas buscaram quebrar com as diferenças sexuais, com o binarismo homem-mulher que ditava relações de poder e dominação e que até então era o modelo dominante (*Ibidem*).

O “gênero” começou a ser utilizado na década de 1970, a partir do momento em que as feministas reconheceram as determinações biológicas implícitas no termo sexo e buscaram um conceito que abarcasse as dimensões psicológicas, sociais e culturais da femininidade e da masculinidade.

Para Joan Scott (1995), o gênero é um elemento constituído das relações baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. É uma forma primeira de significar as relações de poder, ou melhor, é um campo onde o poder é articulado. Trata-se de uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. O gênero é considerado pela autora como uma categoria analítica e neste sentido nos permite uma análise dos fenômenos a partir de uma lógica de pensamento fundada nas relações de gênero.

O conceito de gênero, segundo Donna Haraway (2004), busca explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo. Em seu texto, Haraway (2004) ressalta a impossibilidade de se falar em gênero isoladamente, afirmando a necessidade de pensarmos em relações de gênero. Ela considera as relações de poder entre mulheres e homens e a construção social dos papéis e da subjetividade de ambos fundamentais para a compreensão das relações de gênero.

O gênero passou a ser reconhecido como um sistema de significados e atualmente a psicologia social o encara como uma construção social (Nogueira, 2001). Nesta perspectiva, ele não é tomado de um ponto de vista essencialista e sim como um sistema de significados que se constrói e se organiza nas relações sociais.

Neste sentido, entendemos que o referencial histórico-dialético pressupõe que todas as atividades humanas são mediadas pela cultura, ou seja, em se tratando de seres humanos não existem fenômenos naturais. Desta forma, as relações de gênero são construções sociais, possuem base material e representam o processo da produção dos lugares de poder de mulheres e homens na sociedade (Saffioti, 1992).

As relações de gênero ocorrem entre sujeitos historicamente situados. Assim, é possível perceber que o gênero não regula somente as relações entre mulheres e homens, mas também entre mulheres e mulheres e entre homens e homens.

As feministas perceberam que as discussões de gênero se atrelavam também à questão racial e de classe. Assim, nos Estados Unidos, surgem as perspectivas do *black feminism* e de *standpoint*, a partir das críticas de feministas negras, como por exemplo, bell hooks⁹. Além do feminismo chicana, voltado para as mulheres mestiças, representado por Gloria Anzaldúa. No Brasil, destacamos os estudos feministas de Sandra Azerêdo e Sueli Carneiro, que privilegiam o gênero e “raça”.

Verificamos que, a partir da Conferência de Beijing¹⁰, realizada em 1995, houve um amadurecimento das mulheres negras em relação às articulações entre as categorias gênero e “raça” (Rodrigues, 2006). E não apenas no movimento de mulheres negras no Brasil, mas em todos os contextos feministas a discussão sobre gênero e “raça”, ou “etnia”, ganhou maior expressividade.

As perspectivas do *black feminism* e de *standpoint* surgem nos Estados Unidos a partir das críticas de feministas negras e mestiças no sentido de inserir as categorias “raça” e classe como articuladoras do conceito de gênero.

De acordo com o *black feminism*, o sexismo, a opressão de classe e o racismo estão interligados. Para o *feminist standpoint*, a opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação em que gênero, “raça”, e classe social se interceptam em diferentes pontos.

De acordo com Cristiano Rodrigues (2006), os escritos das feministas militantes da década de 1980 demonstram a ideia de um somatório de discriminações de acordo com a perspectiva do *standpoint* e do *black feminism*. Para o autor, neste sentido, a especificidade de ser mulher negra é a tripla discriminação, por ser mulher, negra e pobre. Porém, há que se pensar que dentre os elementos deste tripé não existe um destaque e “caso essa ênfase acontecesse o movimento de

⁹ A autora bell hooks gosta de ser citada e referenciada em letras minúsculas (por Dra. Maria José Magalhães).

¹⁰ “A Conferência de Beijing, possibilitou a abertura da discussão sobre o feminismo e as relações raciais e étnicas em âmbito mundial. A Conferência produziu a Declaração de Beijing'95, documento que reitera compromissos em prol dos direitos humanos. O uso dos termos “raça” e “etnia” gerou longa e dura divergência sobre a qual o Brasil e os Estados Unidos se manifestaram a favor da menção de ambos para fins de dados estatísticos que pudessem gerar documentação acerca da injustiça social.” (Ribeiro, 2006, p. 805)

mulheres negras brasileiras perderia sua legitimidade política, pois poderia ser incorporado a uma bandeira geral, quer de gênero, «raça» ou classe” (Rodrigues, 2006).

Desta maneira, são desnecessárias as discussões a respeito da prioridade do movimento de mulheres negras, ou seja, lutar contra o racismo ou contra o sexismo, já que o binômio gênero e “raça” não pode ser decomposto (*Ibidem*).

Em suas teorizações, Sandra Azerêdo (1994, p. 5) indica que sua intenção é explicitar sua aposta na idéia que:

“Complexificar a categoria gênero – historicizá-la e politizá-la -, prestando atenção em nossa análise a outras situações de opressão, pode nos abrir caminhos sequer imaginados ainda de uma sociedade mais igualitária. Para tanto é preciso considerar o gênero tanto como *categoria* de análise, quanto como uma das formas que as relações de opressão assumem numa sociedade capitalista, racista e colonialista”.

Neste sentido, Scott (1995) é uma das teóricas que utiliza duas proposições para definir gênero. Para a autora, este é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e é uma forma de dar significado às relações de poder. Ela articula gênero com classe social e “raça”, revelando desigualdades e jogos de poder nestes três eixos. Nesta multideterminação, os sujeitos são constituídos, subvertendo a lógica cartesiana, linear e dicotômica e tornando o gênero uma poderosa ferramenta de análise para compreender as complexas formas de interação humana.

Desenvolvemos esta pesquisa a partir dos referenciais apresentados, em que o gênero, “raça” e classe são conceitos articulados com as relações de poder e opressão. Logo abaixo, iniciaremos uma exposição teórica sobre as mulheres africanas e imigrantes em terras lusitanas.

2. Mulheres e migrações: africanas imigrantes em Portugal

O ciclo da imigração africana para Portugal iniciou-se com a descolonização, ocorrida em 1975, assim como o repatriamento dos portugueses que viviam nas colônias (Pires, 2003). Neste movimento, muitas foram as mulheres que também participaram deste fluxo migratório. Logo, é pertinente e necessário que estes fenômenos também sejam estudados a partir do feminino.

De uma forma geral, o tema da imigração, na União Européia, ainda é complexo e controverso. Partimos do pressuposto que é impossível considerá-lo sem ter presente a conjugação com o gênero, a “raça” e a classe, além de situá-lo no contexto histórico do imperialismo e colonialismo (Balding et al., 2006). Neste aspecto, salientamos que:

“As recentes abordagens feministas das migrações têm sido unânimes em salientar que a situação das mulheres passa por uma análise multidimensional que proceda à articulação das questões de gênero, de classe e de pertença étnica e da análise do modo como cada uma destas variáveis influencia as outras e, em simultâneo, é por elas influenciada. Assim, as vivências das mulheres imigrantes e ou de minorias – a sua posição no mercado de trabalho, as relações com a família, o seu grau de autonomia, de participação ou de inserção social – dependem da forma como estas variáveis se conjugam. Outras variáveis como a orientação sexual e a idade são também consideradas importantes para compreender a complexidade e pluralidade das trajetórias de cada mulher.” (Albuquerque, 2005 p. 39)

A imigração ainda é estudada prioritariamente sob o foco masculino, apesar das mulheres constituírem mais da metade da população imigrante e de muitas estarem sozinhas neste processo (Balding et al., 2006, Albuquerque, 2005).

Como reflexo dos estudos de gênero, observa-se que a perspectiva feminista passa a ser associada a estes estudos. E a dimensão feminina nos quadros dos movimentos migratórios conquista novos olhares.

A literatura científica, até meados de 1970, tratava a imigração feminina como parte das migrações familiares e não enquanto um movimento autônomo das mulheres. Mesmo diante de alguns fenômenos migratórios europeus que já continham uma expressiva população feminina, como, por exemplo, a emigração de mulheres portuguesas para França nos anos de 1960 e 1970 (Albuquerque, 2005).

Para Balding et al. (2006), entender as verdadeiras implicações do gênero no movimento da população humana é primordial para o estabelecimento de políticas sociais européias que reflitam corretamente sobre a realidade das mulheres. Ampliamos nossa visão acerca das palavras dos autores, haja vista que, no atual mundo globalizado, as migrações acontecem não apenas no e para o continente europeu. Sendo assim, os estudos acerca dos fluxos migratórios, sob uma perspectiva de gênero, constituem um importante campo de conhecimento em construção.

Faz-se necessário compreender, problematizar e criar novas ações em prol de uma apropriação da sociedade do que o multiculturalismo pode trazer para o crescimento social. A mistura de etnias, religiões, hábitos, permite a construção de novos costumes e revigora a cultura que, por essência, está em constante mutação.

Sabemos que, atualmente, a Europa está a transformar-se no continente com maiores movimentos de população da história. As políticas devem ter em conta o papel das mulheres no processo de imigração, tanto para se alcançar a paridade entre homens e mulheres, como para garantir que os direitos humanos incluam os direitos das mulheres. As mulheres vêm de horizontes muito diferentes e a União Européia, na sua tarefa de conceder igualdade, assim como respeitar as diferenças culturais, tem como missão encontrar uma solução para os problemas sociais mais prementes que as mulheres de hoje conhecem (Balding et al., 2006). Para Karin Wall et.al. (2008, p.3):

“A importância das mulheres nos movimentos migratórios contemporâneos é hoje um dado adquirido na sociologia das migrações. Na Europa Ocidental vivem actualmente cerca de vinte milhões de estrangeiros (5,1% do total da população residente), dos quais metade são mulheres (Wenden, 2005). Em Portugal, as mulheres representam 54% da população estrangeira, uma proporção que tem vindo a crescer ao longo das últimas décadas”.

Em suas pesquisas, a autora acima referida, traça um perfil da imigração feminina em Portugal. Ela trabalha com uma população de mulheres brasileiras, cabo-verdianas e ucranianas. E identifica dois principais padrões migratórios: mulheres integradas num projeto familiar e mulheres que imigram sozinhas. Para Wall et.al. (2008, p. 1): “Novos padrões migratórios

indicam-nos que um número crescente de mulheres emigra de forma independente, sendo que, nalguns casos, a mulher é o elemento pioneiro de estratégias migratórias de natureza familiar”.

Logo, é um desafio aos atuais estudos feministas portugueses retirar da invisibilidade a história das mulheres imigrantes. E, relativamente às mulheres africanas, como enfatiza Neusa Gusmão (2004, p. 57), pensamos que mais do que olhar esse “outro”/a, o/a imigrante, trata-se de olhar a sociedade portuguesa para de dentro dela apreender esse “outro”/a, que sendo imigrante e africano/a, é um/a negro/a, mas também um “mesmo”/a em razão da história comum partilhada entre portugueses/as e africanos/as dos PALOP – sujeitos de uma relação, a um só tempo, de iguais e diferentes. Segundo a autora: “ Ironia de um mundo globalizado que no presente tem por lema «todos iguais, todos diferentes»”.

3. As moçambicanas na diáspora

A imigração moçambicana para Portugal seguiu a tendência das outras colônias africanas e teve seu início na década de 1970. A Revolução de 25 de abril de 1974 abriu as portas ao movimento migratório dos/as moçambicanos/as para Portugal.

A libertação de Moçambique e a tomada do poder pela FRELIMO¹¹ instauram transformações políticas e sociais. De acordo com Sheila Kahn (2008), em decorrência deste processo, muitos profissionais qualificados como médicos, advogados, professores, técnicos e outros portugueses, regressaram à sua pátria¹². Deixando o país numa situação caótica.

Para Kahn (2008), em certa medida, Moçambique, assim como outras ex-colônias africanas, experimentou as deficiências reais criadas e deixadas pelos colonizadores: o analfabetismo massivo, a pobreza, a falta de familiaridade com os processos democráticos, raciais e clivagens étnicas, o obscurantismo e a herança da burocracia portuguesa. De acordo com a autora:

“Se a participação, euforicamente sentida e desejada, no projecto de construção de uma nova sociedade moçambicana impulsionou, num primeiro momento, uma identificação colectiva com uma certa africanidade e moçambicanidade, gradualmente, inicia-se um processo de desidentificação com a nova realidade vigente, um acto de questionar sobre se esta nova sociedade era aquela tão almejada a seguir à derrocada do colonialismo português. Mais uma vez, as circunstâncias sociais, culturais e políticas instigam a um acertar dos ponteiros identitários com o ambiente circundante. Um novo espaço de comparações entre presente e passado assume-se como uma matriz.” (Khan, 2006, p. 12)

¹¹ FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique): Foi um movimento político de luta pela libertação de Moçambique do domínio colonial português. Fundada em 1962, foi responsável pela negociação dos Acordos de Lusaka em 1974, que culminou com a independência moçambicana. Em seguida assume o poder político no país e em 1978 o movimento transformou-se em partido político com uma ideologia marxista-leninista e continuou a dirigir o país como partido único até 1994.

¹² “Este repatriamento aconteceu basicamente durante o ano de 1975, quando chegou a Portugal mais de meio milhão de portugueses até então radicados nas ex-colônias (dos quais 61% oriundos de Angola e 33% de Moçambique), número que na altura representava aproximadamente 6% da população do país.” (Esteves *et al.*, 1991, p.15)

Confrontados com esta situação, muitos/as moçambicanos/as decidiram tomar a opção de migrar para Portugal (Khan, 2008). Para a autora, a comunidade moçambicana é socialmente e culturalmente, uma comunidade silenciosa relativamente ao contexto da imigração portuguesa. E notamos que este silêncio estende-se também no que concerne à produção académica acerca desta comunidade. São raros os textos que tratam diretamente da imigração moçambicana em Portugal e sobre a imigração feminina o silêncio é ensurdecador e não condiz com a proporção numérica que estas mulheres representam na sociedade portuguesa.

De acordo com dados do último relatório do SEF¹³, o número de mulheres imigrantes moçambicanas em Portugal é bastante significativo e superior à mesma população masculina. Observando estes dados nos perguntamos: Quem são essas mulheres e como são suas vidas no país que as acolhe? Esta é ainda uma questão que demanda respostas e esforços intelectuais para romper o silenciamento em que elas vivem.

As moçambicanas em Portugal vivem a invisibilidade que também é compartilhada por outras minorias sociais. Porém, esta é uma situação que pode e deve sofrer uma modificação, em prol da consolidação da cidadania e dos direitos dessas mulheres. No próximo tópico, abordaremos também estas questões, no que se refere à violência de género e à saúde.

4. A violência e a saúde em interface com o fenómeno migratório

A imigração não acontece por uma causa única, são vários os motivos que impulsionam as diásporas e o movimento de pessoas entre os países. Para António Vitorino (2007, p.23):

“Isto significa que os movimentos migratórios são impulsionados por um conjunto de factores que se alimentam dos desníveis de desenvolvimento económico, da globalização comunicacional e da difusão de uma visão, muitas vezes idílica, da situação dos países de destino, do desejo de fuga do autoritarismo, à fome, à doença e à miséria, dos desequilíbrios demográficos e das oportunidades de trabalho oferecidas nesses países, mesmo nos casos onde se registam elevados índices de desemprego, factores estes que se misturam entre si e que são, sem dúvida, impulsionadores das migrações em direcção aos países desenvolvidos.”

Ao imigrar a pessoa se depara com um novo mundo, uma sociedade diferente da sua e as necessidades de adaptação física e emocional acometem a todos/as que passam por esta experiência. Obviamente o/a imigrante também encontra situações relacionadas à violência na sociedade de acolhimento, pois a violência é um fenómeno humano e acontece em todas as sociedades. Além desta questão, a adaptação do organismo pode provocar o surgimento ou agravamento de doenças já existentes.

¹³ Os dados numéricos acerca da imigração moçambicana em Portugal, fornecidos pelo Relatório do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) de 2008, indicam que existem registradas 1928 mulheres moçambicanas em território português e 1444 homens moçambicanos. Ver quadro: População Estrangeira Residente em Território Nacional - por nacionalidade, segundo o sexo e por distritos.

A cultura na qual estamos inseridos cria regras de conduta, determinando os padrões relacionais aceites e adequados para este grupo/sistema social específico. “A violência é uma criação sociocultural, sendo assim, conforma-se como comportamento possível e valorizado em determinadas épocas e sociedades, mas não em todas” (Schraiber et al., 2005, p.66).

A violência emerge, se expressa e é vivida de formas diferentes pelas pessoas. Ao fazer parte do cotidiano social, faz-se necessário seu estudo e a compreensão dos fenômenos relacionais nos quais ela se torna parte integrante. Como por exemplo, a violência incorporada ao gênero, que originou a denominação: violência de gênero.

Segundo Heleieth Saffioti (2004), o conceito de violência pode ser definido como a ruptura de qualquer forma de integridade da vítima, seja ela de cunho físico, psíquico, sexual ou moral. Sob a perspectiva das relações, a filósofa Marilena Chauí (1985, p.35) define a violência da seguinte forma:

“Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e opressão. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência.”

Portanto, é fundamental estarmos atentas/os às várias faces sob as quais a violência pode se apresentar. Observamos que a banalização e a naturalização são formas de perpetuação deste fenômeno e não podem, e muito menos devem, passar ilesas sob nossos olhares. O imobilismo e o silêncio são cúmplices da violência. Cabe a nós incentivarmos a comunicação e o entendimento, diminuir a desigualdade e efetivar os direitos, para que os conflitos possam ser resolvidos por meio do diálogo (Schraiber et. al., 2005).

Os índices de violência contra a mulher têm uma frequência muito alta de ocorrências, havendo uma sobreposição entre as formas física, psicológica e sexual. Relativamente à compreensão do conceito e sua utilização na perspectiva portuguesa, podemos verificar que:

“A violência de gênero constitui um padrão específico de violência que se amplia e reatualiza na proporção directa em que o poder masculino é ameaçado. Podendo revestir-se de diversas formas, tanto físicas, como psicológicas, económicas, sexuais ou de discriminação sociocultural, esta forma de violência é considerada, nacional e internacionalmente, como uma das mais graves violações do direito à vida, segurança, liberdade, dignidade, e integridade física e mental daquelas que são as suas vítimas, e, por consequência, um entrave ao funcionamento de uma sociedade democrática, baseada no Estado de direito.” (Lisboa et al. 2009, p.26)

Compreendemos que a violência de gênero é uma condição multidimensional de intensa opressão, que atinge predominantemente mulheres e crianças (Coelho, 2005). A violência de gênero, inclusive em sua modalidade familiar e doméstica, deriva da organização social de gênero (Saffioti, 2004).

Para Magalhães (2007), a violência contra as mulheres é fruto da desigualdade de poder entre mulheres e homens e está intimamente relacionada com a desigualdade de gênero. A autora demonstra que a investigação feminista tem evidenciado a relação que há entre a violência e as formas culturais de considerar as mulheres inferiores aos homens, sendo o resultado da idéia do domínio masculino e dos valores que refletem aquele poder sobre as mulheres.

A tradição do patriarcado marcou profundamente a história das mulheres. E sua perpetuação como valor social ocorreu ao longo das gerações através das famílias. Assim, foi sendo formado um consenso coletivo e a submissão das mulheres foi tratada como algo comum e a condição de subvalorização foi sendo transmitida através das gerações. Ainda hoje, com toda a história de luta do movimento feminista, percebe-se nas famílias a manutenção de velhos padrões comportamentais e da ideologia patriarcal, o que dificulta a mudança de mentalidade e favorece a manutenção de um *status quo* falocêntrico.

Sabemos que a violência contra a mulher não ocorre apenas no âmbito doméstico. A maioria dos casos e estudos focalizam a violência no foro privado, porém o espaço público também pode ser o local do ato violento:

“As três décadas de esforço e recursos investidos, ao nível dos países do centro europeu, na luta contra a violência mostraram como o fenómeno se revela muito mais estrutural e enraizado na cultura e nas relações sociais do que poderia parecer à primeira vista: os seus fundamentos, os princípios e valores morais e sociais em que assenta atravessam as organizações políticas, religiosas e educacionais (incluindo as universidades), passando pela segurança social, empresas, tribunais e forças de segurança, de tal maneira que se pode afirmar que estas se encontram implicadas no problema na medida em que tornam tal violência possível.” (Magalhães, 2007, p.43)

O espaço público a que nos referimos também inclui as instituições. E a violência pode ocorrer não apenas de uma forma aberta, mas também sutilmente e, às vezes, sob máscaras que escondem o verdadeiro significado e intenção de um determinado ato que fere e agride os sujeitos moralmente ou, até mesmo, fisicamente.

Acerca da realidade das mulheres, percebemos que ocorrem ações e intervenções por parte das instituições e do Estado, no sentido de apoio e proteção contra a violência de gênero. Porém, Magalhães (2007, p. 43), afirma que:

“(…), na sociabilidade e no emprego, o isolamento social, assim como o fechamento às relações interpessoais, a diminuição das actividades de lazer, os problemas de desempenho no local de trabalho, consistem em algumas das consequências desta vitimização. A falta de consciência social para o problema das mulheres vítimas de violência conduz frequentemente a uma intervenção por parte do Estado (escola, segurança social) ou da empresa através de instâncias de controle e de protecção que podem constituir, para as vítimas, uma revitimização.”

Percebemos que o espaço público pode ser facilmente o palco em que se desenrola a violência contra a mulher. Assim como a revitimização é, em muitas situações, alimentada com uma certa naturalização e falta de reflexão crítica. Tais posturas reforçam idéias e comportamentos que não resultam no combate à violência, e acabam sendo proteladas atitudes que poderiam ser realmente eficazes.

Segundo Saffioti (2001), a perspectiva feminista também pode se expressar por meio de um “modelo” que considera o ser humano como uma totalidade, na qual são relevantes tanto o corpo quanto a modelagem social. O fenômeno da violência tem o poder de gerar doenças e sofrimentos variados, ameaçando a qualidade de vida das pessoas dentro dos sistemas em que se

inserir.

As questões referentes à violência contra a mulher imigrante podem e devem ser considerada uma questão de saúde. Em Portugal, a violência é tratada enquanto problema de saúde pública. Ela pode estar associada a custos físicos e emocionais para as vítimas, tendo como consequência a diminuição da qualidade de vida das pessoas envolvidas nestas dinâmicas (Lisboa et al, 2006). Nesta pesquisa, nossa ênfase vai de encontro à questão da violência contra a mulher imigrante em suas várias formas de manifestação.

As agressões e ofensas podem ser de vários tipos (físico, psicológico, econômico, sexual) e, por vezes, vários tipos de violência estão associados. De acordo com Lisboa et al. (2005), os dados acerca da violência contra a mulher demonstram que os hematomas na cabeça têm uma probabilidade de ocorrer vinte vezes mais em vítimas do sexo feminino, a probabilidade de feridas é 100% maior, as situações de coma e hemorragia é 1.9 vezes superior, as intoxicações, lesões genitais e obesidade com 50% e 80%. Existem ainda, maior incidência de asma, queimaduras, palpitações, tremores, colite, cefaléias, vômitos, sensação de aperto na garganta, úlcera gastroduodenal, dificuldades respiratórias, sudorese, peso/dor na zona abdominal, dor/ “pressão no peito”, náuseas, hipertensão arterial, vertigens, secura de boca, insônias, ataques de pânico e fobias. As tentativas de suicídio por parte das vítimas são 2.8 vezes superior e, se conjugadas com os efeitos do álcool ou drogas, é 7 vezes superior. Falta de esperança, comportamentos destrutivos, solidão e sentimentos de culpa são outros indicadores das consequências da violência contra as mulheres em termos de saúde.

Para Lisboa et. al. (2009), em relação ao que é realmente considerado como “ato violento”, o Inquérito Nacional Violência de Género, tem por base o questionamento dos/as inquiridos/as sobre um conjunto de atos de violência. A maioria deles provém do Inquérito Nacional “Violência contra as Mulheres” (1995). De modo a permitir as análises comparativas, os atos de violência foram agrupados: violência física, violência psicológica, violência sexual e discriminação sociocultural. Os estudos internacionais distinguem, frequentemente, a violência física, sexual e psicológica (Lisboa et. al., 2009).

Entretanto, é possível uma diversidade de configurações relativamente aos atos de violência e a mesma situação pode conter em si vários atos. E também a mesma vítima poder ter sido alvo de vários atos ao longo do tempo, perpetrados pelo mesmo autor ou por autores diferentes, em um ou mais contextos (Finney, 2006 e Coleman et al., 2007).

No que se refere à questão da saúde pública, sob a perspectiva da imigração, há uma reconhecida necessidade de compreensão da movimentação da população e do seu impacto na saúde das populações, sejam os imigrantes ou os autóctones, nos países de acolhimento. A crescente imigração, a que muitos países estão sujeitos, torna pertinente e necessária a reflexão

sobre políticas e estratégias de saúde integradoras e sustentadas, que produzam efeitos reais na redução de riscos e vulnerabilidades (Dias e Gonçalves, 2007).

Em relação à saúde mental, as autoras acima citadas afirmam que a imigração geralmente causa um impacto negativo. As populações imigrantes podem vir a sofrer de doenças mentais como depressão, esquizofrenia e stress pós-traumático, em decorrência de diversos fatores de stress presentes ao longo do processo migratório. O isolamento social, estigmatização e discriminação quanto à sua origem étnica, crenças religiosas ou condição de imigrante são fatores que interferem diretamente em relação à adaptação e integração na sociedade de acolhimento. No conjunto, estas situações podem trazer consequências à saúde mental dos imigrantes, que se encontram, muitas vezes, numa situação de grande stress e ansiedade quanto à sua situação no país de acolhimento. Além do receio de ser deportado/a, em caso de imigração irregular.

A ausência da estrutura familiar e de outros mecanismos micro-sociais de apoio à estabilidade, e aos comportamentos protetores de saúde, trazem vulnerabilidade aos imigrantes e podem ocasionar danos. Além da exposição a fatores de risco como os consumos e até a dependência de substâncias químicas, álcool, tabagismo, etc.

As condições de vida em que vivem mulheres e homens imigrantes muitas vezes podem ser precárias. Os imigrantes apresentam, em geral, piores condições de vida do que as populações dos países de acolhimento. No contexto do trabalho, as atividades laborais que habitualmente desenvolvem são pouco qualificadas e podem conjugar exposições a riscos e agentes de doença (Dias e Gonçalves, 2007).

No que se refere às questões de género e à saúde, em interface com os fenómenos migratórios, existem riscos consideráveis. Para Dias e Gonçalves (2007), o número de mulheres imigrantes (e que imigram sozinhas) tem vindo a aumentar significativamente. As imigrantes que vivem no contexto de pobreza estão mais suscetíveis às situações de violência, abusos e exploração sexual, etc.

Uma outra questão que não deve passar ao lado é a situação dos/as imigrantes ilegais, que dada a sua condição, tendem a recorrer à auto-medicação e a tratamentos alternativos ao invés de se dirigirem aos serviços de saúde e hospitais (Dias e Gonçalves, 2007). Isto acontece, em muitos casos, por temerem ser denunciados/as às autoridades. Desta forma, colocam em risco a própria vida.

Sabemos que, numa perspectiva de saúde pública, conhecer as comunidades imigrantes e os contextos de saúde em que se inserem é fundamental. Esta prática é um contributo indispensável para identificar prioridades de intervenção, avaliar necessidades específicas e estabelecer políticas e estratégias de saúde integradoras e sustentadas, que produzam efeitos reais na redução de riscos e vulnerabilidades e permitam obter ganhos efetivos de saúde para estas comunidades e também os que acolhem (Dias e Gonçalves, 2007).

De acordo com o Parlamento Europeu, Sónia Dias e Aldina Gonçalves (2007, p. 22) indicam que:

“As populações e as mulheres imigrantes deverão beneficiar-se do mesmo tipo de factores protectores da população em geral, nomeadamente recursos sócioeconómicos, condições habitacionais, protecção social, laboral e igualdade de oportunidades na educação e saúde. Os pressupostos deste conceito reforçam a necessidade de fortalecimento do compromisso político como eixo fundamental para que estas metas sejam alcançadas. Neste sentido, os responsáveis políticos têm de repensar as políticas de saúde relativas aos imigrantes para que seja ultrapassada a abordagem individual do fenómeno saúde e doença e se aprofunde a discussão em relação às várias dimensões envolvidas na saúde. Na sociedade global deverá ainda prevalecer o objectivo ético de prevenir a discriminação e a exclusão que pode ocorrer em vários contextos da vida social e da saúde, bem como assegurar a promoção e protecção dos direitos humanos a todos os cidadãos”.

Ainda há muito o que se pensar e fazer relativamente às várias demandas de saúde, e tantas outras, que surgem com o fenómeno da imigração. Todavia, após estas apresentações teóricas, passaremos ao próximo capítulo em que trazemos a metodologia e a análise da história de vida de Teresa.

CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO

Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. (Marx e Engels)

1. História de vida – uma opção metodológica

1.1. Aspectos Iniciais

O que é uma história de vida? Quando nos fazemos essa pergunta pode aparecer como uma primeira idéia algo um tanto novelesco. Criamos a heroína ou o herói da nossa saga, os atores e os cenários de uma trama que envolve um enredo único. Tendemos a não imaginar a pessoa isoladamente, mas fazendo parte de uma rede social em que acontecem as suas vivências. A história de vida relata a trajetória individual e única da pessoa, entremeada pela história social que é intrínseca à constituição da experiência.

No âmbito científico, a história de vida é utilizada como um valioso instrumento de pesquisa por várias áreas das ciências humanas como a psicologia, a antropologia, a história, etc. A história de vida nasce a partir da tradição oral e tem raízes sociológicas¹⁴ (Lewis 1963; Thomas e Znaniecki, 1974). Enquanto metodologia de pesquisa é um referencial importante no estudo de grupos, comunidades e instituições e possibilita que, a partir de seu aporte científico, inúmeros temas possam ser explorados.

A transmissão de valores, costumes, tradições, lendas do cotidiano, sempre fez parte da vida social. Devido a vários fatores, esse hábito foi se perdendo, principalmente na era pós-industrial, que gerou sociedades com características que favorecem a ruptura do elo da transmissão oral. De acordo com Jean Poirier et al. (1995, p.7), são vários os elementos responsáveis por esta ruptura, observada nas sociedades ocidentais, desde o começo do século XX.

Por um lado, a coabitação entre as várias gerações deixa de existir, ou seja, o diálogo entre os membros da família de diferentes idades tornou-se mais difícil pela distância geográfica, e o convívio e a troca mútua sofrem um forte abalo. Esta tendência acontece muitas vezes em decorrência do estilo de vida que surge a partir da dinâmica do mundo atual.

¹⁴ Os autores citados possuem obras clássicas no campo das narrativas orais: LEWIS, Oscar. *Les enfants de Sanchez. Auto-biographie d'une famille mexicaine*. Paris, Gallimard, 1963. THOMAS, William I. & ZNANIECKI, Florian - *The Polish Peasant in Europe and America: monograph of an immigrant group* - Volume 1: *Primary-group organization*. Reimpressões: N. York: Dover, 1958 e N. York: Octagon, 1974.

Por outro, a “heteroformação” que possibilita que as crianças e todos tenham uma formação não apenas restrita ao âmbito familiar e escolar, mas muito mais ampla, constitui também uma dimensão atual. São evidentes as influências dos vários grupos de pertença que a pessoa frequenta, tais como os amigos, as associações, grupos políticos, religiosos e outros. Os meios de comunicação também exercem sua influência sobre os modelos éticos e ideológicos que fazem parte do processo de socialização.

Por outro lado, ainda, a “inversão dos modelos” que desloca o saber e o conhecimento supostamente passados da geração mais velha para os novos está em questão. Existe uma representação que, atualmente, os filhos e os jovens ensinam mais aos pais, e que os mais velhos estão ultrapassados pelos acontecimentos.

A transmissão das tradições coletivas pelos velhos ficou, muitas vezes, comprometida pelo próprio lugar de exclusão que o idoso frequentemente ocupa no grupo social. E a tradição oral correu um grave risco de desaparecimento, e com ela, as memórias e recordações que poderiam ser relatos únicos. Assim, a própria ciência reconheceu a necessidade de retomar a tradição oral como metodologia de pesquisa. Poirier et al. (1995, p. 9) ressaltam que as histórias de vida querem fazer falar os “povos do silêncio” através de seus representantes mais humildes, como os pastores, os camponeses, os imigrados, os operários, demonstrando que elas cumprem um papel de denúncia social por trazerem à tona o que poderia ser esquecido por ser a história do povo.

Esta abordagem do método biográfico pode igualmente articular-se com o sentido de Paulo Freire (1999, 1988) de dar voz aos “silenciados da história”. Neste sentido, o próprio ato de contar a sua história é uma ação libertadora para o sujeito. Ao reconstruir sua experiência, ele/a reflete e cria hipóteses a partir da visão crítica do vivido. A história, que nos fornece a base para a apreensão da experiência social e das práticas pelas quais o sujeito negocia as condições sociais que lhe são particulares, nasce em decorrência da sua situação concreta de vida (Barros e Silva, 2002). Ao ouvir o seu próprio discurso, abre-se a possibilidade para que a pessoa se recrie, se transforme, estimulando o “empoderamento” sobre as suas escolhas futuras e a elaboração de novas metas, planos e projetos de vida.

As histórias das pessoas são construídas a partir de várias heranças: econômica, social e cultural e estes são elementos psicossociais que formam um patrimônio em comum e trazem um valor psicossociológico ao conhecimento que é produzido. Neste sentido, é a psicossociologia o alicerce para a construção deste estudo, haja vista que a história do sujeito é também a história social e é o entrelaçamento delas que aparece no relato da trajetória de vida (Barros e Silva, 2002). Para Franco Ferrarotti (1983, p.50):

“Cada narração autobiográfica conta, segundo um corte horizontal ou vertical, uma prática humana. Ora, se a essência do homem (...) está na sua realidade, no conjunto das relações sociais (Marx, VIª Tese sobre

Feuerbach), toda a prática individual humana é uma atividade sintética, uma totalização ativa de todo o contexto social. Uma vida é uma prática que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais), as interioriza e as retransforma em estruturas psicológicas pela sua atividade de desestruturação e reestruturação. Cada vida humana revela-se até nos aspectos menos generalizáveis como síntese vertical de uma história social.”

As histórias de vida trazem em sua origem a própria memória coletiva, pois a história do sujeito é contada a partir da memória social inscrita em sua trajetória. O trabalho do sociólogo Maurice Halbwachs (1990) apresenta a relação entre memória e sociedade. Para o autor, a memória individual não está inteiramente isolada e fechada. Não é possível construir um passado individual, os fatos sempre estarão relacionados a outros e, assim, a nossa memória é sempre uma memória coletiva. Ecléa Bosi (1994), em seu trabalho com memória de velhos, nos indica que a memória pessoal é também memória social, familiar e grupal. Desta forma, podemos pensar que o relato da história de vida é expresso através da linguagem e da ordem simbólica que foi constituída pela memória coletiva e que é um testemunho social trazido pela pessoa.

A reconstrução da memória coletiva é também um contributo para que essa história permaneça viva e mobilizadora. De acordo com Ferrarotti (1983), a história é importante como memória coletiva do passado, consciência crítica do presente e premissa da ação futura. Assim, outro ponto a ser destacado é a função de historicidade como um aspecto importante da pesquisa em história de vida, em que a noção de temporalidade faz parte do desenrolar da história de vida que por si mesma está inserida num *momentum* histórico.

Para Ferrarotti (1983), o indivíduo não é um simples reflexo do social. Através de sua subjetividade, ele projeta algo que já foi assimilado e reconstruído por si mesmo. Desta forma, temos a possibilidade de conhecer os fatos sociais a partir de quem os vive. O autor indica que: “A história de vida, e em geral as autobiografias operárias, são instrumentos fundamentais para ir além do quadro objetivo institucional codificado formalmente e para tentar a exploração da relação instituições – sociedade – grupos – indivíduos” (Ferrarotti, 1983, p. 94).

Na história do uso do método, observam-se duas vertentes: uma de trabalhos dedicados a um comprometimento social e político, principalmente franceses, que majoritariamente trabalham com as minorias sociais (Ferrarotti, 1983; Bertaux, 1997); e outra, de trabalhos, principalmente americanos e ingleses, que privilegiam os dominantes e se preocupam sobretudo com o registro da memória biográfica. Existe também uma vertente mais autobiográfica, de figuras proeminentes, sobretudo do gênero masculino e das classes dominantes (Rousseau, Santo Agostinho, Goethe, entre outros). No contexto brasileiro, a história de vida tem sido utilizada no âmbito científico, como por exemplo, por Ecléa Bosi (1994) e Michel Le Ven (1998)¹⁵, mas ainda não é considerada uma tradição acadêmica, como aponta Vanessa Barros e Lilian Silva (2002). Em Portugal, existem trabalhos publicados por alguns pesquisadores/as como, por exemplo, Maria José

¹⁵ Em referência à obra de Michel Le Ven: “Dazinho, um cristão nas Minas”.

Magalhães (2005). Entretanto, no campo da psicologia portuguesa a produção em história de vida é rara.

A utilização do método da história de vida não é homogêneo e permite divergências que fazem parte da sua própria natureza. Para Poirier et. al. (1995), dentre as mais comuns ressaltamos as dúvidas frequentes entre a biografia direta ou indireta, a especialização do tema ou exaustividade, a diretividade da entrevista ou liberdade da palavra, a intenção estritamente científica ou comprometimento social e político, o encontro singular ou discussão grupal, a reprodução integral ou reconstrução, a unicidade do testemunho ou verificação. As divergências são muitas, o que não invalida a importância científica do método que se distingue por possibilitar o acesso ao conhecimento de um fenômeno social (Poirier et. al, 1995).

Em relação a esta questão, Daniel Bertaux (1997) esclarece que as dúvidas epistemológicas que a metodologia pode apresentar “são oriundas de uma perspectiva neopositivista ainda vigente”.

O que buscamos é ouvir as pessoas, mergulhar nas suas subjetividades, e na rica unicidade que contém o material humano que elas nos presenteiam com as suas histórias de vida. O valor do simbólico contido no relato é que nos é caro. E a ciência que buscamos parte de uma co-construção longe de “a priorismos”.

1.2. Quem conta esta história?

A história de vida que faz parte deste estudo pertence a uma jovem mulher, estudante universitária, imigrante¹⁶ de Moçambique. Esta escolha aconteceu pela idéia inicial de trabalharmos com mulheres que imigraram para Portugal com o objetivo acadêmico. O contato da pesquisadora com mulheres africanas em seu convívio universitário facilitou o acesso a esta população, e conseqüentemente, ao que empiricamente é chamado de amostra. Estudos acerca dos imigrantes (Almeida et al, 1994), demonstram que existe uma grande parcela de estudantes moçambicanas/os no contingente imigratório que vem para Portugal. Sendo assim, nosso objetivo geral é, através da história de vida, observar como aconteceu a integração desta mulher na

¹⁶ Nossa narradora é uma estrangeira, uma imigrante. E neste aspecto, Neusa Gusmão (2004, p. 106) indica que: “A categoria «estrangeiro» remete à condição dos sujeitos que, vindos do exterior, adentram as fronteiras de um espaço físico e social que não é «seu espaço», fazendo «nascer» o imigrante, categoria que só tem existência a partir da sociedade que recebe o «estrangeiro». No entanto, o imigrante estrangeiro não é um sujeito qualquer que cruzou as fronteiras da sociedade em questão. A presença do imigrante como presença estrangeira decorre do fato de que «um imigrante é essencialmente força de trabalho, uma força de trabalho provisória, temporária e em trânsito» (Sayad, 1998, p. 54). Neste sentido, é uma presença estrangeira revogável a qualquer momento. Não, porém, um momento qualquer.”

sociedade portuguesa e direcionar o estudo teórico e a análise para o que é relevante no relato da nossa narradora. De acordo com Adriana Gomide Araújo (2006, p.22):

“Analisar, interpretar e dar sentido ao que nos foi confiado, pode parecer traição. Por isso não podemos deixar de refletir sobre esse exercício de elaboração e transformação de nossas próprias angústias e questões relativas ao processo que vivemos, quando trabalhamos com o recolhimento de histórias de vida. A história é narrada como um romance. Procura-se dar uma forma que possa privilegiar as características positivas do personagem central. Quem é de fato esse personagem central que conta sua história *da maneira que lhe é própria* e que também lhe convém?”

Como a autora afirma, sabemos que a história contada não é um relato ingênuo, mas uma encomenda que o/a narrador/a faz no sentido de transmitir algo que lhe é caro. Relativamente à questão ética, utilizamos um nome fictício por opção da entrevistada, preservando assim o seu anonimato. Alteramos alguns dados que poderiam identificá-la e outros foram modificados para a preservação do sigilo. A escolha do codinome, “Teresa”, foi feita por ela, devido a uma música popular moçambicana que ela gosta e por ser um nome comum em seu país.

Teresa é uma mulher negra, na faixa dos trinta anos, e proveniente da classe alta em seu país de origem. Porém, é interessante notar que, em Portugal, isto se modifica. Ela passa a ocupar outro status social e está exposta às mesmas situações de vulnerabilidade e opressão como outras mulheres que estão na condição de imigrante. As relações de trabalho, o preconceito racial, as questões de gênero e a violência são temas que surgiram na história e que serão desenvolvidos durante a pesquisa.

Teresa sempre quis contextualizar bastante tudo aquilo pelo qual passou e seu relato é minucioso e demorado. Ela se prontificou rapidamente a participar do estudo e parecia já nutrir uma vontade anterior (e interior) de se contar.

1.3. A elaboração de uma história de vida: coleta, registro e análise

A construção de uma história de vida parte de três matrizes principais: perspectiva biográfica, as orientações psicobiográficas e a abordagem etnobiográfica. E mais uma vez, o/a pesquisador/a fica frente a frente com uma nova escolha permitida pelo método.

Dentro da perspectiva biográfica, existem as autobiografias diretas que são elaboradas sem um intermediário, num exercício da própria pessoa em contar livremente sua história, e as autobiografias indiretas, onde ocorre a presença física do pesquisador e a gravação do relato.

A psicobiografia tem como característica a ênfase sobre a personalidade que é narrada e o significado pessoal que é atribuído aos fatos. É realizada uma análise psicológica da informação.

A etnobiografia enfatiza a história do grupo social e os dados antropológicos que são revelados pelo sujeito. Na perspectiva etnográfica, as questões sócio-culturais que perpassam a

narrativa são fonte de produção de um saber que envolve uma lógica global das relações sociais estabelecidas pelo sujeito.

Neste sentido, entendemos que nossa pesquisa aproxima-se mais do caráter etnobiográfico, porém sem perder a dimensão psicológica do sujeito. É um estudo de natureza psicossocial e que pretende ser um contributo para a produção de novas discussões e futuras intervenções no campo estudado.

Uma das formas de coleta ou recolha dos dados é a partir das entrevistas. Existem três modelos principais: entrevista diretiva, livre e semi-diretiva. Geralmente, as entrevistas semi-diretivas são as mais escolhidas por ser um meio termo no sentido de um controle minimizado do processo de narração. Neste estudo, a semi-diretividade surgiu naturalmente no decorrer da entrevista livre. Foi a partir da história de vida que algumas pontuações e questões vieram à tona.

Em relação ao momento da entrevista, a pesquisadora procurou ouvir mais livremente, no sentido da co-construção de um momento de confiança e liberdade para que Teresa falasse com fluidez do que mais lhe tocava em relação aos temas abordados. A narradora e a pesquisadora teceram conjuntamente a rede dialógica das entrevistas. As interrupções no discurso da entrevistada foram poucas e estrategicamente feitas no sentido de acompanhar sua fala e explorar as questões numa perspectiva de abertura a novas construções comunicacionais.

Os referenciais fenomenológicos como as atitudes de compreensão, empatia, facilitação, abertura ao outro e a experiência da escuta clínica foram apoios imprescindíveis para o estabelecimento de um *rapport* inicial e do sentimento de troca mútua que a entrevista proporciona. Ouvir é mais que dar ao entrevistado a atenção e o respeito ao seu relato, é também deixar-se envolver por ele e sentir-se parte de um processo dialógico.

Assim, “A história de vida deveria acontecer a partir da maiêutica socrática na própria coleta, permitindo que o sujeito encontre por si mesmo sua própria verdade, a partir de um relato que respeite a expressão da sua personalidade” (Poirier et al., 1995, p. 24). A história contada é a verdade para aquela pessoa e é sobre essa verdade que trabalhamos. O relato exprime a visão de mundo do sujeito, sua cultura, suas tradições, seus mitos, suas fantasias, sua realidade, ele é o espelho do que foi vivido por essas mulheres. A etnobiografia consiste em um método de maiêutica social que permite ao sujeito encontrar-se a si mesmo e que lhe dá a possibilidade de testemunhar sobre o seu grupo, a sua sociedade, a sua cultura (Poirier et al., 1995).

É importante pensarmos que a história de vida como prática discursiva está repleta dos sentidos do cotidiano. A linguagem traduz uma dada realidade social e também é um valioso instrumento para a compreensão das relações que são estabelecidas.

Quando a pessoa conta a sua história ela a comunica a alguém. A elaboração da história de vida, como afirmam Barros e Silva (2002), acontece a partir de uma relação transferencial e os relatos são endereçados, ou seja, construídos em função do que representa para o narrador/a a situação de contar sua vida.

O ato de pesquisa implica uma relação e, nesta perspectiva, entendemos que a pesquisa é uma co-construção. Nas ciências humanas, a separação absoluta entre o/a cientista e o “objeto” (ou sujeito) de pesquisa não existe, a neutralidade científica foi algo utópico e hoje sabemos que, inclusive nas ciências exatas, nas *hard sciences*, é admitida há bastante tempo que, mesmo não sendo intencional, existe sempre a interferência do pesquisador sobre a pesquisa, “tudo é dito por um observador” (Maturana, 1997). A própria escolha do objeto de pesquisa nunca é casual. E a narrativa biográfica extraída é sempre fruto da interação comunicacional que se estabelece entre pesquisador/a e narrador/a.

Em relação à utilização do método, existem ainda a história de vida única e as histórias de vida cruzadas. Nesta pesquisa, optamos pelo trabalho com a história de vida única. Ela tem como objetivo captar a singularidade de um determinado vivido social, é um testemunho individual, freqüente nas etnografias, e é considerada uma amostra da comunidade:

“As histórias de vida podem ser de caso único e possuem já uma longa tradição no interior da psicanálise mas não só: como vimos, a sociologia também é pioneira neste tipo de abordagens. O interesse do estudo de um caso particular prende-se normalmente por ser especialmente ilustrativo de um fenômeno mais global. A biografia pode centrar-se nos detalhes do indivíduo, ou pelo contrário, utilizar a história de vida recolhida para compreender as regras e funcionamento de um certo grupo social. Neste caso, a motivação da investigação não se centra na história de vida propriamente dita, mas no que ela autoriza concluir das relações interpessoais de determinada comunidade de pessoas.” (Tinoco, 2004, p.4).

A história de vida única é constituída a partir de várias entrevistas. É preciso respeitar o ritmo que o/a entrevistado/a tem ao falar de si. Em geral, “a segunda entrevista é um voltar atrás relativamente à primeira narrativa e uma recordação acompanhada da reflexão” (Poirier et al., 1995, p.46).

A escolha pela história única foi uma decisão tomada no decorrer da pesquisa. Inicialmente, havia duas mulheres dispostas a participar. Entretanto, apenas uma delas quis continuar o processo até ao fim. Demonstrando que a elaboração de uma história de vida implica a formação do vínculo entre o/a pesquisador/a e o narrador/a. São várias entrevistas em profundidade e obviamente que falar de si não é tarefa simples.

A realização de várias entrevistas é condição necessária para o aprofundamento da informação e do controle da mesma por parte da/o entrevistada/o, sendo que a relação interpessoal estabelecida é fundamental para que ocorra um fruir dialógico. Assim, os questionários e inquéritos não são a melhor opção nestes casos, mas algumas orientações para a narrativa podem ser pertinentes.

A protagonista da história de vida apresentada recebeu a pesquisadora em diferentes locais. Sendo que todos eles têm uma forte ligação com sua vida em Portugal: a padaria de um amigo, a rádio, a universidade. Durante o percurso de construção da história de vida, foram realizados seis encontros, com uma média de duas horas de duração. Obedecemos a um certo espaçamento temporal, sugerido pelo próprio método, para a realização das entrevistas. Desta forma, entre os encontros houve um intervalo de, aproximadamente, trinta dias.

Desde o primeiro momento, estabeleceu-se uma empatia mútua, que gerou uma abertura por parte de ambas ao processo da investigação científica. De acordo com Barros e Silva (2002, p.5): “Recolher histórias de vida é uma relação, não uma simples tomada de informações sobre o outro; e estabelecer uma relação se faz notadamente em todo um processo onde vínculos recíprocos de confiança e afinidades irão se formar com o tempo.”

Ao longo da pesquisa, o ambiente intimista no momento das entrevistas, proporcionou o surgimento de um laço de confiança e o estabelecimento do vínculo entre a narradora e a pesquisadora¹⁷, que contribuiu positivamente para a expressão livre e autêntica do relato. Neste sentido, num momento inicial, optamos por manter a entrevista livre ou aberta, somente a partir do terceiro encontro fizemos algumas perguntas semi-estruturadas. Esta estratégia foi tomada no sentido de respeitar e trabalhar sobre o conteúdo que a própria narradora queria explicitar.

O registro da história de vida coletada apresenta possíveis variações. Existe a hipótese de redigir o relato a partir da oralidade ou utilizando a reconstrução “romanceada” do que foi dito. E ainda, em alguns casos, é acrescentado o registro da linguagem corporal e do não-verbal (oralitura). Essas são escolhas que tornam o relato mais afinado com o olhar do/a pesquisador/a, haja vista que, na literatura científica a própria transcrição e a tradução são vistas como algo que já modifica a narrativa original. Neste momento, é preciso cautela e bom senso, para que seja preservado no registro os detalhes importantes que a oralidade pode trazer.

As entrevistas foram gravadas e transcritas pela própria pesquisadora. Este foi um trabalho longo e árduo, mas que também foi frutífero. Ao escrever, recordamos o momento vivido da entrevista. Neste sentido, o próprio exercício da transcrição desencadeia a percepção dos diálogos e a busca da compreensão dos aspectos subjetivos, dos processos sociais narrados e outros possíveis sentidos produzidos.

Na fase de organização da narrativa oral em texto escrito, optamos por um reajuste muito cuidadoso do material da entrevista. A apresentação escrita manteve alguns aspectos da oralidade,

¹⁷ De acordo com Sévigny (2001, p. 25): “Num certo sentido, todo pesquisador é levado, em uma etapa ou em outra, a interagir com os atores-sujeitos. Ele deve saber que estes últimos vão reagir à sua presença, que ele mesmo estará pessoalmente implicado nessa relação.”

no intuito de preservar ao máximo a fluidez e a autenticidade do discurso. A narrativa biográfica foi elaborada por temas.

A análise das histórias de vida segue a tradição epistemológica do método biográfico de que é a própria pesquisa que dita o rumo que o/a pesquisador/a deve tomar, sendo esta uma escolha posterior, guiada por questões centradas sobre a pessoa, o trabalho, as escolhas teóricas, os engajamentos, etc (Barros e Silva, 2002).

Para Daniel Bertaux (1997), tudo depende da maneira pela qual se recolhem as histórias de vida, a que fins servirão e quais são as indagações que irá tentar responder. O autor indica que a interpretação não deve concentrar-se sobre a “vida” como objeto único no qual buscaremos o sentido, mas ao contrário, sobre as relações sociais e interpessoais que estão na origem das experiências práticas. A partir de uma perspectiva materialista dialética, entendemos que as experiências dos sujeitos são interpretadas em função de uma situação concreta em que os sujeitos se encontram e de sua percepção dessa condição. A observação do contexto econômico, social e cultural do sujeito que conta a sua história não pode passar imperceptível pelo escopo da análise.

O objetivo da análise é apreender as articulações, as influências recíprocas entre os diferentes registros que determinam a história de um sujeito, em particular entre os aspectos psicológicos e os sociológicos (Barros e Silva, 2002).

A análise de uma história de vida é mais que verificar um dado social, pois é a vivência da pessoa que emerge da narrativa. Ela acontece a partir do que representa e do significado que ela mesma atribui à sua história. É a sua identidade mediatizada, interiorizada e constituída a partir da dinâmica social, e da elaboração do que viveu, que se reflete na narrativa.

A história de vida é uma metodologia compreensiva e seu objetivo é a produção de um conhecimento que seja fruto da experiência. A sua natureza e práxis aproxima a pesquisa das artes da escrita literária, e traz para o mundo da ciência algo inovador.

Ferrarotti (1983), indica que o uso do método biográfico não esgotou as suas potencialidades e a consciência conceitual e operacional da história de vida enquanto método, no pleno sentido do termo, implica necessariamente uma ruptura face aos métodos correntes.

O estudo de caso é uma via de acesso através da subjetividade ao conhecimento científico de um sistema social que está inscrito na história individual. Para Ferrarotti (1983, p. 51):

“Já não podemos comparar o que um ato ou uma história de vida têm em comum com os atos e histórias de vida de outros indivíduos – numa perspectiva geral (generalista) que, só assim, poderia ser conhecimento científico – a unicidade que não será jamais uma ciência, mas um resíduo pré-científico não explicado, um caso. Uma antropologia social que considere cada homem como a síntese individualizada e ativa de uma sociedade elimina a distinção entre o geral e o particular de um indivíduo. Se nós somos, se cada indivíduo representa a reapropriação singular do universal social e histórico que o cerca, nós podemos conhecer o social partindo da especificidade irredutível de uma práxis individual.”

A pesquisa em história de vida ultrapassa idéias reducionistas e positivistas de demonstrar leis, validar hipóteses teóricas a partir de provas empíricas e encontrar causas últimas, constitui apenas *uma perspectiva* de verdade científica, até porque é inconcebível a idéia de uma verdade única. Para alguns, o positivismo funciona como um confortável manual de instruções. As mudanças paradigmáticas sempre trouxeram polêmicas e desafios. E sempre é preciso coragem para ousar, para demonstrar, explicar e sustentar olhares diferentes de um *satus quo* dominante.

2. Análise da História de Teresa

2.1. Análise de conteúdo: uma breve introdução

O trabalho com o método de história de vida deixa o/a pesquisador/a imerso num denso e rico material de análise¹⁸. Por mais que se tente apreender ao máximo as mensagens contidas é pretenciosa a tentativa de esgotamento da riqueza humana contida na história coletada. Na tentativa de apreensão e análise dos dados obtidos, escolhemos seguir a análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (1988, p.42). A autora a define como:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”

Na fase da pré-análise, efetuamos a organização do material de pesquisa. Posteriormente, partimos de uma pré-categorização para chegarmos às categorias analíticas. Realizamos a “leitura flutuante” e iniciamos o tratamento categorial temático dos resultados. Ao olharmos para os dados a serem analisados, o sentimento de dúvida e insegurança em relação ao que deve ser interpretado nos acomete. Os temas que surgem, segundo Bardin (1988), são considerados unidades de significação e fazer uma análise temática consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido.

De acordo com a autora, o que pode ser interpretado são “as mensagens obscuras e também as que possuem duplo sentido, cuja significação profunda só poderá surgir após uma observação cuidadosa ou proveniente de uma intuição carismática” (Bardin, 1988). Ela afirma que, “por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar”.

¹⁸ Para Sévigny (2001, p.20): “ Os objetos de análise não são, exatamente, dados, mas produtos, resultados do próprio processo de análise, e essa produção resulta em dados que vão da realidade mais concreta, tangível, diretamente observável, ao universo simbólico, às representações ou às significações. Admite-se uma certa impotência, uma ausência de controle diante do objeto de estudo, mas existe sobretudo uma outra forma de controle: aquele que se faz por um processo de integração sintética de dados, em vez de um processo de redução analítica.”

Sendo assim, a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos a partir do texto, em busca de esclarecer as causas das mensagens ou as consequências que a mensagem pode provocar tanto em seu emissor/a quanto no receptor/a.

É necessário lembrarmos que, ao escolhermos a metodologia das histórias de vida fizemos uma opção pelo que Franco Ferrarotti denomina “subjetividade explosiva”. Nesta perspectiva, é a própria história que se configura como uma “metodologia fundamental” (Ferrarotti, 1983). A força e a importância do relato possuem um lugar central, deixando em segundo plano o aspecto ilustrativo que geralmente a teoria ocupa. E fazendo *jus* ao método, por esta razão, decidimos inserir a história de vida como abertura desta dissertação, no intuito de conferir a ela o lugar de destaque e protagonismo. Logo, a partir deste referencial, voltamos para o texto e abaixo apresentamos a análise temática da história de Teresa.

2.2. Uma identidade forjada pela história da libertação: *Ela é dos acordos de Lusaka!*

Teresa inicia a narração da sua história de vida a partir dos seus elementos identitários. Sua primeira frase diz de onde ela vem, ela é africana! E ser africana não é um mero detalhe em sua história. O “ser africana” está repleto de significados e representações que observamos ao longo de seu relato.

O nascimento de Teresa coincide com um importante momento histórico de seu país. E apesar de se considerar moçambicana e de, posteriormente, ter adquirido a nacionalidade, Teresa nasce na Tanzânia devido a questões políticas.

“(...) os meus pais estavam na Tanzânia e conheceram-se lá. Eles foram parar lá pelo mesmo motivo, que era lutar pela independência do país e, entretanto, um ano depois do meu nascimento, Moçambique ficou independente.” (...) Isso em setembro de 1974, eu já tinha nascido em junho de 1974, muitas das vezes o meu pai diz: “Ela é dos «acordos de Lusaka», nasceu nesse ano!” (Hivi¹⁹, p.XII).

A sua história pessoal é perpassada pela história de Moçambique e este fato marca a vida de Teresa:

“Eu contei-te um bocado da história de que eu sou fruto da guerra. Fruto da luta de libertação, aquela história toda e acho que mais do que ninguém eu tenho esse dever para com o meu país, para com Moçambique.” (Hivi, p. XLVI)

O sentimento de pertença e de dever para com a sua pátria acompanha Teresa ao longo de sua vida. Em seguida, apresentamos este episódio escolar, que demonstra como as questões históricas e políticas marcaram sua formação:

“Aquilo era um regime de internato para os alunos mais velhos, que também a educação era quase meio militar! Um bocado, porque éramos ensinados até táticas de defesa pessoal, foram construídas até trincheiras que era para aprendermos a nos defender do inimigo qualquer dia que a escola fosse atacada.” (Hivi, p. XIV). “A entrada era em marcha, cantávamos o hino nacional e claro que recebíamos pelo menos um aconselhamento pra aquele dia do país, do próprio diretor da escola, que também era um militar” (Hivi, p. XV).

¹⁹ Utilizaremos a abreviatura “Hivi” para designar a história de vida.

Pelo que podemos verificar, o sistema de ensino funcionava como um meio de conservação social e controle ideológico, pelo objetivo de criar um sentimento de patriotismo, desde a infância. Articulando com Bourdieu (2006), notamos que a escola é um local de transmissão simbólica responsável pela formação da cidadania. E Teresa aponta como algo que ficou fixado em sua memória.

2.3. A integração: *Ah, eu faço me de maluca!*

Teresa veio para Portugal devido a uma oportunidade acadêmica. Ela conseguiu uma bolsa de estudos e assim seguiu o percurso da imigração. Apesar de ter sido sempre boa aluna, ela reconhece que o seu status social influenciou a seu favor no que diz respeito à seleção para a bolsa e que, neste âmbito, havia também uma política de “gratidão/recompensa” em relação às filhas e filhos dos “responsáveis”:

“Eu vim cá parar porque me candidatei a uma bolsa, porque eu queria mesmo. (...) Candidatei-me mas também acho que acabei por ter a bolsa talvez fruto... Não posso deixar isso com clareza, né... Mas também fruto da influência, o nome também conta. Ai, Teresinha... Teresinha quem? Teresinha Alberto! Ok, o Alberto é uma pessoa conhecida.” (Hivi, p. XV).

“Mas acaba por ser talvez, não sei bem se influência, uma gratidão pelo papel que aqueles responsáveis tiveram na independência do país. Entretanto, vamos dar uma oportunidade também aos filhos como gratidão ao que os pais fizeram, não é?! E acho que o pensamento do tal apoio passava por aí.” (Hivi, p. XVI).

Em Portugal, nossa narradora passa por várias etapas em seu percurso acadêmico. Inicialmente, vai para Viseu e permanece na cidade durante um ano para completar o décimo segundo ano. Tem uma boa acolhida, mas também sofre as dificuldades da adaptação inicial relatadas na história. Sua ida para o Porto é vista de forma positiva e como um processo de aprendizagem e crescimento. Aveiro é o local em que Teresa permanece por mais tempo e onde atualmente vive²⁰.

Na universidade de Aveiro, ela torna-se engenheira informática, passa para a condição de estudante sem bolsa e trabalha para se sustentar. Atualmente, faz mestrado. Em seu relato, Teresa enfatiza a questão das relações sociais no ambiente universitário e como a sua postura de vida e suas habilidades sociais funcionaram como uma estratégia de integração. Observamos, ao longo da história, que é ela que faz o movimento para ser inserida no grupo. Ela é que cria estratégias para romper a barreira social e ser integrada. Observamos que, de modo geral, o/a imigrante não é integrado/a organicamente na sociedade. É o/a estrangeiro/a que tem o movimento de, em muitas situações, forçar o rompimento das defesas do grupo e assim fazer parte da vida social:

“Eu é que já sei como lidar, chego e digo: “Olá, sabes, já tens grupo?” Eles ficam parvos! “Que rapariga é essa?” Eles olham uns para os outros e eu: “Posso fazer grupo convosco?” E assim começa, tento conversar e meto conversa.” (Hivi, p.XXXVII).

²⁰ No decorrer das entrevistas de pesquisa Teresa vivia em Aveiro. Em fevereiro de 2010, conforme ela mesma já havia previsto e dito, ela fixa uma nova residência na Espanha por motivos acadêmicos.

“Sou eu a dar a volta àquela situação da pessoa querer se fechar. Muitas vezes digo a um colega que tenho agora: “Olha, eu faço-me de maluca!” Fazer-me de maluca significa desligar a ficha e fazer de contas que não estou a perceber. Não levar a sério esse fechamento e tentar perceber o que está a passar. Mas eu não sou culpada disso. Eu vou fazer a minha parte.”

(Hivi, p. XXXII)

“Esse tal relacionamento de abertura que nós também temos que facilitar. Mas é difícil entrar na intimidade deles. É muito complicado. As relações são muito superficiais.” (Hivi, p. XXX).

Observamos que a nossa narradora encontra a sua estratégia pessoal de integração. Neste sentido, as palavras de Gaulejac (2001, pp.40-41) ilustram a fala da narradora:

“É pelo fato mesmo de estar submetido a múltiplos e contraditórios determinismos que o indivíduo é obrigado a fazer as suas escolhas, portanto, a desenvolver sua autonomia. Há, desde então, uma evidência sociológica de que o ator se constitui face ao sistema (Michel Crozier), de que o indivíduo é, ao mesmo tempo, produto e produtor da sociedade (Norbert Elias), de que só se pode apreendê-lo na historicidade (Alain Touraine, Cornelius Castoriadis) ou como criador da história (Eugène Enriquez)...”.

O “fazer-se de maluca” tem um significado na história de Teresa que as palavras acima nos ajudam a compreender. Teresa busca adaptar-se, a seu modo. Mas apesar do seu movimento de autonomia e abertura ao outro ser um fator de facilitação à este processo, ela não se sente feliz e a sensação de solidão e isolamento emergem:

“Isto assim para dizer que, mesmo assim, eu não me sentia feliz! Profissionalmente, sentia-me realizada, fazia o que eu gostava. Mas feliz por estar aqui faltava um bocado! Nós africanos, e os brasileiros que sejam, somos muito amigos uns dos outros. Tudo para nós fica fácil, por mais que o problema seja grave. E sentimos aqui um bocado abandonados!” (Hivi, p. XLIV).

“Sou africana, mas tou aqui também perdida em Portugal há dezesseis anos. Não perdida, mas pronto.” (Hivi, p. I).

Em relação às questões da integração social, os contributos de Norbert Elias e John L. Scotson (2000) são particularmente importantes para a análise dos processos estigmatizantes. Os autores sustentam que as questões raciais e étnicas constituem um caso particular e destacam o carácter relacional da estigmatização com bases raciais.

Para Elias e Scotson (2000), as relações de poder estão associadas ao tempo de residência naquele lugar e ao maior ou menor grau de coesão e organização de cada grupo inter-relacionado. O modo de integração social depende das reações sociais à imigração e da emergência de processos de estigmatização e discriminação.

Uma outra discussão trazida por Elias e Scotson (2000), e que observamos na história de Teresa, é a questão da anomia. O estudo acerca de Winston Parva traz à tona esta reflexão quando os autores observaram a relação de interdependência entre os *established-outsider* e a existência de uma “minoría dos melhores” em relação aos *established*, ou uma minoría nômica, e para os *outsiders* havia a “minoría dos piores”, ou minoría anômica. Estas relações marcavam o *status* de superioridade e de inferioridade de ambos os grupos. Para Durkheim, fatores “nômicos” e de coesão grupal eram entendidos como fatores morais, e sua ausência desenhava um quadro de “anormalidade” e de condenação moral. Segundo Elias e Scotson (2000, pp.180-181):

“Não há justificativa para considerar as investigações sociológicas do que se julga serem formas de ‘mau funcionamento’, ou como se diz, de ‘disfunção’, como um grupo distinto do que é formado por aquilo que se julga ‘funcionar bem’(...). Não se pode esperar encontrar explicações para o que se julga ‘ruim’, para um

‘mau funcionamento’ da sociedade, quando não se é capaz de explicar, ao mesmo tempo, aquilo que se avalia como ‘bom’, ‘normal’ ou ‘funcionando bem’, e vice-versa”.

Sendo assim, dentro de uma minoria social²¹ existiam ainda os que são os mais estigmatizados. Articulando esta idéia com o caso da imigração, verificamos que as africanas e africanos são exemplos deste processo de duplo estigma.

Estes processos também se repetem dentro da própria população africana. Em seu relato, Teresa indica que quando chegou a Portugal tinha receio dos cabo-verdianos porque os próprios colegas africanos/as diziam ser perigoso frequentar lugares, festas, em que eles estavam. Esta representação negativa sobre a população de Cabo Verde, dentro da própria comunidade dos PALOP (países de língua oficial portuguesa), também ocupa uma representação social na sociedade portuguesa²².

A narradora cita que o fato dos cabo-verdianos falarem o crioulo como uma barreira lingüística e um “separatismo” ou, sob outra perspectiva, um fator de união, proteção e reconhecimento de uma identidade coletiva²³:

“Por exemplos, os cabo-verdianos, não é defeito, por ser o hábito! Eles encontram-se e começam a falar o crioulo. Não sei se já te apercebeste ou nunca reparaste? É imediato! Eu acho que eles nem sequer se apercebem. (...) Isto acaba por separar.” (Hivi, p. XLI).

A questão dos estereótipos surge também na própria comunidade imigrante. Neste aspecto, Tajfel (1982) indica que sua formação se inicia a partir de uma idéia mental hipersimplificada, ou seja, existe um reducionismo relativo à representação sobre a pessoa ou o grupo, que pode culminar em processos de estigmatização (Goffman, 1988).

A comunidade chinesa foi um exemplo dado pela narradora no sentido do fechamento em seu gueto:

“Não só o exemplo que eu dei dos africanos, mas também os chineses, que já há muitos aqui. Os chineses não fazem questão de falar a língua portuguesa. Tentam falar o essencial, mas não vemos chineses para além do negócio. Eles saem, vão trabalhar. Têm suas lojas, seu trabalho, mas depois... Daí não me lembro de algum dia ter visto convívio. Por exemplo, um casal chinês parado na rua ou num café a conversar com a gente da terra. Até podem ser portugueses ou africanos. Eu só os vejo a trabalhar e mais nada.” (Hivi, p.XXXI).

Os chineses são um exemplo de isolamento e da força que o grupo²⁴ exerce na adaptação

²¹ Lúcia Amâncio (1994), relembra os estudos de Kurt Lewin sobre as minorias sociais e a discriminação social da comunidade judaica. Compreendemos o conceito de minoria social a partir do pensamento lewiniano.

²² A imagem apresentada caracteriza-se pela conotação fortemente negativa de muitas das qualificações utilizadas para designar a situação dos cabo-verdianos. E relativamente às atitudes da população portuguesa face aos cabo-verdianos, existe um medo relativo à questão da criminalidade (Esteves et al., 1991). Estas atitudes, em nossa opinião, são preconceito e do racismo.

²³ De acordo com Marco Aurélio M. Prado (2000, pp. 153-154): “Podemos entender que a construção de identidades coletivas baseada no terreno do reconhecimento do princípio de equivalência e no terreno da diferenciação (Laclau & Mouffe, 1985), insere esta construção em um processo histórico, configurando, deste modo, o espaço do político enquanto um espaço de emergência de antagonismos, sejam estes, inicialmente privados ou públicos, que conferem ao campo do político o “lugar” de articulação destas identidades e ações coletivas.”

²⁴ Para Eugène Enriquez (2001, pp. 61-62): “Um grupo só se constitui em torno de uma ação a realizar, de um projeto ou de uma tarefa a cumprir. Todos sabem e reconhecem isso. O que parece no entanto, menos evidente são as implicações e as conseqüências de tal axioma. Um projeto comum significa, de início, que o grupo possui um sistema de valores suficientemente interiorizado pelo conjunto de seus membros, o que permite dar ao projeto suas características dinâmicas (fazê-lo passar do estágio de simples plano ao estágio da realização).”

das pessoas. Eles também são alvo de estereótipos e representações sobre seu modo de vida e sua inserção no país de acolhimento.

Ao chegar, o/a imigrante tem contato com um mundo diferente do seu. A inserção num novo sistema cultural e de regras gera conflitos, avaliações e pode ter como consequência o sofrimento. Em sua história, a narradora nos conta acerca de suas observações sobre os vários grupos étnicos com os quais convive. Esta troca cultural propicia a ela uma reflexão acerca dos outros e de si:

“Nós africanos, normalmente, somos um povo bastante aberto, sobretudo para os que chegam. (...) Se vem um estrangeiro procuramos sempre saber se está bem, se precisam de alguma coisa. São colegas. Seja no trabalho ou em qualquer área da vida, aproximamos sempre das pessoas que chegam e não o inverso. Aqui acontece o inverso, quem chega é que tem que se aproximar às pessoas da terra. O estrangeiro é que tem que se esforçar. E é um problema sério. Eu nunca tive problemas em relação a isso. Porque já sou uma pessoa com espírito aberto. Procuo não interpretar mal o fato...” (Hivi, p.XXXV).

“Não me estou a basear em estudos, mas do meu ponto de vista, nós os moçambicanos, temos facilidade [na integração]. (...) Neste caso da etnia somos nós, e penso que os angolanos também [que mais facilmente se integram].” (Hivi, XL).

“Já tenho muitos anos cá e também, no fundo, o meu estudo a nível da personalidade dos portugueses, pela minha experiência de vida que tive com eles cá. Acho que já os estudei até ao ponto mais crítico e ao ponto mais fraco. E, eu digo-te que, já convivi com todo o tipo de portugueses, já convivi com tudo e mais alguma coisa.” (Hivi, p.XXXIX).

Uma coisa mínima, mas que para eles aqui é um problemão, porque eles são sempre stressados! (Hivi, p.XLIII).

Os/as imigrantes africanos/as ao se estabelecerem em Portugal enfrentam, ainda hoje, um complexo processo de integração social que passa pelas questões referentes ao preconceito racial e à exclusão. Estas situações podem inclusive tornar-se intergeracionais, sendo perpetradas nas famílias de origem africana. A fala de Teresa reflete a realidade discriminatória que os filhos e filhas destes imigrantes vivem em Portugal²⁵:

“Esses já nem são considerados imigrantes, já são portugueses. Vivem cá desde crianças, não conhecem outro sítio. Se eu tivesse nascido cá e nunca tivesse ido a Moçambique de onde é que eu seria? São os tais luso-africanos, não são portugueses, são luso-africanos! A sociedade olha para eles como imigrantes, como estrangeiros e não são dadas oportunidades para eles crescerem, para se formarem. Muitas vezes, os pais nem têm condições para se sustentar e para pagar os estudos dos filhos e eles metem-se em drogas. Mesmo aqui em Aveiro há essas situações. Menos que em Lisboa, mas há.” (Hivi, p. XXXIX).

Para José Carlos Venâncio (2000), a transformação de Portugal num país de imigração pôs em causa a capacidade de aceitação e de integração da própria sociedade portuguesa. Segundo o autor, a legalização de grande parte de imigrantes africanos/as não atenuou o fosso cultural entre eles e a sociedade de acolhimento. Está atualmente instaurado um processo de exclusão social que ultrapassa as gerações de imigrantes. A categorização de luso-africano separa e estigmatiza os/as filhos/as dos/as imigrantes africanos/as nascidos/as em Portugal e coloca em causa o

²⁵ De acordo com Neusa Gusmão (2004, p. 22): “A questão da diferença, no Brasil ou em Portugal, institui um contexto de alteridade que revela a dificuldade de os negros constituírem-se como sujeitos sociais de direitos e que, em última instância, coloca em debate a possibilidade de realidades efectivamente democráticas”.

reconhecimento de sua cidadania²⁶.

Entendemos a exclusão social a partir de uma perspectiva dialética exclusão/inclusão. De acordo com Bader Sawaia (2006), esta dialética gera subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído/a até o sentir-se discriminado/a ou revoltado/a. Para a autora, a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Deste modo, a exclusão caracteriza-se como um processo que envolve o ser humano por inteiro e suas relações com os outros sendo então um produto do funcionamento do sistema. Apesar da situação marginal em que vive e do sofrimento que esta situação traz para sua vida, o/a excluído/a ocupa um papel de sustentação de uma determinada ordem social, na medida em que, serve como contraponto para se pensar a inclusão.

A exclusão pode originar outros processos sociais como a marginalização, a desqualificação social e outros. A vulnerabilidade pela qual o/a excluído/a passa pode culminar em várias adaptações que causam angústia e sofrimento a estas pessoas.

A influência dos meios de comunicação na formação de opiniões pode gerar e/ou fomentar processos de racismo e xenofobia em relação aos grupos imigrantes. As situações de violência e criminalidade são particularmente enfatizadas quando os autores dos delitos são imigrantes:

“Vejo algumas situações cá de imigrantes, principalmente de Lisboa. Na segunda-feira vi uma reportagem sobre um bairro social em Lisboa, com vários confrontos entre várias etnias lá, nomeadamente caboverdianos e ciganos. Penso eu que foi há uns dois anos que houve um tiroteio entre esses dois grupos. Isto porque a tal situação: [falta de] Oportunidade!” (Hivi, p. XXXIX).

Além destas representações negativas que são veiculadas na sociedade, a organização urbanística das comunidades imigrantes são concentradas em determinados locais e nos bairros sociais, que são, na verdade, favelas horizontais *made in* Europa. Os bairros sociais separam e delimitam territórios da imigração africana em Portugal. Além da exclusão social existe também o afastamento habitacional da população imigrante. Esta situação, conjuntamente com a representação social instaurada, pode nos levar a uma interpretação acerca de um *apartheid* velado, talvez em uma menor proporção, mas com efetivos impactos sobre a população imigrante africana em Portugal.

A própria etimologia da palavra estrangeira/o já remete a algo estranho, distinto, que vem de fora. A presença do/a estrangeiro/a altera a ordem reguladora pré-existente. O impacto da diferença cria anomias, bodes expiatórios e outros fenômenos sociais que surgem no bojo do que é visto como “anomal”, a/o estranha/o é quase que naturalmente rechaçado. O sociólogo Zygmunt Bauman (1998, p.19) considera que:

²⁶ “O luso-africano em Portugal encontra-se exposto à dupla e ambígua condição de ser e não ser português, com a agravante de que essa pertença a um mundo de origem diferente do mundo no qual se vive é muito recente – segunda metade do século XX, tornando-se significativo pensar o caso português «em acontecimento».” (Gusmão, 2004, p. 22)

“O estranho despedaça a rocha sobre a qual repousa a segurança da vida diária. Ele vem de longe, não partilha as suposições locais – e, desse modo, torna-se essencialmente o homem que deve colocar em questão quase tudo o que parece ser inquestionável para os membros do grupo abordado”. Ao confrontar a sociedade com um modo de pensar e estar no mundo diferente a/o estrangeira/o pode propiciar o surgimento de uma autocrítica e torna-se perigosa/o para a estabilidade daquele sistema já estabelecido e aceito como norma.”

No caso de Teresa, o status social de universitária a coloca num outro patamar perante o olhar da sociedade de acolhimento. E isto é dito a ela diretamente, apesar dela não querer aceitar que esta situação a diferencia em relação a outras/os imigrantes:

“Tenho uma amiga que disse assim: “Ai, eu antes de te conhecer era uma pessoa racista. Mas eu era uma pessoa racista porque nunca tinha passado por uma experiência de amizade, de conhecer uma pessoa africana e conviver até onde vá chegar à conclusão que somos iguais”. E essa minha amiga Joana foi direta quando me diz isto: “Oh Teresa, eu não imaginava que as coisas pra ti... e que o relacionamento com...” Depois ela traduz: “Ah, não sei, talvez no teu caso, como és universitária! E isso...” Começa já a tentar empurrar a coisa para outro lado. E eu: “Não, não tem nada haver”. É e isto.” (Hivi, p.XXIII).
(Hivi p. 28)

“Mas dentro daquilo que eu me apercebi, é facilitada a integração normalmente para quem estuda. Não só para quem estuda, mas para quem revela que tem conhecimento, que é culta.” (Hivi, XLII).

Durante a narrativa, Teresa conta a história do colega que foi um “peixinho fora d’água” e, na realidade, este não é um caso isolado. Muitos imigrantes tem um mal acolhimento e/ou não conseguem uma integração bem sucedida.

“Ele ali sentou-se, o professor sabia que tínhamos um aluno novo. Os grupos já estavam formados. E o “tipo” completamente fora desse contexto, de como é que se trabalha aqui, de como é que as pessoas são. Ele estava simplesmente abandonado!” (Hivi, p. XXXVI).

Nesta passagem, Teresa demonstra a sua solidariedade para com o colega pelo fato de serem compatriotas e viverem a mesma situação de estar fora de seu país. É interessante a reflexão que ela faz sobre a questão de ser ela a única referência do colega. Além dele, ela é a única “preta” daquele grupo, a única pessoa que ele poderia identificar como um igual. Fica a sensação de um certo alívio da parte dela por estar lá e poder auxiliar o colega. Este exemplo demonstra que nem todos conseguem “se safar” ou se “desenrascar” como ela. O processo de exclusão social é comumente vivido. Compreendemos que:

“O conceito de exclusão não está dissociado da inclusão e/ou integração. Sabemos que a integração pode ocorrer de diferentes formas e em diferentes níveis. Mas em muitos casos, especialmente no que se refere à população imigrante, ela ocorre parcialmente. Ser estrangeiro é ser estranho, diferente e carregar consigo uma história cultural e social distinta em relação à sociedade de acolhimento” (Soulet, 2000, p.13).

E como o imigrante não é facilmente acolhido, a tendência é buscar em seu grupo étnico, os seus iguais, um suporte para a integração. E acerca desta questão, Teresa relata que:

“Porque os africanos se apanharem vêem que existem grupos, por exemplo, os cabo-verdianos juntam-se e ficam sozinhos no seu cantinho. Eu costumo dizer: “Formam uma nuvem escura num cantinho”. Só os africanos ali. Pelo menos conseguem ter um grupo!” (Hivi, p.XXXVII).

“O que acontece é eu vejo que muitos acabam por fazer grupinhos. Grupinhos africanos. É claro que, muitas vezes, eles não são culpados. Até houve um caso concreto, havia numa sala d’aulas ou num anfiteatro, onde estavam cento e tal alunos, formaram-se uns grupos mais escuros ali, umas ilhas escuras. Só isso já é revelador daquilo que acontece.” (Hivi, p.XXXII).

Agora da última vez estava eu a falar-te a nível da integração, relacionamento com os colegas e falei um bocadinho do problema que existe do comportamento dos portugueses em se aproximarem do estudante estrangeiro. (Hivi p. XXXIV).

Teresa avalia que, apesar das dificuldades, tornou-se uma pessoa mais forte como consequência da imigração. A separação da família e a travessia para a vida adulta aconteceram concomitantemente com este momento. Teresa precisou crescer e assumir novas responsabilidades que a situação de imigrante demandou a ela.

“Agora, neste momento, o fato de ter imigrado, noto que fiquei uma pessoa sem medo. Não é bem conseguir dar a volta, mas é conseguir enfrentar as situações. Eu acho que tornei-me uma pessoa muito mais forte do que se tivesse ficado só com os meus pais e tudo. O único momento é quando me sinto doente, aí fraquejo completamente” (Hivi p. XIX).

A narradora consegue conquistar seu espaço social e busca exercer o papel de cidadania, como agente de transformação da sociedade em que está inserida. Em alguns momentos do discurso ela narra fatos que se referem à sua participação social:

“E eu lembro-me que (...) elas não queriam estudar. No ano passado, uma dessas minhas amigas, e elas chamam-me «nossa pretinha da sorte», eu ligo e digo: “Oh, Fernanda [é uma outra amiga dela]. Há um sítio pra vocês, chega de levarem vossa vida só a trabalhar nos restaurantes, a lavar pratos, vocês não têm ambição?” [elas]: “Temos”. “Ok, tá ali aberto um curso pra desempregados, por coincidência a nível de informática, vocês vão aprender mais alguma coisa nas vossas vidas e o Estado paga.” (...). “O que tu ganhas para lavar pratos, quatrocentos e tal euros, lá vais ganhar pra aprender. Já vais pensar de outra maneira.” Elas foram selecionadas e, neste momento, já vão ter o décimo segundo ano, que elas tinham o nono ano! Quer dizer, fui eu que venho de Moçambique e que, no fundo, também vou transmitindo um outro tipo de conhecimento para as pessoas daqui, que também muitas não tem oportunidades ou por...” (Hivi, p. XXIII-XXIV).

“Outro dia, fui fazer campanha política para um amigo nosso também, que também tem raízes com Moçambique. (...) Estive uns cinco minutos a fazer o meu discurso no sentido de alertar para o que os imigrantes no fundo fazem.” (Hivi p. XXXIX).

Teresa tem uma grande capacidade de autocrítica e avaliação e compreende que a sua integração “bem sucedida” não é a regra geral:

“Tou a dizer da integração perante a comunidade portuguesa cá. Daquilo que eu vejo, acho que a maioria é um bocado diferente de mim. Não tem muitas amizades com o pessoal português. Não sei se é receio ou é a tal disponibilidade dos outros. Dentre as que eu conheci, conheci várias moças que estiveram cá a estudar, cinco, seis anos ou dez ou algumas que ainda estão cá. Não só estudantes como trabalhadores, mesmo a nível do pessoal trabalhador que vem cá pra fazer outras coisas eu vejo que não têm muitos amigos portugueses.” (Hivi, p. XXX).

Logo abaixo, Teresa avalia que suas amizades são na verdade “superficiais”. Não existe a formação de uma intimidade e um aprofundamento dos laços:

“Mas é um problema sério! Apesar de ter muitos amigos (...). Contam-se aqueles que eu digo: “Ah, vem a minha casa!” Por que? Porque eu também não conheço a casa delas e não fazem questão. Não fazem! Enquanto nós, olha: «Há uma festa africana, pessoal vamos lá!». Mas tenho amigos, por exemplo, um amigo, um senhor que é pai de um dos membros de um casal amigo que nós temos que tiveram filhas gêmeas e que já nós conhecemos a muito tempo. O senhor António diz: “O Teresa qualquer coisa você passa enfrente ao sítio...”. (...) “Oh, Teresa precisas de alguma coisa? Isso eu trato. O que tu precisares tu já sabes.” (Hivi p. XXX).

Na convivência cotidiana, percebe-se que as pessoas mais abertas aos estrangeiros são na maioria as que, de alguma forma, tiveram alguma experiência fora de Portugal. Seja porque já foram imigrantes, por terem familiares estrangeiros ou “imigrados” ou por terem algum tipo de vínculo ou relações com outros países.

“Fora esses problemas de aproximação que eu falei agora, dos portugueses serem um bocado fechados. Mas eu não digo que não existem portugueses que sejam pessoas, logo à primeira, abertas. Aqueles que já estiveram em África, basta verem um africano que logo emocionam-se, querem saber de onde é.” (Hivi, p.XL).

Durante a narrativa, Teresa faz uma reflexão acerca da própria história dos portugueses em relação às migrações e aos descobrimentos.

“Imigração existe em todo lado. Os portugueses são, talvez, o povo mais migrante que existe na face da Terra. Portugal é um país pequeno, não sei quantos milhões são, se chegam a dez milhões de habitantes, aqui, mas estão milhares espalhados. A cultura dos portugueses já vem da própria migração. E quando eu venho pra cá, cruzei-me com tantos portugueses. Um que tem um pai não sei aonde a trabalhar ou que já esteve em Moçambique ou: “O meu tio já esteve em Angola ou neste momento os meus pais estão a trabalhar em França”. Há portugueses em todo lado.” (Hivi, p. XXX).

“Da mesma maneira que eu estou cá, estão muitos em Moçambique, estão muitos no Brasil”. (Hivi, p. XXX)

Ao ler estas palavras atentamente, o/a leitor/a crítico/a pensa: mas o que está por trás deste discurso? Nos deparamos com um subterfúgio enganoso, que muitas vezes leva os/as menos atentos/as a criar uma falsa imagem de acolhimento do/a estrangeiro/a, calcada num discurso falacioso justificado por questões históricas.

É também importante observarmos o impacto que a questão da língua²⁷ e dos dialetos falados pelos/as africanos/as e a “lusofonia” têm sobre a imigração. Alguns autores afirmam que o apelo à idéia de irmandade e fraternidade entre os que falam português, trazido pela “lusofonia”, é um discurso utilizado no sentido de disseminar a falsa idéia de que integração social e a aceitação do/a imigrante que fala a língua portuguesa é facilitada por este motivo (Machado, 2006 e Esteves et.al. 1991). As questões históricas e linguísticas formam um conjunto de representações sociais que devem ser observados ao explorarmos a temática da imigração para terras lusitanas.

Portugal ocupa uma posição periférica dentre os países europeus²⁸ (Khan, 2006 e Santos, 2001). Principalmente durante a ditadura de Salazar, ocorreu um grande fluxo emigratório português, intra-europeu, para países como França e Alemanha (Baganha, 2001). Após a Revolução de 1974, o contingente emigratório se reduz e Portugal passa a ser mais procurado também como destino de imigração²⁹. Como consequência, a sociedade portuguesa se vê às voltas

²⁷ Fazemos um adendo ao texto, no sentido de lembrar que na história de vida, Teresa, ressalta que os/as cabo-verdianos/as por vezes formam grupos separados dos outros/as africanos/as e dos portugueses, por falarem o *crioulo*. E neste aspecto, Gusmão (2004, pp 93-94) indica que: “A questão da língua encontra-se, portanto, associada à questão racial e étnica dos grupos, apresentando particularidades somáticas e culturais, alvo de positivities e negatividades, que, por vezes, desencadeiam processos de discriminação e racismo, mesmo no interior da própria África. O multilinguismo, universo em que o bilingüismo se insere, revela um continente de processos identitários múltiplos e complexos, com muitas clivagens e divisões.”

²⁸ “Segundo a perspectiva das grandes nações colonizadoras européias, Portugal tal como as periferias africanas unem-se pela imagem comum do selvagem, da personagem cujas vivências sociais e culturais são percebidas como periféricas a uma Europa do Norte forte e civilizada. Enfim, uma nação européia com uma identidade terceiro mundista, com um *modus vivendi* que, mediante episódios históricos marcantes (e.g. *O Ultimatum* de 1890), espelha a sua postura subalterna e identidade ambivalente”. (Khan, 2006, p. 6)

²⁹ De acordo com os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF, 2008, pp.12-13): “Até à década de 60 do século passado, Portugal foi um país de índole predominantemente emigratória. Devido à saída de cidadãos nacionais, nomeadamente com destino à Europa e às então províncias ultramarinas, os fluxos migratórios em Portugal registavam um saldo claramente negativo. Este fenómeno altera-se profundamente com a revolução de 25 de Abril de 1974 e a subsequente independência dos actuais países africanos de língua portuguesa. Assiste-se, então, ao regresso massivo de cidadãos provenientes daqueles territórios, quer originários da então metrópole, quer ali nascidos. No início da década de 80 aquele processo gera um aumento exponencial e atípico do número de estrangeiros residentes em Portugal, devendo assinalar-se que muitos dos cidadãos agora com estatuto de “estrangeiro”, tinham sido, anteriormente, cidadãos portugueses. O caso mais significativo ocorreu com a comunidade cabo-verdiana residente, a qual, aliás, continua a ocupar uma posição de destaque entre as comunidades estrangeiras em Portugal. Os anos 90 caracterizam-se pela

com a necessidade de conviver e adaptar-se à miscigenação étnica. Porém, ainda falta preparação institucional e da própria população portuguesa, para oferecerem melhores condições sociais no acolhimento ao imigrante. Já existem alguns avanços em termos de políticas públicas, instituições e leis, porém estas iniciativas ainda não suprem a demanda existente.

Em seu discurso, Teresa aponta para o fato de que a assimilação da cultura africana tem aproximado as/os portuguesas/as e é um fator de integração. Realmente, percebemos que é um fator de facilitação e que o contato entre as culturas modifica ambas de uma maneira lenta, mas transformadora. Porém, a aproximação cultural não aniquila as diferenças e é um engano pensar que reações racistas e xenófobas são evitadas porque se conhece bem uma determinada cultura. Inclusive pode acontecer o oposto, ou seja, o choque cultural pode criar afastamento e outras conseqüências, como por exemplo, o acirramento do preconceito.

As questões que a integração levanta remetem a várias reflexões. Sabemos que a experiência de Teresa contém ainda muitos meandros a serem explorados. Porém, reconhecemos os limites deste estudo exploratório e esperamos que este seja um começo frutífero e que cumpra sua função de contribuição para novas elaborações.

2.4. Os impactos da imigração na saúde: *Presa num inverno maluco!*

A chegada a Portugal causa em Teresa vários impactos. A sua saúde não saiu ilesa deste processo inicial de imigração, ela foi imediatamente afetada. Em Viseu, Teresa engordou e foi obrigada a enfrentar o frio e suas conseqüências a nível físico e psicológico, além da perda de sua rede social de apoio:

“Minha primeira reação com a imigração foi a parte física. Mas no fundo, afeta tudo. Fiquei gorda. No fundo, eu estava quase que desamparada porque os meus colegas tinham aulas à noite. (...) Como eu durante o dia estava ali perdida na escola, o que fazia durante o dia: “comia bolos”. (...) À noite, ficava eu sozinha e atacava tudo que tinha para comer, porque não tinha ninguém para conversar. Estava perdida num país completamente diferente. A minha família é numerosa. A minha irmã mais velha já estava na Espanha. Mas em Moçambique tinha meus irmãos, comigo, éramos cinco para brincar e conviver. Pai e mãe, amigos, vizinhos e tudo. E vi-me presa, num inverno maluco! Chovia. Não tens como sair. Deprime” (Hivi p. XVIII)
“Ficamos assim, com algumas alterações emocionais. O próprio tempo cá, a chuva, o frio! Eu não me habituo!” (Hivi p. XIX).

Sobre as questões da imigração e saúde, além da sua própria experiência, Teresa relata o que ocorreu com as pessoas à sua volta:

“A minha primeira colega de quarto no Porto, acho que teve mesmo depressão. E não sei se até hoje ela conseguiu se safar. Acho que ela passou a ser “hipocondríaca”. (...) Todas as semanas, ela cheia de dor de cabeça, por isso e por aquilo. Fazia análises e os médicos não descobriam nada. Essa foi uma das experiências que eu assisti. O fato dela ter vindo para cá, acho que alterou muito. Ela lá era uma pessoa

consolidação e crescimento da população estrangeira residente, com destaque para as comunidades oriundas dos países africanos de expressão portuguesa e do Brasil. No limiar do novo século surgem os novos fluxos do leste europeu, designadamente da Ucrânia, os quais rapidamente assumem relevância entre as comunidades estrangeiras mais representativas em Portugal”.

saudável e desde que eu a conheci e acho que até hoje é assim. Tem que lhe doer sempre qualquer coisa.” (Hivi p. XIX).

“É assim, eu tive uma colega, mas a questão dela foi outra, ela tinha problemas de tensão alta, porque ela tinha filhos e tinha deixado os filhos lá e acho que isso influenciou.” (Hivi p. XIX).

De acordo com Félix Neto (2002), quando pensamos sobre o modo como a cultura pode afetar a saúde das pessoas, quase automaticamente nos ocorre desordens psicológicas, tais como a depressão e a esquizofrenia. Porém, não apenas a saúde psicológica está sob risco, como também a saúde física quando se está na condição de imigrante.

O deslocamento geográfico expõe o organismo a um novo ambiente e é necessário adaptar-se às novas condições climáticas, espaciais, ambientais, sociais, emocionais, dentre outras. O/a imigrante está suscetível e pode instaurar-se uma instabilidade tanto no aspecto físico quanto psicológico e num nível biopsicossocial, ou seja, mais global. A/o estrangeira/o precisa aprender a conviver ao mesmo tempo com o novo e com a falta das referências que a/o sustentavam. Logo, sua saúde pode ser facilmente afetada por todo este processo.

2.5. Discutindo relações de gênero, “raça” e violências

A utilização do gênero como categoria de análise tem sido ampla. De acordo com as colocações teóricas já apresentadas, fundamentadas pelas idéias de Joan Scott (1995), sabemos que o gênero em si é relacional e, neste sentido, quer enquanto categoria analítica quer enquanto processo social, o conceito de relações de gênero deve ser capaz de “captar a trama de relações sociais, bem como as transformações históricas por elas sofridas através dos mais distintos processos sociais, trama esta na qual as relações de gênero têm lugar” (Saffioti, 1992). Dando seguimento à análise, partimos então para as questões de gênero que a história de Teresa evidencia.

2.5.1. Ser mulher num contexto mais europeu

As palavras de Teresa demonstram como as relações de gênero e poder acontecem de forma diferenciada nas diversas sociedades. Em nossos estudos não podemos deixar de tomar o referencial da cultura como uma variável importante na análise:

“É assim, ser mulher em Portugal, num contexto mais europeu, digamos, que até é bom. É bom numa perspectiva europeia, se bem que até agora em África já começamos a caminhar pra isso. Há muitos aspectos, imaginemos, talvez em África eu ser a única mulher, por exemplo, num curso e ter que sair para ir fazer trabalhos só com homens e, às vezes, implicavam fazer noitadas, não é? Isto não sei se em África seria bem encarado. Aqui na Europa, também já se passou por isso, eu mal comecei a aprender, e aprendi mesmo. Tou a falar nessa perspectiva de relacionamento profissional, qualquer área, seja na cozinha ou a fazer qualquer coisa, mas desta responsabilidade e olharem pra ti não como mulher, olharem para ti como colega igual a mim, com as mesmas capacidades e vamos trabalhar. Eu sou exemplo disso, trabalho muito tempo com homens e eu sinto que existe uma certa igualdade nisso.” (Hivi, p.XXV).

“Nós já vimos, por exemplo, em África eu não sei, eu nunca vi meu pai a fritar um ovo, pela própria vida pelas vantagens que ele teve no fundo que permitiram que ele não fritasse um ovo. Mas se olhar para isso vou falando de uma família simples sem empregados em casa só apenas o pai, a mãe e os filhos, eu não sei se ele fritaria um ovo! Olhando nesta perspectiva.” (Hivi, p. XXV).

Neste sentido, recordamos a entrevista de Butler (2002), em que a autora discorre acerca das mulheres de véu dos países islâmicos e sua crítica acerca da posição de algumas feministas que fazem análises sobre as condições destas mulheres sem se darem conta de que convém deter sobre o fenômeno um olhar antropológico.

Nossa narradora faz um paralelo e expõe as diferenças que ela observa em sua cultura de origem e na que ela atualmente se insere. O contato com outras formas de pensar a realidade e outras práticas, no que se refere às relações de gênero, é motivo de reflexão e mudanças em sua forma de viver e estar no mundo. Afinal, a alteridade promove uma auto-crítica que acarreta questionamentos no sentido de propiciar transformações. Logo abaixo, a narradora expressa sua opinião sobre ser mulher imigrante em Portugal:

“E ser mulher aqui significa lutar! Não é fácil ser mulher imigrante!” (Hivi, p. XXV).

“A integração da mulher moçambicana... a integração até acaba por ser... é mínima! Eu acho na minha opinião, cá.” (Hivi, p. XXX).

As representações acerca das mulheres e do “feminino”, em seu elo com o trabalho, são uma dimensão importante na análise do conteúdo da história de vida que recolhemos. A experiência de Teresa permite-nos aceder aos processos sociais de construção de subjetividades genderizadas (Marshall, 1994), atravessadas de racializações (Collins, 2009).

A nova ordem econômica não propiciou igualdade de condições entre os gêneros. Ao contrário, reforçou hierarquias, desigualdades e assimetrias, que são vividas pelas pessoas como experiências que marcam. Teresa é uma mulher para quem o trabalho constitui uma componente essencial da sua identidade, desde muito nova. É também no contexto das suas experiências laborais³⁰ que ela vai ser alvo de sexismo-racista.

2.5.2. Eu era a única preta e a única mulher

Teresa mostra sua capacidade crítica acerca do que é ser mulher, na sociedade em geral, e na portuguesa em particular, como já referimos, e essa reflexão integra também as relações no local de trabalho:

“A minha experiência pessoal foi boa, falando mais concretamente dessa experiência de trabalho e pessoalmente achei enriquecedora. Eu antes até era muito mais reservada a nível mesmo da defesa dos nossos direitos como mulheres eu já não olhava para as coisas assim. Podia já ter essa tendência e tudo mais. Hoje, dentro da minha experiência, essa talvez do relacionamento direto com homens no meu dia a dia, foi o aspecto mais importante que me fez alterar muito daquilo que eu também sou hoje.” (Hivi, p.XXV).

“E isso da vergonha de ser mulher, as mulheres muitas das vezes têm um certo receio. Mas algo que me ajuda muito [é] o fato de ter convivido sempre com homens por força do curso que eu fiz. Informática é uma área

³⁰ Para Esteves et al. (1991, p.43): “Aqueles níveis de qualificação da mão de obra oriunda dos PALOP (países de língua oficial portuguesa), associados ao desenvolvimento de práticas segregacionistas, condicionam uma inserção desfavorecida dos imigrantes no mercado de trabalho, revelada pelos indicadores sobre a situação na profissão, os sectores de actividades e as categorias sócio-profissionais.”

Em sua história de vida, Teresa conta que em Portugal ocupou posições laborais como operária numa fábrica, no McDonald's e outras. Demonstrando que a imigração a iguala a tantos/as outros/as imigrantes africanos, no sentido de, em Portugal, pertencer a uma classe social desfavorecida.

onde estão muitos homens e, portanto, adaptei-me muito bem e muitas das vezes sendo também a única negra. Tive que dar a volta à situação.” (Hivi, p. XXX).

“Eu, por acaso sou a única mulher. Estou habituada a ser a única mulher pelo curso. Pela área muito favorita dos homens. Poucas mulheres, ainda poucas. Espero que, qualquer dia, surjam muito mais mulheres do que são hoje, a seguir a área das novas tecnologias. Fora o fato de que já me habituei a ser a única mulher.”

(Hivi, p. XXXV).

“Mas nessa sala eu era a única preta e a única mulher!” (Hivi, p. XXXV).

A violência sexista e racista de que a nossa narradora foi alvo constitui uma dimensão fundamental para equacionar as vidas das mulheres negras nas relações sociais:

“Outra das coisas que eu achava que era violência é quando eu estava a trabalhar no Porto. Porque aqui, sabes. Sabe que trabalhar com homens não é fácil. Uma coisa é na universidade, estamos ali, vamos trabalhar todos. Mas, às vezes, no banco, sobretudo, eu via. Fazia o meu trabalho, mas ao mesmo tempo olhavam para o aspecto sexual, não é bem sexual, mas os homens a olhar para a mulher como se ela não estivesse ali a trabalhar. Eu via isso por parte de alguns. Mas olhar num sentido mais de alguém que nos dá prazer ou que nos pode... digamos não é... tipo estar sendo “tentado”. Ai vem aqueles comentáriozinhos: “Ai a preta “gostosa””. Aqueles piropinhos. Eu para mim acho isso um bocado... Não gostava! Gostava quando me olhavam pelo lado profissional. Quando isso acontecia, gostava. Mas quando já virava e: “Olha, ela hoje! Já viram como está a preta hoje?! Tá toda sexy e não sei quê”. Mas pronto. (Hivi p. XXII).

2.5.3. A visão sexualizada da estrangeira: *Mas quanto é que é?*

A forma como o corpo da estrangeira é visto e nomeado na linguagem social, nos remete a uma reflexão acerca do discurso coletivo sobre a construção desta imagem corporal. Butler (2008), afirma que a linguagem tem o poder de modelar os corpos. Fazendo esta reflexão, compreendemos que o corpo da mulher estrangeira é alvo da materialização de um signo lingüístico, de uma construção social discursiva em torno da sexualização e de sua objetificação.

Se partimos da idéias de Butler (2008) e pensarmos no gênero como categoria normativa, podemos inferir que em Portugal, relativamente às questões de gênero no âmbito da mulher estrangeira, prevalece uma norma sexual que instaura um poder regulador sobre a própria subjetividade dessas mulheres, que passam a viver sob condições de opressão.

“Com é que alguém está a andar na rua... Pára! Será que somos assim tão sem princípios? Sem ética? Quem somos nós? Como é que eles olham pra nós?! (...) Se é fácil de confundir, de olhar para nós por sermos estrangeiras... (...). Mas há que haver um mínimo de respeito! Tu tás a andar na rua, tens a tua profissão. (...) Quer dizer, o fato de tu seres brasileira, e imagina que ele pára?! E eu no meu caso sou moçambicana e estou com uma colega, eu sou preta, ok? Gosto de dizer assim: “Africana, negra!”. Estou a andar com uma colega portuguesa. Até esse exemplo é o melhor porque ali nota-se perfeitamente a diferença. Porque uma é mais escura, outra é mais clara e a outra que está ali é... No teu caso enquanto tu não abrires a boca... Ou também se apercebem porque temos umas formas completamente diferentes. O próprio corpo, a forma de andar, tudo. Existe algo e eles sabem reconhecer isso. Os homens sabem reconhecer e olhando: “Aquele ali não é portuguesa”. Por causa do, como é que é... [risos] O balanço do próprio corpo. Agora no meu caso, se estou eu com uma portuguesa, qualquer um não tem que fazer esforço. Tá ali patente: A negra e a branca! Ok, aquela é portuguesa porque ele já sabe reconhecer, mas pára o carro. E diz: “Olá,vamos?”. Quer dizer, eu fico mal. Perante aquela colega que está comigo ou perante alguém que me conhece na rua e vê um carro a parar porque achou que eu era da vida. A prostituta é a profissão delas, não tenho nada contra, tenho respeito por qualquer uma. Agora que me confundam?! Põe em causa até o meu nome! Porque a outra que estiver ao lado de mim vai dizer: “Epa! Pronto, acho que a Teresa nos seus tempos livre ou aquela moça a Teresa, ou a Maria... Será que?”. (Hivi, p.XXVIII).

“Essas coisas é que nos põem mais revoltadas e eu acho que não aconteceu só a mim. Eu tenho colegas, principalmente estrangeiras, a quem já aconteceu isso. Há muitas a quem acontece! E depois isso é assim, aqui! Uma coisa são uns piropos, outras porque eles mesmos... Vou te dar um exemplo de um sítio. Tenho

também amigos portugueses. Foi até com uma amiga brasileira que acabava de chegar. Ela está em Coimbra a fazer o mestrado. Entretanto, ela não tinha ainda uma semana aqui. Ainda assustada, não sabia como encarar os portugueses: “Que eles são uns frios...”. Ok! Saímos e eu dizia, vamos tomar um café. Um que frequentamos muito, há muitos anos. Chagamos lá e pronto, viram logo que a moça era brasileira, [uma] estranha, nunca tinham visto! Os homens todos quase que... “Ah, quem é, quem é?!” Pensaram logo que a moça era uma menina da vida! Isso foi agora, em setembro por aí! Agora! É recente! É a história mais recente que eu conheço. E a moça só queria sair daquele sítio! Ela lá parada e a ver aqueles olhares. Alguns como eu conhecia chegaram a mim: “Olha, Teresa quem é aquela moça?” Uns até conseguiram se aproximar da mesa, que era para tentarem ver se a moça era... se fazia isso. Eu, mais tarde, tive que ir lá ter com eles: “Se faz favor, ô meus senhores! Eu já vos conheço há tanto tempo! Por favor, quietos que ela não é dessa vida! Vocês, se quiserem, sabem onde estão os sítios e vão. A moça está conosco, chegou há pouco tempo do Brasil, nem sabe como é que isto é!”. Quer dizer, isto é um susto para alguém que acaba de chegar! Há alguns anos era menos, agora é mais, muito mais. A estrangeira é facilmente abordada nesse sentido.” (Hivi, p.XXIX).

“A própria sociedade tem uma visão sexualizada da estrangeira. E já dizem: “mas quanto é que é?” (Hivi, p. XXIX).

A experiência de Teresa reafirma a proposta de Butler (2002) acerca de que os discursos habitam corpos. E que os corpos carregam em si o discurso que lhes é atribuído como parte de sua constituição. Segundo a autora, não é possível ninguém sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado/a pelo discurso. Teresa sente “na pele” que a sua categorização como estrangeira lhe imputa uma sexualização do corpo que a acompanha onde quer que ela esteja.

2.5.4. Na rua se me confundem

A rua é um local de encontro, de reconhecimento e de trocas. Os estudos antropológicos demonstram que a rua é mais que um espaço arquitetônico, uma via de passagem. Ela vira casa, local de protesto, via em que acontecem manifestações folclóricas e religiosas, etc. Pensamos não na rua em si, como espaço arquitetônico, mas na experiência da rua para além de um espaço de circulação, como lugar e suporte de sociabilidade (Magnani, 1993).

De acordo com Roberto da Matta (1985), é a rua que resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares – tudo num espaço público e regulado por normas também públicas. É, neste palco, que Teresa vive a grande maioria das situações de violência de gênero que fazem parte de sua história. Ao contrário da grande maioria das denúncias de mulheres que relatam a violência ao nível do privado, o caso de Teresa demonstra como no espaço público a mulher está exposta a vários riscos e principalmente a mulher estrangeira que ainda é mais vulnerável.

“Agora, pensando em algumas situações. Ser encarada, acontece nas ruas. Sim, acontece. Ou és confundida, pensam que és uma prostituta. Só porque és mulher, és africana, já começam. Pára um carro, ou porque alguém vem, pede-te um favor, faz de conta que estás procurando um sítio. A pessoa conversa com ela e, mais tarde já, está a abordar outro assunto encaminhado para a prostituição, o que me leva muitas vezes a ficar chateada. Quer dizer, aquela pessoa vem, aborda-me pergunta onde é um sítio não sei onde, tento explicar e depois fala mais um bocadinho, eu, claro, demonstro sempre alguma simpatia, sorrio, para depois daí virem então: “Quanto é?”. Quanto é o quê? Chateia-me! Chateia-me mesmo!” (Hivi, pp.XXV- XXVI).

De acordo com recentes pesquisas realizadas³¹, constata-se que a violência de gênero ultrapassa o âmbito doméstico. Apesar da violência doméstica ter uma grande expressividade na história da violência contra as mulheres, este não é o único espaço em que ela acontece. Na literatura, observamos que a maioria dos trabalhos enfatizam a violência doméstica em detrimento da violência no espaço público, talvez pelo maior percentual de casos registrados. Considerando também a importância de pensarmos a violência no espaço público, nosso trabalho buscou enfatizar este aspecto, em concordância com a própria experiência da narradora.

A Comissão pela Igualdade de Gênero (2007) aponta que, em termos percentuais, são agredidas e agredidos nas ruas 12,8 % mulheres e 30,2 % homens. Nos espaços públicos 6,3% mulheres e 8,1% homens. Em vários locais 6,7 % mulheres e 6,4% homens. Nas escolas 3,0% mulheres e 7,1% homens. No local de trabalho 6,0% mulheres e 15,9% homens. Na casa de família/amigos 4,5% mulheres e 9,6% homens. Em outros espaços 0,8% mulheres e 7,9% homens. E finalmente, na própria casa 60% mulheres e 14,9% homens.

A partir dos dados acima, para as mulheres, o espaço mais perigoso é o doméstico. Fora de casa, podemos dizer que a rua é o *locus* em que a violência preferencialmente acontece. Logo, a reflexão acima justifica-se e aponta para a necessidade de observar o fenômeno da violência de gênero também nesta perspectiva. Na história de vida, Teresa relata as seguintes situações de violência vivida na rua:

Duas vezes. Em uma delas veio um moço português, eu distraída do nada, agarra-me as mamas! Eu comecei a gritar, gritar ali mesmo. Era um jovem dos seus vinte e poucos anos. Isso foi em Aveiro, na altura eu devia estar no segundo ano já na universidade de Aveiro. Foi na rua perto da universidade. Ele agarrou-me as mamas e foi-se embora. E eu gritei: “Estúpido!” Mandeí lá palavrões, e pronto. A segunda, nem tem muito tempo, um outro jovem. Eu a caminho, dentro da universidade. Aqueles caminhos rápidos que nós muitas das vezes usamos para chegarmos mais cedo. Eu estava a andar num belo dia de verão, trazia uma saia, não era curta. Até podia ser! Tou a andar e vejo uma pessoa atrás de mim. Ando um bocado, sinto um vulto, mas não me dei conta. Um moço “raça” branca, tamos aqui! Português, penso eu. Levantou-me a saia e agarrou-me o rabo! O bumbum! E eu apanhei um susto e gritei! Ele correu, fugiu! Quer dizer, casos que me marcaram assim, de olhar e de ver. Como é que essa gente nos encara! Como é que essa gente é assim?! E outros casos... (Hivi, p. XXV).

Nas várias situações em que foi abordada, Teresa, em alguns momentos, reagiu imediatamente e abaixo citamos as falas em que ela expressa como se sentiu e suas estratégias de defesa:

“E tipo, tá um carro e eu tou a andar a pé e um carro pára. Eu olho pra ver se conheço a pessoa, não conheço, continuo a andar. Pára a segunda vez. Eu paro, olho, se tiver naqueles dias em que estou mesmo revoltada com essas situações, já me aconteceu várias vezes e houve muitas colegas minhas que aprenderam isso comigo e safaram-se de muitas. Pára o carro, porque eles não querem ser reconhecidos, fazem discretamente. Param, param pra ver: “se ela for... entra logo no carro”. Não, eu paro e grito! Grito mesmo na rua: “Olha, pensas que toda gente é prostituta, sai já daqui, sai já daqui!” Como não querem ser reconhecidos, eu faço de propósito, desperto a atenção e ele vai se embora.” (Hivi, pp. XXV-XXVI).

“Já tive várias discussões por aí. Discussões no sentido de olhar para as pessoas e dizer assim... Se estou numa loja ou estou num centro comercial e vem alguém “manda uma boca”, um piropo, como dizem aqui. E eu apercebo-me que aquilo ele não faria a outra mulher ou aquele olhar não teria. Eu, às vezes, paro, não

³¹ Inquérito Nacional de Violência de Género, SociNova/CesNova – FCSH-UNL/CIG, 2007, ver gráfico 4.7

quero saber quem está ao lado da tal pessoa, se estiver a mulher, às vezes são homens casados e fazem isso. Se tiver a mulher muitas vezes eu chego e digo: “Tu pensas que todas nós somos prostitutas? Mesmo que se fosse uma prostituta pensas que as pessoas têm que ser tratadas assim?”. Há casos em que eu digo mesmo isso. Já cheguei a envergonhar pessoas.” (Hivi p. XXVI).

“Na rua se me confundem! Ou se chamam nomes! Dependendo dos dias, eu paro e tento por aquela pessoa na linha e educar, sinceramente! Quando nos faltam ao respeito. É uma atitude racista. Às vezes não ligo, mas, às vezes temos que reagir, não é?” (Hivi p. XXV).

A perseguição, ou *stalking*, é uma das dimensões da violência contra as mulheres, que deixa marcas importantes nas vítimas:

“O caso mais gritante de todos, acreditas que isto parou a cerca de dois anos?! O que é que me aconteceu? Isso pra dizer o cúmulo, até que ponto em que nós chegamos! Uma das férias, eu saí, vou a um banco, vou à Caixa Geral [de Depósitos], chego lá, era pra comprar um televisor que a minha família pediu. Mas eu ia ver se dava para pagar a prestações, cheques. (...). Precisavam dos meus dados. Ok, passo lá os dados. Afinal de contas isso vai parar à mão de um senhor, funcionário do banco. Já não é jovem, tinha os seus cinquenta anos. (...) Passa um dia, no segundo dia estou a receber uma chamada no meu telemóvel e alguém a gozar com uma voz “nhenhe” de criança: “Olá, princesinha... não sei quê”. Eu ligo pro meu namorado e digo: “Ouve lá, tu tá a fazer alguma palhaçada comigo? Tás a mandar alguém ligar para mim? Tenho aqui o número.” Ele disse: “Não”. Eu disse: “Então, olha, alguma coisa tá-se a passar. Porque há uma pessoa estranha que está a ligar para o meu telemóvel e parece que estou a ser seguida não sei por quem?!” O senhor continua a ligar e eu, sem dar conta, estava a ser espiada, sem eu me aperceber. Ele diz-me assim... [o senhor]: “Ligo outra vez?”. E o meu namorado diz: “Olha, faz o seguinte, faz assim, combina um encontro com ele. Explicas e combinas para apanhar-te no sítio tal. Já que ele diz que te conhece bem.” [Teresa diz, recordando a fala do senhor]: “Olha eu conheço, eu também nasci na Tanzânia, conheço a Tanzânia por isso é que eu... eu conheço a Tanzânia e não se quê...” Eu, [pensei]: “Epa, esse caso já está a ser complicado!”. Eu antes de saber quem era a pessoa, [pensei] como é que [ele] conseguiu essa informação sobre mim e tudo: “Epa, isso não é normal”. Entretanto, eu sigo o conselho do meu namorado e ligo:

- Ok, já que conheces onde eu vivo?

- Tu vives não sei onde? Eu conheço, conheço a tua casa.

- Ah é? Ok, então. Olha, faz o seguinte então, vem cá.

Começamos a ver, nós morávamos no quarto andar, vimos o carro a estacionar e liga a dizer: “Olha, já estou aqui”. Só para podermos identificar bem o carro, para termos a certeza eu digo: “Olha, sai e pára no sítio tal.” O senhor quase se apercebe, quem está a descer era o meu namorado, fuge! Vai se embora! Depois à noite volta a acontecer a mesma coisa. Eu digo: “Ah, vem para o sítio tal”. Só que esse dia ele aparece já a pé e fuge. O meu namorado vai atrás dele a pé, para o sítio onde ele se meteu. Apanhou-lhe e disse:

- Faz favor, o que o senhor quer? O que tu queres com a minha namorada? Diz-me o que se está a passar agora?! Os dados que tu tens, como conseguiste?

- Ah, não... É que eu vi que ela nasceu na Tanzânia e eu já lá estive...

Tudo mentira! Quando ele diz [o namorado]:

- Quem é o senhor? Diz a verdade senão eu vou lhe espancar!

- Ah, eu trabalho na Caixa Geral de Depósitos. Eu vi o processo dela, vi a moça e, portanto, comecei a seguir. Desculpa que não vai acontecer mais.

Mentira! Eu era seguida todos os dias! O senhor mesmo depois disso... Tive para ir dar queixa à polícia. Eu já sabia qual era o carro e tudo. Estou a andar e via, era o carro do tal senhor que estava a perseguir-me. À noite, em casa, o carro ficava lá parado em baixo. Quase dei queixa na polícia, mas depois descobrimos que o tal senhor que era... Em frente à casa, nós tínhamos um café. (...) éramos todos amigos e, um dia, do nada, em conversa, começamos a comentar sobre o tal senhor que trabalhava num banco e o moço disse: “Esse aí é marido da minha irmã! Mas eles já não estão juntos, estão separados, esse senhor já tem muitos processos contra ele, já foi transferido de vários sítios. Mas ele continua a ter a mesma atitude. E Eu: “Ah, meu Deus!”. Continuou, nós saímos daquela casa há dois anos. Só assim! (Hivi, p. XXVI).

(...) Cada vez que eu atualizo a minha morada o banco continua sempre com os meus dados atualizados e eu cheia de medo. Por pouco até fiquei feliz, já temos uma testemunha aqui, foi o que me deixou mais calma (...). (...) Foi quando eu comecei a desabafar e a contar a história. Às vezes eu pegava uma batata de casa e lançava para o carro. O meu namorado se visse fazia uma coisa assim que era aproximar-se e ele fugia. Mudei de casa, depois senti que a coisa melhorou. Foi o caso mais grave, mais complicado. Enquanto os outros são comuns, de uma pessoa andar na rua e pararem confundirem-nos com prostitutas. Aquilo [perseguição] continuou quatro anos (...). Havia uns momentos que acalmava, parecia que não acontecia nada, depois vinha o bichinho outra vez, o senhor depois aparecia. Acho que ele era maníaco. Não sei até que ponto ele cismou com aquela pessoa que era eu. Nunca cheguei a dirigir-me ao senhor, nunca pessoalmente. E claro, no início ele insistia com os telefonemas e não sei quê. Depois pronto, fui aprendendo a conviver com a situação. A única coisa que eu não queria que me fizesse algum mal, e evitava. Evitava andar em sítios sozinha e isso assim. (Hivi, pp. XXVII-XXVIII).

O *stalking* consiste em uma forma de vitimação sobre a qual não existe na literatura uma definição única e universal. O termo tem origem inglesa, identifica uma forma de violência através de situações de perseguição e ameaça, de forma persistente, continuada e intencional. De acordo com Damásio de Jesus (2006), o comportamento do *stalker* possui determinadas peculiaridades: invasão de privacidade da vítima, repetição de atos, dano à integridade psicológica e emocional do sujeito passivo, lesão à sua reputação, alteração do seu modo de vida, restrição à sua liberdade de locomoção. Em Portugal, ainda não existe legislação penal específica sobre o *stalking*.

2.5.5. A «raça» conta. O status conta.

O cenário mundial demonstra que a convivência entre diversas culturas gera muitos conflitos. E a Europa ainda tem um grande desafio em relação às questões trazidas pelo racismo, haja vista que, com o mundo globalizado estas posturas têm vindo a agravar.

Na perspectiva sociológica, a discussão acerca de “raça” e etnia já possui vários estudos. Alguns sustentam a “raça” como um conceito crucial, mesmo sendo muito contestado. Percebemos que o uso do termo tem sido feito com a ressalva das aspas. A “raça” pode ser compreendida como um conjunto de relações sociais que permitem situar os indivíduos e os grupos e determinar vários atributos ou competências com base em aspectos biologicamente fundamentados” (Giddens, 2005, p.205).

A idéia de “raça” implica erroneamente a noção de algo definitivo e biológico. A etnia possui um significado social. “A etnicidade refere-se às práticas e às visões culturais de determinada comunidade de pessoas e que as distingue das outras” (Giddens, 2005, p.206). Logo, diferentes características podem servir para distinguir um grupo étnico de outro, dentre eles a língua, história ou linhagem, religião, os costumes, tradições, hábitos, etc. Para Igor Machado (2006, pp.122-123), em Portugal, observa-se que o uso cotidiano da idéia de etnicidade se atrela às hierarquias:

“O termo brasileiro vira sinônimo de *Uma* etnicidade, significando um estoque de diferença contido pela própria definição. O mesmo acontece de forma mais radical com outros grupos imigrantes, pois todos os «lestes europeus» viram *Uma* única etnicidade. Nesse sentido, o brasileiro, tem privilégio, pois é nacionalizado em oposição aos «africanos» e do «leste». Percebe-se claramente que o discurso cotidiano sobre etnicidade – poderíamos dizer sua existência sociológica – nada mais é do que uma forma de uso politicamente correto da idéia de «raça»”.

“Tem-se notado que os discursos étnicos produzidos por fontes oficiais tendem simplesmente a trocar as antigas categorias raciais por novas categorias étnicas: assim, negros transformam-se em “africanos”, mestiços em “brasileiros”. A categoria africano é, obviamente, uma categoria que esconde uma diversidade muito grande de nacionalidades (cabo-verdianos, moçambicanos, angolanos, guineenses), que expressam diferentes realidades, mesmo classificatórias. Entre as nacionalidades, há um certo grau maior e menor negritude atribuída, processo que tem sido equalizado na categoria étnica/oficial de “africanos”. Os brasileiros, por sua vez, comprovando seu *status* relativamente privilegiado, são os únicos a serem classificados por um termo nacional, transformado em categoria étnica pelo discurso oficial. Os brasileiros são os únicos a verem sua nacionalidade preservada como índice classificatório, perante a condição que ela se

transforme numa categoria étnica/racial que restabeleça um lugar determinado para a população rotulada: um lugar intermediário entre os demais imigrantes e a população portuguesa.”

Assim como Machado (2006), também Rodrigues (2006) e outros/as autores/as compartilham a idéia de que o uso do termo etnia ou etnicidade pode ser conveniente e esconder um processo de branqueamento e retirada da raiz histórico-política que a denominação “raça” sustenta.

Dentro da tradição da psicologia social observa-se que as minorias sociais são intensamente suscetíveis ao isolamento social, à exclusão, ao racismo e a xenofobia. A partir da matriz sociológica entendemos que:

“Racismo não é simplesmente uma questão de ter uma atitude de desdém ou medo de alguém de outro grupo, tal como definido por critérios genéticos (como a cor da pele) ou por critérios sociais (afiliação religiosa, padrões culturais, a preferência linguística e assim por diante). Racismo normalmente inclui tanto desdém e medo, mas é muito mais do que isso. Desdém e medo são completamente secundários para o que define a prática do racismo na economia capitalista mundial. Na verdade, poderia ser argumentado que desprezo e medo do outro (xenofobia) é um aspecto do racismo que implica uma contradição. Xenofobia, em todos os sistemas históricos anteriores, apresentou-se como uma consequência primária de comportamento: a ejeção do “bárbaro” a partir do *locus* físico da comunidade, da sociedade, (...) sendo a versão extrema de ejeção. Sempre que nós fisicamente ejetamos o outro, nós ganhamos a “pureza” do ambiente que estamos buscando, presumivelmente, mas, inevitavelmente, perde-se algo ao mesmo tempo.” (Balibar, 1991, p.32)³²

Em Portugal os casos de racismo e xenofobia infelizmente fazem parte do cotidiano social³³. De acordo com Gusmão (2004, p. 104), essas são “realidades concretas e visíveis, em particular nos grandes centros urbanos, como Porto e Lisboa e são fatos permanentemente noticiados na imprensa e também são objeto de políticas públicas e de intervenção acadêmica”.

Em sua história, Teresa se defronta muitas vezes com situações que ela percebe que é racismo:

“Claro que sentíamos um pouco de racismo, o pessoal que vinha para fazer o décimo segundo ano era encaminhado para cidades pequenas onde não estavam habituados a ver africanos: “Olha o preto! Olha aquela pessoa ali!”. Olham sempre com... Querem perceber melhor: “Mas o que aquela pessoa está ali a fazer?”. E os portugueses são assim até, são um bocadinho curiosos. Podem não demonstrar, mas nós sentimos que ali há qualquer coisa, há uns que são mais racistas, não querem saber do imigrante, mas há muitos que facilitam a vida.” (Hivi, p.XXIII).

E pior: “Aquela preta é bancária!”. Não é normal, mesmo no sítio onde eu trabalhava quando estava no banco não é normal aparecer uma preta. Eu acho que naquele edifício todo de nove andares, só no meu departamento éramos praí oitenta, eu era a única preta, nunca apareceu nenhuma preta lá! (Hivi, p. XLII).

“A secretária que era a única mulher do nosso lado. Era a única mulher que não tinha formação superior. Tu não imaginas a guerra! Eu sentia que ela olhava para a “preta” e ao mesmo tempo fazia-se de amiga e pensava: “Fogo, o que essa preta vem me fazer aqui? Agora vem essa preta mandar em mim.” (Hivi, p. XLIII).

“Isso para dizer, mesmo se houvesse algum problema gravíssimo e eu resolvesse, no dia seguinte, o chefe elogiar era um problema, eu sentia! Mas era a preta também! Eu sentia: “Essa tipa onde é que foram buscar?”

³² Tradução nossa.

³³ De acordo com Neusa Gusmão (2004, p.104): “Além de muitas queixas-crimes por discriminação racial, em 1997, o assassinato de um jovem negro por *skin-heads* e ofensas corporais a dez outros negros no Bairro Alto, em Lisboa, foram amplamente divulgados pela imprensa escrita e falada, suscitando muitos debates entre portugueses e também entre os africanos imigrantes. Foi a primeira vez que um crime dessa natureza não ficou impune ou teve penalidade irrelevante. É assim, posto que a legislação coexistente não coíbe os abusos e é de difícil aplicação, o que acaba por minimizar/relativizar a existência do racismo e da violência contra negros e africanos em Portugal.”

Para dizer que são essas oportunidades que não podemos ter medo pela cor e isto já contém um bocado do que é ser imigrante e trabalhar. Pensam que nestes sítios os imigrantes, o africano não tem direito de lá estar!” (Hivi p. XLIII).

“Por exemplo, tenho um amigo que voltou. Esteve cá, era um grande chefe num banco. Depois foi para Moçambique para o mesmo banco lá e ele passado um tempo como estava casado com uma portuguesa voltou para cá com os filhos, portuguesa médica, só que ele não se sentiu à vontade. Nunca conseguiu se sentir respeitado! Nunca! Eu acho que foi por isso, chegou um tempo, ele voltou. A mulher dele é portuguesa ficou cá. Ele está lá a trabalhar e só vem cá quando está de férias.” (Hivi, p. XLIV).

“Acho que até a pessoa pode não ser racista, mas ter atitudes um pouco estranhas: “Ai, porque esta pessoa vem d’África, de um país em vias de desenvolvimento, para não dizer subdesenvolvido. Mas subdesenvolvido, até que ponto? Será que aquela pessoa não é capaz? Todos somos seres humanos. Conseguimos evoluir e aprender da mesma maneira que um americano ou que um europeu.” (Hivi, p. XLV).

“Tenho uma amiga que disse assim: “Ai, eu antes de te conhecer era uma pessoa racista. Mas eu era uma pessoa racista porque nunca tinha passado por uma experiência de amizade, de conhecer uma pessoa africana e conviver até onde vá chegar a conclusão que somos iguais”. (Hivi p.XXIII).

“Uma coisa é o aspecto exterior, olham para ti e: “Ah, está ali uma moçambicana”. Negra ou preta, como quer que chamem eu não me chateio, sinceramente, desde que não seja a ofender! É tá ali uma africana, negra, olham e: “Está ali mais uma burra!”. Falando no verdadeiro sentido da palavra. Porque ela deve ser uma ajudante de cozinha ou uma empregada doméstica. Uma vez, vínhamos no comboio eu e uma amiga minha portuguesa, com quem eu trabalhava lá no banco, e conversávamos esse assunto alto. Mesmo para chatear os outros que andavam lá no comboio: “Oh, Teresa. Sabes, outro dia, estava a ver uma reportagem num canal lá na TVCabo e puseram assim uma preta, uma branca toda loira e uma morena bem vestida. Diziam assim: “Ah, aquela preta é a empregada de limpeza [Teresa ri e diz: Nada disso!], a loira deve ser jornalista ou qualquer coisa assim, a morena deve ser uma doutora ou médica”. Quando foram revelar, a preta era engenheira de não sei onde. Isso para falar da imagem, quer dizer: “A cabeça das pessoas funciona assim! A loira era a empregada de limpeza. E a morena era uma coisa qualquer.” E dentro daquelas três, a que estava bem posicionada era a tal preta. Essa história é para dizer como as pessoas olham umas para as outras! O aspecto exterior conta, a “raça” conta!” (Hivi, p.XLII).

A partir dos estudos Vala et. al (1999, p.55), compreendemos que o que ocorre na sociedade portuguesa é o mesmo tipo de racismo que é flagrante nas sociedades europeias. Não existe uma minimização no caso português, por mais que esta idéia queira ser transmitida:

“É comum pensar que a especificidade da nossa cultura e da nossa história colonial, a fácil miscigenação de portugueses com outros povos, o facto de muitos “negros” residentes no país serem cidadãos nacionais, ou que o facto da maioria dos imigrantes africanos ser provenientes das antigas colónias, contribuíram para a especificidade de um eventual racismo em Portugal. No fundo, esta idéia é ainda uma consequência da ideologia “lusotropicalista” e é alimentada por actores políticos de diferentes quadrantes. Ora, o que o conjunto dos resultados apresentados mostra é que as crenças racistas se organizam em Portugal de uma forma semelhante à de outros países europeus; que os factores que estão na sua génese não são, significativamente, diferentes daqueles que subjazem ao racismo subtil ou flagrante noutros países; e que, em Portugal, tal como nos restantes países europeus, a norma anti-racista incide sobre o racismo flagrante, mas não sobre o racismo subtil.”

Teresa sente em seu cotidiano que é vítima de discriminação não apenas racial, mas de gênero e pelas questões de classe:

“Quando me tentam discriminar pelo fato de eu ser africana, eu tento mostrar que a formação daquela pessoa é um bocado... não só académica como... ou não está bem a nível mental. Diretamente ou indiretamente, tento mostrar que se passa... e em algumas situações, dizem: “Ai, porque vocês africanos isso ou assado ou cozido.” (Hivi, p. XLV).

“Discriminam-nos por sermos mulheres, discriminam-nos como eu falava, pela classe social ou pelo elitismo.” (Hivi p. XXXIII).

E quando começam a se apercebem ainda mais: “Ai, aquela pessoa é universitária”. Isso eu vivi e posso te apresentar amigos que onde eu chego dizem: “Ah, vem ali a engenheira”. Os próprios portugueses já com um certo respeito. Nem que fosse médica ou alguma outra profissão, não era uma preta comum! Mas se eu fosse ajudante de cozinha... eu já seria tratada de outra forma! O status conta!” (Hivi, p. XLII).

“E é o que digo, muitas vezes os problemas são as tais oportunidades: “Ai, roubaram-nos os empregos! Eu tenho que disputar uma vaga na universidade com um africano que vem de não sei onde e eu também luto para entrar para uma universidade”. Não! Nós concorremos e entramos com o mesmo pé de igualdade, mais nada! Vamos lutar e quem sabe, sabe!” (Hivi, p. XXXIX).

“Isso são histórias que acontecem em quase todos os países. A Alemanha tem a sua história de imigração, a

França e até em África. O ano passado houve um problema sério na África do Sul. E há muitos imigrantes moçambicanos que estão na África do Sul a trabalhar e aquilo foi quase um ato xenófobo. Queimavam as pessoas vivas. Os imigrantes eram queimados vivos! Eu por acaso estava lá de férias em Moçambique e havia um regresso maciço de moçambicanos a fugirem. Muitos trabalham nas minas de diamantes, naquelas riquezas todas que sabemos que eles têm lá em África do Sul. Isso acontece, até em África!”(Hivi, pp. XXXIX-XL).

As palavras de Teresa demonstram como a discriminação, o racismo, o preconceito, a xenofobia são realidades vividas no cotidiano das pessoas, não são meras elocubrações teóricas ou invenções ideológicas. Ao pensarmos nas experiências em relação ao racismo, nos damos conta de que elas são também exemplos de uma postura em que as mulheres e homens são postos como abjetos. Neste sentido, Judith Butler (2002, pp. 165-166) aponta que:

“(...) prevenindo qualquer mal-entendido antecipado: o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas “vidas” e cuja materialidade é entendida como “não importante”. Para dar uma idéia: a imprensa dos Estados Unidos regularmente apresenta as vidas dos não-ocidentais nesses termos. O empobrecimento é outro candidato freqüente, como o é o território daqueles identificados como “casos” psiquiátricos.”

Desta maneira, compreendemos que as atitudes racistas levam as pessoas a serem transformadas em abjetos. Elas não têm importância e nem visibilidade social, não contam como sujeitos.

A discriminação sentida é sempre global, tornando difícil separar o racismo do sexismo, xenofobia ou homofobia, como se pode observar na citação anterior. No entanto, notamos a presença de algumas dimensões da opressão nas experiências da nossa narradora que apontam para o fato dela ser mulher. Deste modo, a história de Teresa é também denunciadora da violência sexista e racista que as mulheres africanas sofrem em Portugal.

2.6. Projetando o retorno: *Começa a vir o bichinho de regressar a casa*

Durante o momento em que Teresa contou sua história de vida, a referência ao fato de que a experiência da imigração é uma situação transitória em sua vida sempre veio à tona. Sabemos que existem vários tipos e objetivos nas migrações e percebemos que as imigrações com finalidade acadêmica acabam por não fixar o/a imigrante ao país de acolhimento. Os/as estudantes sabem que têm um prazo a cumprir e os vistos de permanência são também um limite político-administrativo que relembram a situação temporária de seu deslocamento.

Nas várias situações de imigração o discurso do regresso à pátria é freqüente e neste aspecto Esteves et al. (1991, p.12) indica que:

“A motivação para o regresso, é mais facilmente objectivável quando é menor a distância geográfica e psicossocial entre as sociedades de partida e de fixação, é um traço característico do comportamento do emigrante cuja orientação migratória inicial é organizada em função de uma perspectiva temporal de permanência fora do país limitada ao médio prazo”.

A manutenção dos vínculos afetivos, familiares e os referenciais de identidade nacional e comunitária, com o país de origem, influenciam fortemente na decisão do regresso à pátria.

Apesar da distância geográfica, o enraizamento³⁴ do imigrante à sua cultura é um dos motivos que o leva ao retorno.

De acordo com Simone Weil (1996), o desenraizamento geralmente acontece quando há conquistas militares entre os povos, mas quando os conquistadores são imigrantes e se instalam no país conquistado o seu desenraizamento é mínimo. Mas mesmo sem conquista militar, o poder do dinheiro, ou seja, a dominação econômica, pode impor uma influência estrangeira a ponto de provocar o desenraizamento (Weil, 1996).

Uma outra questão, é o fato da integração no mercado de trabalho em seu respectivo ramo de atuação e formação acadêmica não ser de fácil acesso no país de acolhimento. A imigração de pessoas provenientes dos países do leste europeu em Portugal, que possuem elevada formação acadêmica e ocupam empregos precários, é um exemplo de que a qualificação anterior do imigrante pode ser pouco ou nada valorizada em seu processo de integração no mundo do trabalho.

As situações de precariedade e baixa remuneração no trabalho são comuns entre os/as que vivem a situação de imigração, sendo mais relevante nas pessoas com poucas qualificações profissionais (Baganha, 2001). E “as mulheres imigrantes têm uma pior rentabilização do seu capital humano, comparativamente aos homens” (Oliveira, 2007, p.47).

Estes e outros fatores poderiam ser considerados como indicadores que despoletam o aparecimento do “bichinho de regressar”:

“Gostei, foram três anos de trabalho até que começa a vir o bichinho de regressar a casa. Quero regressar para casa, já sou licenciada, tenho minha experiência de trabalho, mas hoje em dia já não basta a licenciatura, né? As empresas começam a ser exigentes e nós também temos a nossa própria ambição e nossa própria vaidade, né.” (Hivi, p.XXI).

Ao projetar a volta para o seu país de origem, Teresa pensa no retorno em relação ao investimento nos anos de estudos e as possibilidades de reconhecimento e inserção profissional em Moçambique. E também mostra sua consciência sobre a necessidade de aperfeiçoamento que o mundo do trabalho atualmente exige. E neste aspecto, Vitorino (2007, pp.41-42) indica que:

“A mobilização das diásporas na perspectiva do desenvolvimento dos países de origem não pode, aliás, ser considerada apenas no tocante ao período de permanência dos imigrantes nas sociedades de destino, devendo também ser enquadrada no quadro da definição de programas de retorno de imigrantes aos respectivos países de origem, tendo em vista potenciar a sua reinserção económica e social”.

Sendo assim, é importante que os países que tem uma história de fluxos emigratórios, desenvolvam também políticas de reintegração daqueles que retornam à sua pátria.

³⁴ Para Weil, 1996, p.347: “O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente.”

Retomando a história de Teresa, observamos que os anos em que viveu fora já lhe conferem, entre os seus, um sentimento de diferenciação. Ela relata que, quando vai de férias, às vezes é chamada de “tuguinha” e que é vista de um outro modo pela sua família e amigos/as. Obviamente, as pessoas que retornam de um processo longo de imigração trazem consigo novos hábitos adquiridos pelo contato com a outra cultura e é natural que, ao início, aconteça o processo de readaptação. Então, Teresa compartilha conosco suas reflexões em relação ao processo de reintegração pelo qual irá passar ao regressar a Moçambique:

“Mas claro que tenho também alguns receios. São muitos anos fora. São dezesseis anos fora, que implica recomençar tudo de novo.” (Hivi, p. XLVI).

“É assim, nós não perdemos a nossa cultura africana. Mas também temos que voltar a entrar no ritmo. Porque nós não vivemos a cultura africana o dia a dia cá. É diferente. Preparamos os nossos pratos típicos e saímos, mas há alguns aspectos que, no meu caso, já estou um bocado desligada.” (Hivi, pp.XLVI-XLVII). Vou voltar, mas vou ter que me refazer como pessoa. E claro, vou me preparando desde já para encarar. Só assim que vou poder dar um melhor contributo. Porque senão voltaremos a falar da nova depressão. Daqueles estados de espírito que nos fazem entrar em depressão porque não nos habituamos às situações.” (Hivi p. XLVII).

“E eu vou ter que chegar lá e desacelerar-me um bocadinho. Eu não vou chegar lá e dizer: “Toda a gente vamos a duzentos [km]!” Eu é que vou ter que adaptar ao ritmo. Acho que é isso e espero que tudo corra bem.” (Hivi p. XLVII).

“Vou precisar de me integrar, de lidar com aquelas situações todas que nós vivemos, da pobreza. Em olhar para as ruas e conviver com os meninos que estão na rua a pedir. E claro, os olhos depois habituem-se e aquilo passa a ser normal. Porque, no início, quando vamos lá de férias e vemos aquelas desgraças todas achamos muito triste e é sempre um choque. Mas o que eu me apercebi é que, depois de algum tempo, os olhos habituem-se. Por isso, a maioria dos problemas não se resolvem. Porque nós habituamo-nos a olhar e a conviver com a desgraça e depois não muda nada. Vamos ver se os meus olhos se vão habituar a conviver com estes problemas que o país encara.” (Hivi p. XLVII).

Mesmo participando do cotidiano da comunidade africana em sua cidade de acolhimento em Portugal, ela ainda assim sente-se apartada da cultura africana. E por mais que se repitam os rituais, não se consegue reproduzir a força que a imersão cultural tem na formação identitária. No entanto, a narradora faz um balanço sobre as mudanças pelas quais passou ao longo da imigração:

“Será que realmente vale a pena abdicar da família e da nossa terra para irmos para um sítio diferente por causa dessa nossa ambição de formação e não sei quê? Isso faz-me pensar muito. Repenso sempre: “Será que adiantou? O que é que eu ganhei com isto? Será que alguém me vai reconhecer por isto?” Claro que nós não estamos preocupados com o reconhecimento dos outros, mas o nosso próprio reconhecimento de olhar e dizer que não me envergonho dos passos que eu dei, de tudo que eu fiz.” (Hivi, p.XLVIII).

A reflexão que Teresa faz certamente não pertence apenas a ela. Enquanto sujeito social, Teresa expressa o sentimento que perpassa a história de muitos/as imigrantes que olham para suas trajetórias de imigração e se vêem diante de questões existenciais oriundas desta experiência.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, a vida acadêmica continua sendo o foco das preocupações da nossa protagonista. Teresa imigrou para Portugal com objetivos acadêmicos e, apesar das adversidades, este motivo inicial nunca foi abandonado. Teresa foi cumprindo etapas e evoluindo em sua vida estudantil. Ela completou a licenciatura e agora alsa novos vãos com o mestrado. Pois, como ela mesma diz, as necessidades do mercado de trabalho demandam uma boa preparação e ela não perde as boas oportunidades que lhe surgem:

“Planos para o futuro? Acabar o mestrado. Mas tu tás pior que eu. Ter que aturar a minha voz durante não sei quantas horas depois da entrevista. (...) E espero que não me apareça nenhuma oportunidade boa para eu dizer: “Vou agüentando mais um tempo aqui na Europa.” Se surgir, claro, eu não perdôo! Aproveito sempre

as oportunidades que me surgem. Mas meu plano é mesmo regressar. Acho que o meu contributo cá, tanto a nível profissional, acho que já dei.” (Hivi, p. XLVI).

Outra questão interessante que aparece nesta passagem é a identificação. As palavras de Teresa demonstram que existiu a formação do vínculo entre a entrevistada e a pesquisadora. E este processo facilitou o desenrolar das entrevistas, criando um sentimento de confiança e reciprocidade.

Retomando o tema da integração social, percebemos que depois de tantos anos vivendo em Portugal, a nossa narradora criou suas estratégias de adaptação e, neste momento, sente-se mais estável pelo próprio conhecimento sobre a sociedade de acolhimento que o tempo e o cotidiano trazem aos imigrantes. Apesar de ter que enfrentar um novo processo de inserção em outra cultura, ela sente-se mais fortalecida por ter, de certa forma, aprendido a se adaptar:

“Isso faz me pensar. Imagina que eu vou enfrentar uma nova situação por seis meses em Espanha. É outro ambiente. Eu já estive lá de férias, mas acho que é um povo completamente diferente dos portugueses. São mais abertos, são não sei quê, mas não sei. Isto é a primeira impressão. E a parte errada? Não sei. Vou ter que enfrentar uma nova integração. Mas pronto, para quem já foi imigrante, já não tem medo. Neste caso, já passei por Portugal, já não vai ser complicado enfrentar essa nova guerra. Nem o regresso para Moçambique. Já estamos vacinados!” (Hivi, p. XLVII).

“Agora, neste momento, o fato de ter imigrado, noto que fiquei uma pessoa sem medo. Não é bem conseguir dar a volta, mas é conseguir enfrentar as situações. Eu acho que tornei-me uma pessoa muito mais forte do que se tivesse ficado só com os meus pais e tudo.” (Hivi, p. XIX).

Assim, Teresa partirá para uma nova vida na Espanha e poderá futuramente comparar as diferenças e semelhanças em relação a este novo processo migratório pelo qual irá passar.

3. A história de vida como reconstrução de si: *Todos nós temos uma história para contar*

Falar de si implica abrir ao outro as portas para o mundo subjetivo que cada um constrói. Cada vez que Teresa nos presenteia com a sua experiência de vida temos acesso a algo que jamais seria possível se ela não se dispusesse a tal. Ao falar de si, esta mulher deixa registrada a preciosidade da sua experiência única. Ao mesmo tempo, ela também é um sujeito social e em sua história vemos refletida as histórias de muitas mulheres, muitos/as estudantes, muitos/as imigrantes. Existe aí um entrelaçamento, um diamante que tentamos em vão lapidar, pois a profundidade de uma vida é tamanha para a pretensão de ser totalmente desvelada.

“E tem que ir pra frente e vamos tendo outras experiências, não é?! Esta também, de poder estar aqui a falar um bocado de mim, também é uma delas no fundo!” (Hivi, p. XX).

“Cá estamos nós, falei da minha vida das outras vezes e, no fundo, estás a percorrer um bocadinho daquilo que eu sou, os meus passos!” (Hivi, p. XXXIII).

Percorremos os passos de Teresa, na medida em que ela foi se envolvendo com o processo de contar sua história e tornando-se cada vez mais o sujeito ativo e reflexivo ao longo da narrativa oral de sua vida.

Teresa nos relata como foi positiva a experiência de narrar a sua história de uma forma global, ao invés de contar apenas partes fragmentadas. A visão holística de que nos fala Ferrarotti

(1983) surge na sua reflexão como crucial para o conhecimento de si e para o conhecimento social:

“A experiência de contar a minha história foi ótima! Ótima, porque nós estamos habituados a contar uma determinada história e não quase toda ela. Aqui, falamos de alguns aspectos. Uma coisa é chegar e contar por força das circunstâncias, estamos num determinado contexto, falamos mas são conversas que demoram dez minutos ou estamos num jantar e falamos um bocadinho. Depois daquilo, acabou. Nós não fazemos uma reflexão realmente daquilo que foi a nossa vida.” (Hivi, p. XLVII).

“Esta entrevista foi ótima no sentido de que ajudou-me também a parar e a pensar um pouco naquilo que eu fiz e que todos nós somos importantes e temos uma história para contar! Nós estamos habituados a ver só figuras públicas na televisão, no biography channel, como se nós não tivéssemos histórias. Como se nós não pudéssemos contribuir.” (Hivi, p. XLVII).

“E isto para mim ajudou-me a repensar um pouco aquilo que eu sou realmente. Esta entrevista foi também um dos momentos altos, marcantes.” (Hivi, pp. XLVII-XLVIII).

Nossa narradora finaliza sua história com o sentimento de que a experiência de “se contar” transcendeu a mera resposta a questões ou um relato vago e sem sentido. Em muitos momentos, ela indica que contar a sua história possibilitou *insights* e reflexões que foram transformadoras para ela. Em relação a esta questão, Adriana Gomide Araújo (2006, p.21) nos diz que:

“O método transcende à experiência que passa de boca em boca, ele pode ser uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento na medida em que dispõe de uma lógica que convida o sujeito a refletir sobre si. O lugar da palavra é privilegiado e parece se distanciar da “palavra vazia” que, muitas vezes, ocupa um lugar de destaque na vida cotidiana. O convite: *conte-me a sua história*, pode ser transformado em: reflita sobre a sua história. Esclarecemos que essa transformação não pode ser uma imposição, ela pode ou não ocorrer. O grau de implicação do sujeito com esse contar que é endereçado ao outro (pesquisador), parece indicar o sucesso do uso da metodologia.”

Neste sentido, a intenção do método foi cumprida com sucesso. O processo de elaboração da história de vida tornou-se também um espaço de mudança para quem a conta e para quem a ouve e talvez instrumento de transformação num sentido de inspirar outros estudos ou intervenções.

“E mesmo assim vou sair daqui... aliás sempre que eu saía da entrevista contigo eu demoro praí um ou dois dias a pensar naquilo que eu não falei. Porque eu gostava de ter contribuído com muito mais, porque a nossa vida tem tantas histórias! É o que muitas vezes dizem: “Enquanto tu andares, está tudo bem”. Mas no dia que perdermos um dedo vamos nos dar conta que aquele dedinho fazia-nos falta. Isto para dizer que são tantas histórias e algumas nós nem damos importância. Mas que depois garanto que amanhã vou recordar de uma história tão bonita que não te contei ou uma tão triste.” (Hivi, p. XLVIII).

“Falamos aqui da violência e andei à procura de algumas para contar e algumas que testemunhei e fico triste quando sinto que podia ter dado mais também. Porque não é todos os dias que fazemos uma retrospectiva daquilo que foi e que tem sido a nossa vida.” (Hivi, p. XLVIII).

Teresa expressa como o ato de narrar sua história repercute em seu dia-a-dia e ecoa em outros momentos que não o *setting* previamente combinado. E por mais que ela se recorde, nunca é possível contar todos os detalhes e o que é dito também é escolhido por ela. A narradora seleciona o que quer e deve contar. O que ela transmite nunca é algo meramente ingênuo. Existe uma intenção no que é dito, por mais que não seja totalmente consciente por parte da narradora. Deste modo, Teresa finaliza o relato avaliando como foi viver a experiência de contar de sua vida:

“Espero que tenha sido útil e que daqui para frente eu realmente repense. Para mim, contar a minha história contribuiu para eu repensar aquilo que eu sou.” (Hivi, p. XLVIII).

“E adorei mesmo! Se fosse para passar por essa experiência de novo, eu aceitaria. Aceitaria sem dúvida, eu não tenho medo. Aceitaria mesmo porque eu acho que ajuda-nos um bocado a olhar para aquilo que nós somos realmente. Acho que qualquer um de nós, mesmo que seja uma entrevista anônima para quem quer que seja. Independentemente ajuda-nos sempre a refletir. A não ser que a pessoa saia com invenções, disposta

a contar uma história da Alice no País das Maravilhas. Ninguém tem só coisas boas para contar, mas pronto. Adorei!” (Hivi, p. XLVIII).

Quando se conta uma história de vida faltamente o conteúdo trágico da trama também aparece no enredo. E a realidade nua e crua pode ser ou não bonita como nos conto de fadas. Mas o que realmente importa é a veracidade dos fatos que não podem ser apagados e servem de instrumentos para evoluirmos, pois somente a partir da avaliação e crítica do passado efetivamente podemos tentar construir o futuro.

Deste modo, esta análise possibilitou a abertura para a reflexão crítica e teórica acerca da história de Teresa, reforçando a noção de que o conteúdo subjetivo ultrapassa a barreira do sujeito e nos transporta para um nível macrossocial. Possibilitando assim uma análise psicossociológica que abre caminhos para novas concepções e idéias no sentido das relações entre imigração, gênero e “raça”, violência e saúde.

CONCLUSÕES

*Se não houver frutos,
Valeu a beleza das flores,
Se não houver flores,
Valeu a sombra das folhas,
Se não houver folhas,
Valeu a intenção da semente.
(Henfil)*

*Para mim, contar a minha história
contribuiu para eu repensar aquilo que eu
sou. (Hivi, p.XLVIII)*

Esta dissertação de mestrado centra-se no estudo da trajetória, experiências e subjetividades de uma mulher negra, moçambicana, estudante universitária que vive a experiência de imigração para Portugal. Contamos a história de vida de Teresa e também refletimos e discutimos acerca das questões de estudo levantadas e expostas na introdução desta pesquisa.

Para que fosse possível a realização desta investigação científica, fundamentamo-nos nos estudos sobre história de vida (Ferrarotti, 1983), imigração (Esteves *et. al.*, 1991), mulheres moçambicanas (Khan 2008, 2006), imigrantes africanos/as (Gusmão, 2004), gênero (Scott 2002, 1995; Butler 2008, 2002), violência de gênero (Saffioti, 2004), gênero e “raça” (Azerêdo, 1994), saúde (Dias e Gonçalves, 2007) e outras pesquisas e autores/as, que nos possibilitaram a sustentação teórica e a discussão do rico material biográfico que obtivemos.

A própria natureza do método e sua teoria indicam que este é um trabalho à guisa de conclusões. Vamos tecer algumas considerações finais, não no sentido de apresentação de resultados, mas como uma elucidação do processo desta pesquisa e quiçá como abertura para novas possibilidades de investigações e estudos.

A experiência de pesquisa demonstra a profundidade que contém uma vida. Os processos sociais, históricos, culturais, existem porque são criados e vividos pelas pessoas, sendo assim existe uma troca constante entre a subjetividade e os processos coletivos. Mulheres e homens são testemunhas e autores dos fatos sociais, inserem-se no mundo de forma transformadora e contróem sua subjetividade e sua história de vida mediados pelo mundo e pelas relações que estabelecem ao longo de seu percurso.

O primeiro desafio foi encontrar uma pessoa que aceitasse contar a sua história. Pois, a partir do momento em que se instaura o processo de pesquisa, o/a narrador/a mergulha num processo de elaboração e reflexão sobre sua trajetória pessoal. Recordar traz reminiscências antigas e por alguns momentos a sensação de reviver o passado.

Não é tão fácil encontrar pessoas que se dispõem a remexer num baú que pode estar bem guardado, ou seja, o passado distante que, de uma hora para outra vem à tona e está novamente presente no discurso e nas lembranças. Podendo provocar novas elaborações e até alterar o curso do presente, pois pode gerar desdobramentos no campo psicológico, despertando emoções que podem abalar, transformar, etc. Além do fato de que o processo de construção de uma história de

vida é mais longo e demorado do que apenas uma entrevista e demanda um investimento no processo tanto da parte do/a narrador/a quanto do/a pesquisador/a.

O relato de Teresa por si mesmo, já contém uma força expressiva que trouxe à pesquisa uma profundidade e riqueza inesperadas, onde as experiências e subjetividades da narradora nos desafiam a encontrar caminhos heurísticos para a construção do conhecimento. Em muitos momentos, Teresa faz reflexões que dispensam uma forte ilustração teórica, pois o objetivo do método de histórias de vida é dar vazão ao conteúdo subjetivo presente na história. E neste aspecto o relato de Teresa é precioso por sua riqueza de conteúdo.

Neste aspecto, percebemos que o objetivo da pesquisa foi cumprido, no sentido de possibilitar o acesso a um dado conhecimento que jamais seria possível adentrar sem o consentimento e o “dar-se a conhecer” que é uma escolha da narradora.

Em relação ao percurso que a história apresentada nos conduz, podemos concluir que a maioria das questões que motivaram este estudo apareceram na história de vida e que a situação de vulnerabilidade social atinge as mulheres imigrantes africanas, independentemente do *status* que ocupam no país de acolhimento. O trinômio gênero, “raça” e classe, cruzado com a imigração, é fulcral na história desta mulher e de tantas outras. Iniciamos este estudo ressaltando o fato de Teresa ser africana e ela mesma se auto-denomina: “Africana, negra”. O impacto da sua “raça” é demonstrado em vários momentos. Teresa é alvo de preconceito racial, de violência sexista e de gênero. Ela é uma jovem oriunda de uma família de classe social elevada que, com a experiência de imigração, vivencia situações de classe social desfavorecida.

A sua trajetória demonstra como ainda é insatisfatório o acolhimento aos/às estudantes estrangeiros/as. A sua integração “bem sucedida” no meio acadêmico provém de um esforço pessoal de rompimento da barreira social que muitos/as não conseguem fazer. O exemplo do colega que passou por dificuldades demonstra que a integração dos/as estudantes estrangeiros/as no meio acadêmico não é fácil e muito menos orgânica. A condição de universitária não a protege de vivenciar os processos de exclusão, estigma, preconceito racial, como qualquer outra mulher africana imigrante está sujeita a experimentar.

Na história, as situações de violência perpassam vários âmbitos: gênero, sexismo, racismo, etc. Sendo assim, optamos por dizer que nossa narradora sofre violências. E verificamos que a rua é mesmo um local de perigo e palco de situações que podem ocasionar danos físicos e psicológicos às mulheres imigrantes. Logo, a violência no espaço público aparece na história de Teresa demonstrando a importância de uma ótica que perceba não só a vulnerabilidade da mulher no *locus* doméstico, mas que a mulher imigrante está igualmente muito exposta no âmbito público. E assim como Teresa, várias mulheres imigrantes sofrem situações de violência nas ruas e, neste sentido, esta pesquisa aponta para a necessidade de uma maior relevância ser dada a esta questão tanto a nível científico, quanto de políticas de prevenção e apoio.

Acerca da saúde, notamos que principalmente a parte fisiológica foi afetada com a situação de imigração. Na fase de adaptação, nossa narradora ressalta o impacto físico provocado por sua chegada e também as experiências de outras colegas que viviam situações mais difíceis. Foi possível compreender, através da história de Teresa, que a situação de imigração causa impactos na saúde física e psicológica das mulheres que passam por esta experiência.

Em sua fala sobre a experiência de ser imigrante, Teresa indica que tem consciência de suas perdas (família), ganhos (autonomia) e doações (trabalho), durante o processo. Ela também faz referências aos contributos que ofereceu a Portugal e reconhece que a imigração trouxe-lhe, por exemplo: força, capacidade de vencer o medo, maturidade, etc.

A narradora enfatiza também a questão do regresso à sua pátria. Ela sabe que a aguarda uma nova exigência de adaptação. E até sugere que sua história não termine nesta pesquisa e quem sabe sua trajetória de retorno também possa ser futuramente registrada e estudada.

Percebemos que, das questões iniciais que motivaram esta investigação científica, a que mais deixa sua marca é a inseparabilidade, que os estudos feministas acerca das mulheres negras e mestiças já apontaram, das questões de gênero, “raça” e classe. E que tão evidenciada aparece no relato desta mulher moçambicana.

Esta história nos ensina que ainda há muito a se ouvir e a dizer sobre as mulheres imigrantes moçambicanas em Portugal. Pela riqueza da experiência que estas mulheres trazem consigo e por ser ainda tão pouca a expressão de suas histórias, tanto na literatura científica quanto no cotidiano das mulheres africanas que aqui vivem. Tornou-se evidente, nesta dissertação, a importância da continuidade desta pesquisa.

A complexidade trazida pela história narrada corroborou as proposições de Ferrarotti (1983) acerca de que uma única história já é suficiente para a construção de uma investigação científica. E não é tarefa simples aventurar-se em um estudo que não pode ser controlado, desafiando o/a pesquisador/a a lidar com conteúdos imprevistos e com a angústia da análise de um material vasto e denso. Obviamente, não foi possível para nós analisarmos todos os dados que surgiram, deixando então aberta a possibilidade para futuros aprofundamentos.

Esta investigação científica tem um caráter exploratório, pois o objetivo é de apresentação dos fatos sociais sem nenhuma intenção de criar uma generalização ou encontrar causas últimas. Dado que as pesquisas acerca de mulheres moçambicanas em Portugal ainda são escassas, assim como a utilização acadêmica desta metodologia na psicologia, ressaltamos o caráter precursor desta pesquisa e seu papel no sentido de ser também um estímulo a novas produções científicas neste campo do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, J.F, Capucha, L.A., Costa, A.F., Machado, F.L., Nicolau, I., Reis, E.(1994) *Exclusão Social: Factores e Tipos de Pobreza em Portugal*. Celta Editora: Oeiras.

Amâncio, Lúcia. (1994). Os sentidos do ser. In: *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento.

Araújo, Adriana Dias Gomide (2006). *Território e Trabalho Como Possibilidade de Enraizamento: A História de Valdete do Alto Vera Cruz*. Dissertação de mestrado: Universidade Federal de Minas Gerais.

Araújo, Helena C. (1995). *As professoras primárias e as suas histórias de vida: das origens aos primeiros anos de vida profissional*. Porto: Educação, Sociedade e Culturas, n.3 pp.7-36.

Araújo, Helena C. (1991). *Procurando as lutas escondidas através das histórias de vida*. Porto: Consulta Psicológica, n.6 pp. 33-40.

Azerêdo, Sandra (1994). *Teorizando sobre gênero e relações raciais*. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, número especial, 2º sem, pp. 203-216. [on line]. Disponível em <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/08112009-064854azeredo.pdf>. Consultado em 02 de fevereiro de 2010.

Balding, Val; Euler, Catherine; Hanmer, Jalna e Wigglesworth, Debbie. (2006) A circulação de mulheres: cidadania, migração e processos de integração europeia. In: *As mulheres na União Europeia. Família, cidadania e migração*. Lisboa: Ela por Ela.

Balibar, E. e Wallerstein, I.(1991). *Race, nation and class. Ambiguous Identities*. New York/London: Verso.

Bardin, Laurence. (1988). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barros, Vanessa Andrade de, Silva, Lílían Rocha da (2002). A pesquisa em história de vida. In: Goulart, Iris Barbosa (org.). *Psicologia Organizacional e do Trabalho; teoria, pesquisa e temas correlatos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Bauman, Zygmunt. (1998). *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Baganha, Maria I. (2001). A cada Sul o seu Norte: Dinâmicas migratórias em Portugal. In: Santos, Boaventura de Sousa (org.). *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* Porto: Edições Afrontamento.

Bertaux, Daniel. *Les récits de vie, perspective ethnosociologique*. Paris: Nathan, 1997.

Bourdieu, Pierre (2006). *O poder simbólico*. Tradução: Tomaz, Fernando. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bourdieu, Pierre (coord.) (2001). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes.

Bosi, Ecléa (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Butler, Judith (2002). *Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler*. Florianópolis: Revista Estudos Feministas (01) p.155-167.

- Butler, Judith (2008). *Cuerpos que importan: Sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós.
- Coleman, K., et al. (2007). *Homicides, Firearm Offences and Intimate Violence 2005/2006*, Supplementary Volume 1 to Crime in England and Wales 2005/2006, Home Office.
- Collins, Patricia Hill (2009). *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. Londres: Routledge.
- Costa, Alfredo Bruto (1998). *Exclusões sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Chauí, Marilena (1985). Participando do debate sobre mulher e violência. In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, p.25-62.
- Da Matta, Roberto. (1985). *A casa e a rua*. São Paulo, Editora Brasiliense.
- Dias, Sónia e Gonçalves, Aldina. (2007). *Migração e Saúde*. [on line]. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_1/migracoes1_art1.pdf. Consultado em 01 de março de 2010.
- Finney, Andrea (2006). *Domestic Violence, sexual assault and stalking: finding from the 2004/2005 British Crime Survey*, Home Office Online Report 12/06.
- Elias, Norbert e Scotson, John L. (2000): *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Enriquez, Eugène. (2001). O vínculo grupal. In: *Psicossociologia; análise social e intervenção*. André Lévy et al.; Marília Novais da Mata Machado et al. (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Esteves, Maria do Céu (org.) (1991). *Portugal, país de imigração*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Ferrarotti, Franco (1983). *Histoire et Histoires de Vie, la méthode biographique dans les sciences sociales*. Paris: Librairie des Méridiens.
- Freire, Paulo (1998). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, Paulo (1999). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gaulejac, Vincent de et al. (2005). História de vida: entre sociologia clínica y psicoanálisis. In: *Historia de Vida. Psicoanálisis y Sociología Clínica*. México: Universidad Autónoma de Querétaro.
- Gaulejac, Vincent de (2001). Psicossociologia e sociologia clínica. In: *Cenários Sociais e Abordagem Clínica*. José Newton Garcia e Teresa Cristina Carreteiro (orgs.). São Paulo: Escuta, Belo Horizonte: Fumec.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora da UNESP – Biblioteca Básica.
- Goffman, Erving. (1988). *Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.

- Guareschi, Pedrinho. A. (2006). Pressupostos Psicossociais da Exclusão: competitividade e culpabilização. In: Sawaia, B.(Org.) *As Artimanhas da Exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes.
- Gusmão, Neusa M. M. (2004). *Os filhos da África em Portugal – Antropologia, multiculturalidade e educação*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Grondin, D. & Klein-Solomon, M (2006). *Foreword International Organization for Migration (IOM)*, Genebra.
- Haraway, Donna. (2004). “Gênero” para um Dicionário Marxista: a política sexual de uma palavra. Campinas: Cadernos Pagu (22) pp.201-204.
- Halbawchs, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- Jesus, Damásio de.(2006). *Stalking*. São Paulo: Complexo Jurídico Damásio de Jesus. [on-line]. Disponível em http://cjdj.damasio.com.br/?page_name=art_028_2006&category_id=339 Consultado em 20/02/2010.
- Khan, Sheila (2008). Postcolonial African Immigration to Portugal: African Mozambican Immigration. Prem Poddar, Rajeev S. Patke, and Lars Jensen (eds.) [Encyclopaedia Entry], *A Historical Companion to Postcolonial Literatures: Europe and Its Empires*. Edinburgh University Press, pp.487-488.
- Khan, Sheila (2006). *Identidades sem chão – imigrantes afro-moçambicanos: narrativas de vida e de identidade, e percepções de um Portugal pós-colonial*. University of Wisconsin: Luso-Brazilian Review (43) n.2 pp.1-27.
- Lechner, E. (2005). O sofrimento dos migrantes e o encontro de ordens simbólicas, *In Revista de Psiquiatria do Hospital Amadora Sintra*.
- Lisboa, M., Vicente, L.B, e Barroso, Z. (2005). *Saúde e Violência Contra as Mulheres. Estudo sobre as relações existentes entre a saúde das muitas e as várias dimensões de violência de que tenham sido vítimas*. Lisboa: DGS.
- Lisboa (coord.), Manuel e Barroso, Zélia e Patrício, Joana e Leandro, Alexandra (2009). *Violência e Género - Inquérito Nacional sobre a violência exercida contra mulheres e homens*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Machado, Igor. (2006). *Imigração em Portugal*. Estudos Avançados, n.20. vl. 57 pp. 119-135. São Paulo: USP.
- Magalhães, Maria José. et al. (2007). *Gostar de mim, gostar de ti – aprender a prevenir a violência de género*. Lisboa: UMAR.
- Magalhães, Maria José.(2005). *Mulheres, Espaços e Mudanças: o pensar e o fazer na educação das novas gerações*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade do Porto.
- Magnani, José Guilherme Cantor.(1993). *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana* [on-line] In: NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP. [on line]. Disponível em <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Consultado em 15/01/2010.

- Marshall, Barbara L. (1994). *Engendering Modernity: Feminism, Social Theory and Social Change*. Cambridge: Polity Press.
- Maturana, Humberto. (1997). Tudo é dito por um observador. In: Magro, C.; Graciano, M.; Vaz, N. (Org.). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, pp.53-66.
- Minayo, Maria Cecília de Souza. (1999). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Haucitec; Rio de Janeiro: Abrasco.
- Minayo, M. C. S (1994). *A violência social sob a perspectiva da saúde pública*. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, (10) suplemento 1, pp.07-18.
- Nata, Gil.(2007). *Diferença Cultural e Democracia – Identidade, cidadania e tolerância na relação entre maioria e minorias*. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Neto, Félix. (2002). Cultura e questões sociais. In: *Psicologia intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nogueira, Conceição (2001). *Feminismo e discurso de gênero na psicologia social*. Psicologia & Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social. (13) n.1 pp.107-128.
- Oliveira, Belkis. (2007). *Factores Preditores de Empregabilidade de Migrantes. Factores Psicossociais e Sociais Preditores de uma Boa Integração no Mercado de Trabalho de Migrantes: Implicações para as Políticas de Emprego e Para os Serviços de Apoio à Integração*. Porto: Associação de Solidariedade Internacional.
- Oliveira, C.R. (2004). *Estratégias Empresariais de Imigrantes em Portugal*. Lisboa: ACIME.
- Pires, Rui Pena.(2003). *Migrações e Integração: Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*. Oeiras: Celta Editora.
- Poirier, Jean, Simone Clapier-Valladon, Paul Raybaut. (1995). *Histórias de vida: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Prado, Marco Aurélio M. (2000). *Psicologia Política e Ação Coletiva: Notas e reflexões acerca da compreensão do processo de formação identitária do “nós”*. Belo Horizonte: Revista Psicologia Política, pp. 153-154. [on line]. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/pdfv1r1/Marco.pdf>. Consultado em: 02 de março de 2010.
- Reis, E. et al. (1994). *Exclusão Social – factores e tipos de pobreza em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Rodrigues, Cristiano Santos (2006). *As Fronteiras Entre Raça e Gênero na Cena Pública Brasileira: Um Estudo da Construção da Identidade Coletiva do Movimento de Mulheres Negras*. Dissertação de mestrado: Univesidade Federal de Minas Gerais.
- Saffioti, Heleieth I.B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Saffioti, H.I.B. (2001). *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*. Campinas: Cadernos Pagu, v. 16, pp.115-136.

- Saffioti, H.I.B. (1992). Rearticulando gênero e classe social. In: Costa, A.O.; Bruschini, C. (orgs). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- Santos, Boaventura de Sousa (org.) (2001). *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* Porto: Edições Afrontamento.
- Sawaia, Bader. (Org.). (2006). *As Artimanhas da Exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes.
- SEF (2008). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. [on line]. Disponível em: http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/estatisticas/index.aspx?id_linha=4224&menu_position=4142#0. Consultado em 18 de janeiro de 2010.
- Sévigny, Robert (2001). Abordagem clínica nas ciências humanas. In: *Cenários Sociais e Abordagem Clínica*. José Newton Garcia e Teresa Cristina Carreteiro (orgs.). São Paulo: Escuta, Belo Horizonte: Fumec.
- Silva, M.B. (1993). *Emigração e Imigração em Portugal*. Algés: Editorial Fragmentos.
- Soulet, M. (org.). (2000). *Da não-integração – tentativas de definição teórica de um problema social contemporâneo*. Coimbra: Quarteto Editora.
- SOS Racismo (2005). *Imigração e Etnicidade – Vivências e trajetórias de mulheres em Portugal*. Santa Maria de Feira: Rainho & Neves.
- Scott, Joan (2002) *Fantasy Echo: História e a Construção da Identidade*. Tradução de Fernanda Soares. [on line]. Disponível em http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/scott1.html Consultado em 02 de janeiro de 2010.
- Scott, Joan.(1995). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre: FAE/UFRGS (20) n.2 pp. 71-100.
- Schraiber, Lilia Blima et al. (2005). *Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, saúde e os direitos humanos*. São Paulo: Editora UNESP.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tinoco, Rui (2004). *História de vida: um método qualitativo de investigação*. [on line]. Disponível em www.psicologia.com.pt. Consultado em 10 de setembro de 2009.
- Todd, E. (1994). *O Destino dos Imigrados – Assimilação e Segregação nas Democracias Ocidentais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vala, Jorge (org.), (1999). *Novos Racismos: Perspectivas Comparativas*. Oeiras: Celta Editora.
- Venâncio, José Carlos (2000). *A Imigração Africana na Europa Ocidental – Algumas considerações*. Working-Paper nº 1. Universidade da Beira Interior. Departamento de Sociologia e Comunicação.
- Vitorino, António. (2007). *Imigração: Oportunidade ou Ameaça? Recomendações do Fórum Gulbenkian Imigração*. Estoril: Princípia.
- Walgrave, L. (2000). Vulnerabilidade societal e acção social. In: *Da não-integração – tentativas de definição teórica de um problema social contemporâneo*. Coimbra: Quarteto Editora.

Wall, Karin et. al. (2008). *Trajectória de mulheres imigrantes em Portugal*. VI Congresso Português de Sociologia. Área temática: migrações, etnicidade e racismo. [on line]. Disponível em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/476.pdf>. Consultado em 28 de fevereiro de 2010.

Weil, Simone. (1996). O enraizamento. In: BOSI, Ecléa (org.). *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.